

Universidade Federal de Juiz de fora
Programa de Pós-graduação em Educação
Doutorado em educação

WESCLEY DINALI

Pesquisar em educação: um passeio estéticoanarcoesquizonoisepunk

Juiz de Fora
2020

WESCLEY DINALI

Pesquisar em educação: um passeio estéticoanarcoesquizonoisepunk

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, área de concentração: Educação Brasileira: gestão e práticas pedagógicas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sônia Maria Clareto

Juiz de Fora
2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Dinali , Wescley .

Pesquisar em educação: um passeio estéticoanarcoesquizonoisepunk / Wescley Dinali . -- 2020. 221 f.

Orientadora: Sônia Maria Clareto

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.

1. Educação . 2. Movimento punk . 3. Arte de viver . 4. Esquizoanálise . I. Clareto , Sônia Maria , orient. II. Título.


Wesley Dinali

Pesquisar em educação: um passeio estéticoanarcoesquizonoisepunk

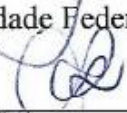
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: “Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas”.

Aprovada em 09 de março de 2020.

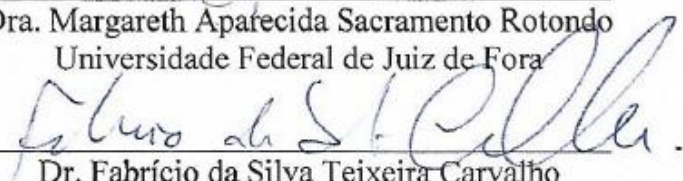
BANCA EXAMINADORA




Dra. Sônia Maria Claretto - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora



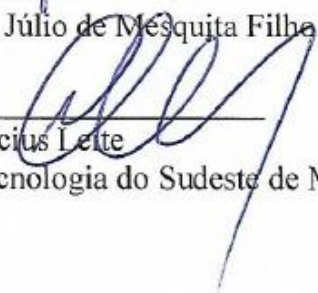
Dra. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Fabrício da Silva Teixeira Carvalho
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Roger Miarka
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho



Dr. Marcos Vinícius Leite
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

Sim, só Dinali... Quantas Helenas?

À Helena Maria Dinali (saudade eterna)

AGRADECIMENTOS

Mãe e pai, agradeço imensamente pelo amor, pelo carinho e pela confiança. Vocês são demais!

À Sônia Maria Clareto. Querida, obrigado pela confiança e apoio, sem você nada disso seria possível.

À Laíse, linda, sempre companheira e amiga. Você me ensina, fortalece minha vida, meus dias, minhas horas.

Ao Yuri Dinali, eu te amo demais filho. Você deixa meus dias muito mais leves. Cantaremos e dançaremos juntos, nos perdendo por aí, em educações!

Aos amigos e amigas em Travessia, por tantas segundas intensas.

Aos professores(as) doutores(as) Margareth Aparecida Sacramento Rotondo, Anelice Astrid Ribetto, Roger Miarka, Fabrício da Silva Teixeira Carvalho e Marcos Vinícius Leite por terem aceitado participar da banca de qualificação e defesa e, acima de tudo, pelas contribuições oportunizadas a partir das suas problematizações.

Aos amigos do underground.

Ao PPGE.

À CAPES e a UFJF pelo apoio financeiro.

À UFJF, por me receber durante tantos anos.

“Toda intensidade é portadora, em sua própria vida, da experiência da morte, e a envolve. E, sem dúvida, toda intensidade se extingue ao final, todo devir devém ele próprio um devir-morte!” (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p.437).

RESUMO

Inicialmente essa pesquisa se fez a partir de uma inquietação que surgiu juntamente com Foucault e minha vivência no movimento punk, no geral (crust, hardcore, anarco-punk, grindcore, noisecore etc.). Como fazer da vida uma obra de arte? Modos de existir como arte de viver? Criar outras formas de vida em meio às subjetividades impostas. Ora, de forma representativa, pode-se dizer que os punks promovem práticas que negam os padrões vigentes no que se refere aos modos de pensar o tempo, o espaço, o comportamento, a educação, o sujeito, a própria existência. Sobretudo, pelo seu caráter subversivo, pela sua potência de resistência política na contemporaneidade, pelo curioso modo de vida dos punks. Perguntas e respostas orgânicas? Territórios prontos? Linhas molares? Uma pesquisa sobre o movimento punk? Uma tese sobre punk? Um rosto punk? Esse quadro, essa imagem foi se transformando, se decompondo, morrendo no seu fazer-se. Múltiplos encontros se fizeram contágios: com Foucault, com Deleuze, com Guattari, com Nietzsche, com o Travessia... Quanto de vida cabe numa morte? A morte potencializando vidas. O que ocorreu foram desvios sucessivos, turbilhões de dúvidas, de escoamentos, perguntas e mais perguntas. Deformações anárquicas? A tese povoa com muitos, ela tem a ver com vida, com vidas que se cruzam, com vidas que se fabulam. Ela tem a ver com movimentos (lentidão, velocidade). Produz educações, com educações. Que educações possíveis? Que educações possíveis na e com a diferença? Esquizo... o passeio esquizo? Esquizoanálise. Fabular a vida cotidiana como força de criação resistindo às significâncias, às imagens prontas, às imagens postas que despotencializam a vida enquanto fluxo, enquanto resistência, enquanto devir. Escapar às subjetividades, fazer mundos outros, fazer vidas outras. Punxs em devir. Experimentar uma vida inventiva que reverbera no âmbito ético, estético, político. Que conexões possíveis? Uma pesquisa que segue produzindo com o barulho da vida, com o noise cotidiano. Inventando e criando modos de viver que operam potências revolucionárias. Pesquisa vida e e e...

Palavras-chave: Educação. Movimento punk. Arte de viver. Esquizoanálise.

ABSTRACT

Initially, this research was based on a concern that arose together with Foucault and my experience in the punk movement, in general (crust, hardcore, anarcho-punk, grinder, noisecore etc.). How to make life a artwork? Ways of existing as an art of living? Create other forms of life between the imposed subjectivities. Well, in a representative way, it can be said that punks promote practices that deny the current standards regarding which refers the ways of thinking about time, space, behavior, education, the subject, existence itself. Above all, for its subversive character, for its power of political resistance in contemporary times, for the curious way of life of punks. Organic questions and answers? Ready territories? Molar lines? Research about the punk movement? A thesis about punk? A punk face? This picture, this image was transforming, decomposing, dying in own making. Multiple encounters have become contagious: with Foucault, with Deleuze, with Guattari, with Nietzsche, with Travessia ... How much of life does a death fit? Death enhancing lives. What happened were successive deviations, swirls of doubts, flows, questions and more questions. Anarchic deformations? The thesis populates many, it has to do with life, with lives that intersect, with lives that become fabulous. It has to do with movements (slowness, speed). It produces educations, with educations. What possible educations? What possible educations in and with the difference? Schizo... the ride schizo? Schizoanalysis. Fabulating everyday life as a force of creation resisting the meanings, the ready images, the put images that do not potential life as flow, as resistance, while becoming. Escape subjectivities, make other worlds, make other lives. Punks in becoming. Experience an inventive life that reverberates in the ethical, aesthetic, political sphere. What possible connections? A research that continues to produce with the noise of life, with everyday noise. Inventing and creating ways of living that operate revolutionary powers. Research life and and and...

Keywords: Education. Punk Movement. Art of Life. Schizoanalysis.

Lista de imagens

Figura 1 – Ilustração de Camilo Jerez	36
Figura 2 – GG Allin's, <i>funeral – The final hellride</i> , 1993.....	37
Figura 3 – Na sala de espera de algum lugar em algum dia de 2017.....	42
Figura 4 – <i>No gods no masters</i> . Autoria própria.....	46
Figura 5 – <i>No gods no masters</i> , variações em travessia.....	47
Figura 6 – <i>UK. Punk London</i> , 1983, Nils Jorgensen.....	48
Figura 7 – “???”. Autoria própria.....	49
Figura 8 – “???”. Autoria própria.....	52
Figura 9 – Cleydina Dina? Autoria própria.....	53
Figura 10 – Chega de estereótipos do punk.....	55
Figura 11 – Experimentar. Autoria própria.....	56
Figura 12 – Fachada da loja <i>Sex</i> , 1973.....	67
Figura 13 – Colagem feita a partir de imagens e reportagens das revistas “Som” e “Olho de Porko”. Autoria própria.....	69
Figura 14 – Sex Pistols.....	70
Figura 15 – Um dos fundadores da banda Crass e da <i>Dial House</i> , Penny Rimbaud, na cidade de Divinópolis/MG em um evento promovido pelo Coletivo Pulso, Imprensa Marginal e <i>No Gods No Masters</i> . Autoria própria (2017).....	76
Figura 16 – Fanzine Anarcopunk Luciernaga # 6 (2010, p. 20).....	77
Figura 17 – VII Seminário Conexões. Autoria própria (2017).....	78
Figura 18 – VII Seminário Conexões. Autoria própria (2017).....	80
Figura 19 – VII Seminário Conexões. Autoria própria (2017).....	80
Figura 20 – VII Seminário Conexões. Autoria própria (2017).....	81
Figura 21 – Capa do Fanzine Kusturapatche # 2 (2016).....	95
Figura 22 – Fanzine I. A. P. # 1 de la Internacional Anarco-punk (2016, p. 20).....	112
Figura 23 – Sobre encontros. Autoria própria.....	118

Figura 24 – Imagem retirada do fanzine Bruxas Anarkas # 1 (2016, p. 2).....	119
Figura 25 – Dança. Autoria própria.....	120
Figura 26 – (A)cena 3. Autoria própria.....	125
Figura 27 – (A)cena 4. Autoria própria.....	126
Figura 28 – Pôster que compõe o Fanzine Kusturapatche # 2 (2016).....	127
Figura 29 – Sobre qualificações. Autoria própria.....	128
Figura 30 – Fanzine Total Dis-Kordia # 2 (2011, p. 14).....	129
Figura 31 – Bode. Autoria própria.....	140
Figura 32 – Bode. Autoria própria.....	140
Figura 33 – Imagem retirada do fanzine Ruido Crudo # 4 (2010, p. 9).....	153
Figura 34 – Informativo do movimento anarcopunk do Rio de janeiro (2000).....	156
Figura 35 – <i>CBGB's documentary 1978. CBGB's Blitzkrieg Bop Feat. Ramones, Blondie e Dead Boys</i>	158
Figura 36 – Capa do álbum <i>The Feeding of the 5000</i> , Crass, 1978.....	160
Figura 37 – Crass, não há autoridade a não ser você mesmo.....	161
Figura 38 – Capa do álbum <i>Arise</i> , Amebix, <i>Alternative Tentacles</i> , 1985.....	162
Figura 39 – <i>Bike punk</i>	163
Figura 40 – Amebix – <i>Arise</i> (live).....	164
Figura 41 – Doom - <i>Means to an end (live at Waiblingen, 1989)</i>	165
Figura 42 – Extreme Noise Terror - <i>Live London 1989</i>	165
Figura 43 – Fanzine Juventude Libertária Ação Direta # 10 [1996 ou 1997, p. 15].....	167
Figura 44 – <i>Dumpster Diving</i>	168
Figura 45 – Capa do álbum Ramones, <i>Sire Records</i> , 1976.....	170
Figura 46 – <i>CBGB's, Ramones live</i> , 1977.....	171
Figura 47 – Capa do Fanzine <i>Stupid Patriotism</i> (2015).....	172
Figura 48 – Capa do Fanzine <i>Visual Agression</i> (2014).....	173

Figura 49 – <i>Flyer</i> de divulgação, <i>gig Squat Toren/CE</i> . Arquivo pessoal.....	174
Figura 50 – <i>Flyer</i> de divulgação, <i>gig São Caos # 4</i>	175
Figura 51 – <i>Flyer</i> de divulgação, <i>gig Squat Toren</i> . Arquivo pessoal.....	176
Figura 52 – <i>Flyer</i> de divulgação de sarau, <i>Squat 171</i>	176
Figura 53 – <i>Flyer</i> de divulgação, <i>gig Espaço Amaranto</i> . Arquivo pessoal.....	177
Figura 54 – Capa do álbum <i>Scum</i> , Napalm Death, <i>Earache Records</i> , 1987.....	178
Figura 55 – Napalm Death - <i>BBC2 documentary and live 1989</i>	180
Figura 56 – Rot - <i>live in Germany and Czech rep `98</i>	180
Figura 57 – Panfleto sobre cultura punk. Arquivo pessoal.....	182
Figura 58 – Capa do EP <i>Nukke</i> , Kaaos, <i>Havoc Records</i> , 1985.....	183
Figura 59 – Kaaos - <i>Live In Turku 1983</i>	185
Figura 60 – <i>Einsturzende Neubauten</i> , <i>Halber Mensch</i>	186
Figura 61 – Capa do álbum <i>Never mind the bollocks</i> , Sex Pistols, <i>Warner Bros Records</i> , 1977.....	188
Figura 62 – The Sex Pistols - <i>Full Concert (01/14/78)</i>	189
Figura 63 – Split tape, Anti-Humanos e Cranial Crusher, <i>d.i.y</i> . Arquivo pessoal.....	193
Figura 64 – Encarte da <i>split</i> tape, Necrose e 7MON, Sem Nome Tapes. Arquivo pessoal..	194
Figura 65 – <i>Split</i> tape, Necrose e 7MON, Sem Nome Tapes. Arquivo pessoal.....	194
Figura 66 – Demo tape Morte a você, Anti-Humanos, <i>d.i.y</i> . Arquivo pessoal.....	196
Figura 67 – 7 Minutes Of Nausea - <i>LIVE</i>	197
Figura 68 – Noise - Ao vivo na Pé de Macaco S/A.....	197
Figura 69 – Black Uniforms - <i>Straight edge my ass</i>	200
Figura 70 – Minor Threat - <i>In my eyes</i>	200
Figura 71 – <i>Flyer</i> de divulgação, <i>gig Squat Flor do Asfalto/RJ</i> . Arquivo pessoal.....	204
Figura 72 – <i>Flyer</i> de divulgação, <i>squat Flor do Asfalto/RJ</i> . Arquivo pessoal.....	205

(ANTI) SUMÁRIO

TEXTO 1: O primeiro texto é composto por três vídeos, que podem ser acessados através do QR code, abaixo. Eles estão nomeados como: "Solilóquio às 19hs e tantas para...", "Com Nietzsche, com Deleuze, com metodologias?" e "O beijo". Não há uma ordem previamente estabelecida para assisti-los.

TEXTO 2: O segundo texto segue nomeado como "Ruídos". Nas páginas a seguir você pode clicar nos títulos de interesse para acessar diretamente os mesmos. Da mesma maneira, não há uma ordem a ser seguida na leitura.



RUÍDOS

Por que eu sou tão ignorante?.....	15
Ainda algo sobre.....	21
Metodologia.....	23
R.....	25
U.....	25
Í.....	25
D.....	25
O.....	25
[silence]	25
Preciso dizer algo que não sei como será.....	33
Quem é você?	35
Uma Aliança: a morte.....	37
Hypomnemata 401	48
Entre um, entre outro, entre uns, entre outros, entre muitos ou o “ânus do bode se opõe ao rosto do déspota ou de deus”.....	49
Monólogo... um interrogador.....	49
Speak Wesley: “punk way of live?”	54
1 Punk 2 Psicólogo 3 Cleydina Dina	56
uma conversa sobre um banquete onírico lisérgico com um pseudovegetariano foucault deleuze dois cachorros e um touro.....	57
Eu, outros, e outros, e punx, e noisecore, e... ..	60
Quando Nietzsche	65
ou	65
H.....	65
de.....	65
A.....	65
Conexões aberrantes deleuze foucault crust punk e.....	78

Algumas instituições e amores polianarcus ou... o beijo do.....	82
Delírios de um açougueiro	85
Poema de amor ou amor nômade e.....	96
Sobre roleta russa e mutações.....	97
Uma conversa função sobre música e com músicos:.....	102
“x explica y assinando z”	102
Sobre festas, banalidades e revoluções: revoluções?.....	109
Pedaços de pedaços... encontros	113
Dança	119
Variações elétricas sobre o amanhã	121
Para aqueles que dormem (os que amam).....	122
O que vaza dos vazamentos?.....	123
Hypomnemata 110: sobre qualificações, pedagogia e.....	128
Ela, assassinada.....	130
Pedaços de pedaços... confrontações	132
Lendo bukowski e deleuze ao sul de lugar nenhum	139
História	141
Bailarina	143
Haraquíri.....	145
Solidão ou... ou.....	147
Memórias.....	149
Fatores suicidas ou roteiro para um curta ou i, e,	150
Notas sobre o Anti-étipo	152
Inventário knup	154
Desarmonizar: conversar, bakunizar, malatestar, andar e e e.....	207
Referências	211

“Quero dizer, para mim, a análise não pode ser nem uma interpretação, nem uma operação de significação, mas um trabalho cartográfico [...] Esquizoanálise é unicamente isso: é a determinação de linhas que compõem um indivíduo ou um grupo, o traçado dessas linhas.” (DELEUZE, 1980, recurso online).

Por que eu sou tão ignorante?

A alusão direta à Ecce Homo de Nietzsche é meramente proposital

Cleydina Dina

Por que eu não sei algo mais? Por que, acima de tudo, eu sou tão ignorante? O que estou fazendo aqui? Por que estou aqui? Agora, neste(s) momento(s) com essa coisa toda que é pesquisar, ser acadêmicooooooooooooo! Neste instante, na frente desse computador, escrevendo esse texto para... E pelo menos... Texto? Texto? Texto e... isso é um texto afinal?


Para que.... Cursar disciplinas, defender, ser Doutor em Educação? E-du-ca-ção. Ca-ção. Um engasgo, um certo aperto no peito, doutorrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrr.

Qual o sentindo disso tudo, ou disso nada? Pesquisar, doutorar-se? Produzir, produzir-se como pesquisador, como doutor? Lattes e vida e tese e suspensão e tese e vida e vida e tese e e e... modelo de verdade e vida e modelo de tese e vida e vida e modelo e...? Mo-de-lo?

Por alguns anos esse fantasma do “ser doutor” assombra-me e posso dizer que sinto o cheiro e o gosto muito particular dele. O que “eu” busco? O que “eu” quero com isso tudo no final das contas? É o que “eu” busco? É o que “eu” quero? Eu? Como será? Como está sendo agora e será depois? Será? Era de uma forma, agora, posso dizer que nem tanto. Não sei de mais nada e nem sei ao certo o que quero, e nem sei se quero saber.

Wescley: de verdade?

Nietzsche: *Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é*¹.

 : pois é. É?

É de São João del-Rei para Juiz de Fora, é de Juiz de Fora para São João del-Rei. Universidade, ônibus, rodoviárias, muros, paredes, salas, ruas, pessoas, concretos, carros, chuva, sol, terra, cadeiras, mesas, comidas, bebidas, cidade(s), livros, escritas, computador etc., etc. e tal.

Foram tantos planos que começaram no início da minha graduação em Pedagogia, tantos planejamentos, projetos, pesquisas e para onde eles foram? Esta pesquisa mesmo, o que

¹ (NIETZSCHE, 2008, p. 31).

ocorreu com ela? O que aconteceu com ela? Cadê ela? Para onde ela foi? Havia um plano de pesquisa, mas e agora? Não sei! Saber, certeza, sei lá, não tenho! Não dá para saber ao certo.

Como diz Cage: [...] *é próprio do plano que o plano fracasse,*² Wesley.

DeleuzeGuattari: *Então, o plano, plano de vida, plano de escrita, plano de música etc., só pode fracassar, pois é impossível ser-lhe fiel; mas os fracassos fazem parte do plano, pois ele cresce e decresce com as dimensões daquilo que ele desenvolve a cada vez (planitude com n dimensões)*³.

Sônia: *a pesquisa é lugar de suspensão,* Wesley.

DeleTTari: criar, criar...

KNUP: é?

Bom, certeza não tenho de nada, mas dúvidas tenho várias, dúvidas e mais dúvidas. Nossa... muitas! Tenho infinitas dúvidas. E estar aqui só me traz, e trouxe, mais dúvidas.

Espera aí? Certezas não são repletas de dúvidas? Ou talvez começaram, pelo menos, com várias dúvidas? As ditas verdades, que muitas vezes são certezas, não são geradas das dúvidas? E as verdades são repletas de dúvidas? Verdades existem? Por exemplo, a verdade científica, a verdade acadêmico-científica. O que escrevo aqui agora é verdade? Esse texto é verdadeiro? O discurso acadêmico, por ser acadêmico, por pertencer a uma academia, por estar no interior de uma universidade, de um programa de pós-graduação passa a ser uma verdade? Tudo que estão nos livros são verdades? Nossa, que dúvida(s)!!!

Quando estava no ensino fundamental; opssss, não era fundamental, era 1º grau, tinha um professor que dizia que a filosofia nasceu de uma dúvida muito simples: *por que uma maçã que cai da macieira entra na terra e se transforma em outra macieira e depois produz outras maçãs?* Razão, né? Acho que é isso, não tenho certeza, provavelmente estava sentando no final da sala de aula com um fone de ouvido escutando alguma banda punk, era bem mais legal, bem mais inteligente na época, bem mais divertido, pelo menos para mim.

A filosofia que tem sua gênese na dúvida, segundo esse professor, que é professor, que fez uma graduação na academia, que ministra aulas em uma escola, que ensina verdades científicas, portanto se tornou uma verdade? O discurso filosófico é um discurso verdadeiro? Nietzsche que diz assim, bem assim: “A filosofia, assim como a entendi e vivenciei até agora, é a vida espontânea no gelo e nas montanhas mais altas – a procura de tudo que é estranho e duvidoso na existência, de tudo aquilo que até agora foi excomungado pela moral”. Então...

² (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 62).

³ (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 62).

olha quase esqueço, é Nietzsche (2009a, p. 17). Na verdade, nem sei se preciso citar dentro das normas verdadeiras porque já ouvi falar, de alguma verdade, em uma sala na academia que produz verdades, que essa editora, desse livro que estou na mão aqui agora, é uma edição muito vagabunda. Então não é verdadeira? A tradução não é boa? Será? Seguindo, o que Nietzsche fala é ou se tornou uma verdade?

Nietzsche: *Não é a dúvida, é a certeza que enlouquece*⁴.

Eu?: certeza ou dúvida? Loucura ou certeza?


Pois bem, tudo começa com várias dúvidas e continua com tantas outras que seguem produzindo outras mais e assim sucessivamente. E-du-ca-ção/dú-vi-da(s). Havia um(s) projeto(s), acho que tudo começou com um(s), pois para estar aqui, nesse lugar que ocupo agora, das produções de verdades, foi e ainda é necessário passar por um doloroso, maçante e cruel processo de seleção para ingressar no tão sonhado (para alguns, claro) curso de doutorado, que forma doutores, doutores em Educação. E uma das tantas etapas para se ingressar no curso de doutorado é “ter” um projeto de pesquisa, com introdução, desenvolvimento, objetivos, metodologia, perspectiva teórica, referencial teórico etc. e tal. Portanto, havia um projeto de pesquisa, ordenado, penso. Já não há mais. Esse projeto não existe mais porque houve um processo de mortificação.

O que ocorreu e ocorre foram e são desvios sucessivos, turbilhões de dúvidas, de escoamentos, perguntas e mais perguntas. O apego às formas iniciais, aos caminhos, às expectativas, às representações aos poucos foi se (des)fazendo, se (des)falecendo, se (des)aprendendo, se (de)compondo.

MORTE MORTE MORTE

MOR-TE

⁴ (NIETZSCHE, 2009a, p. 55).

Aos poucos foi morrendo um Wesley, um anarco-punk, Wesley , um Wesley, um Wesley/Wesley, um Wesley com um Foucault, com um Deleuze, com um(as) Sônia(s), com um(as) Margareth(s), com um(s) Travessia(s) e e e... Foi tudo se (des)misturando, se (des)aproximando, se (des)viando, se (des)fazendo, se (de)compondo e se (de)formando em... dúvidas e incertezas. Caos? Cleydina Dina, Knup, (des)Wesleyzar, (des)punkizar, (des)pesquisar, ar, ar... preciso de ar.

Delettari: acenda um cigarro, Wesley.

Wesley: obrigado, não gosto de cigarros, não curto a fumaça.

Cleydina Dina: se for um charuto até que eu aceito de boa.

Satã: *É uma bela coisa o vapor de um charuto!*⁵.

Alguém:   PUNK!!!

Uma mortificação. Isso! Morte atravessada por forças de transformações, turbilhões de transformações. Qual a pesquisa agora? Para onde ela foi? Para onde ela vai? Ela anda? Para onde ela escoa? Como eu poderia saber, como nós poderíamos saber, não é?

Eu pesquisador: vivências na e com efeitos da pesquisa...

Sônia: *quanto mais você se produz com aquilo, mais você é aquilo.*

Margareth: *quanto de vida cabe numa morte?*

Digo que existiu um ponto de partida, um começo... talvez! Foi lá na graduação em Pedagogia na Universidade Federal de São João del-Rei, pode ser que nem seja também, mas o tal Foucault “atravessou-me como flecha”. Daí foram, e é, e são, tantas ressonâncias: subjetividades, resistências, relações de poder, cuidado de si, escola, disciplina, sujeições, liberdade, biopolítica, pensar a vida como obra de arte, fazer da vida uma estética da existência, uma ética como estética da existência...

Ressonâncias que perpassaram a graduação, todo o mestrado, que perpassam a vida, a vida, a vida... e lá se foi, e lá se vai seguindo sem rumo e sem destino. Afetou-me tão violentamente que de alguma forma lançou-me, possivelmente, na busca de representatividades, mesmo com resistências no que se refere a isso tudo: “fazer da vida uma obra de arte”. O que é isso, afinal?

Foucault: *Por que deveria uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte, e não a nossa vida?*⁶

⁵ (AZEVEDO, 2011, p. 99).

⁶ (FOUCAULT apud DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 261).

Toda essa busca: problematizar essas forças de resistências; de resistir ao sequestro da nossa vida, do nosso corpo por um tipo específico de poder que sujeita. De criar novas formas de vida em meio às relações postas, contestar os sistemas hegemônicos das subjetividades em nossa sociedade. De lutar contra os aparatos, as técnicas, os procedimentos desenvolvidos para conhecer, dirigir, controlar a vida das pessoas, seus estilos de existências, seus comportamentos, suas maneiras de pensar, de sentir. De potencializar afrontamentos, resistências aos excessos do poder. Esses movimentos empurraram-me para pensar a existência anarco-punk como obra de arte.

Não há como negar que o modo de vida dos anarco-punks, pela sua radicalidade anárquica, incomoda, agride, abala subjetividades conservadoras; sua música e seu estilo de vida contestam padrões impostos. A questão, então, era problematizar uma possível aproximação dos modos de vida anarco-crust-punk com a estética da existência, a vida bela, a arte da existência, “reformulada” por Foucault⁷.

KNUP: reformulada por Foucault, Wesley?

Wesley: subjetividades em questão: construção de modos de vidas autônomas de anarco-punks e crusties em *squats* urbanos⁸.

Schürmann: *Se constituer soi-même comme sujet anarchique*⁹.

Muito bem, acontece que esse quadro... sim, porque havia um quadro traçado, pensando, talvez. Porém essa imagem foi se transformando em algo que... em um quadro esburacado, e desses buracos jorraram sangue que se fez morte, com a morte.

Deleuze: pensamento sem imagem?¹⁰

A morte rodeando sem cessar, a morte causando turbilhamentos, o sangue escoando sem parar, morrendo com: Punk, Foucault, Deleuze, estética da existência, Sônia, Travessia, arte de viver e...

⁷ Sobre tais questões cf. Foucault (1998, 2006a, 2006b); Ortega (2008).

⁸ Título do projeto apresentado ao programa de Pós-graduação em Educação da UFJF para ingresso no doutorado, turma de 2016.

⁹ (SCHÜRMANN apud PRADEAU, 2004, p. 137).

¹⁰ Sobre pensamento sem imagem cf. Deleuze (2006).

Ohhhhh morte...
Pesada morte,
por que não me deixas?
tranquilo nesse território seguro,
confortável e quente.

Seu lado é frio, lasso,
bambu, frouxo.
Você carrega dor,
solidão, incertezas, medo,
... dúvidas.

Para onde me arrastas?
Ohhhhh pesada morte!

Satã: É tarde. Agora é uma caveira a face que beijaste... uma caveira sem lábios, sem olhos e sem cabelos¹¹.

¹¹ (AZEVEDO, 2011, p. 102).

Ainda algo sobre...

A potência da afetação que confronta a compreensão

Infinitos caminhos que levam a incompletude

Que decompõe

que modificam

identidades

representações

imagens

Intensidades

Potência de vida

de vias

por devires

(des)caminhos

Perguntas mal compreendidas

(devir-criança)

Desmanchar-se em muitos outros

desmanchar

totalizações

eu?

em mim

Devir-punk?

intenso

Que não pressupõe semelhança

imitação ou

cópia

Aliança sem filiação

Eu?

Vampiro

Esquizito

Rachar

O...

Metodologia

... Desvia desviante

de todos os significados
de todos significantes

Desviante contágio cósmico

Desvia...

daquilo que enraíza, arboriza
do papaizinho
da mamãezinha
do animalzinho
do punkizinho

Dos gerais significantes

Das subjetivas

subjetividades
minoritárias subjetivantes

Desviantes?

Desvia do desvio

des...

via?

Devia?

Assignificantes

Assubjetivas

Foge sem parar

foge sem parar
criança desviante

As linhas...
À Deriva...

“A esquizoanálise não incide em elementos nem em conjuntos, nem em sujeitos, relacionamentos e estruturas. Ela só incide em *lineamentos*, que atravessam tanto os grupos quanto os indivíduos. Análise do desejo, a esquizoanálise é imediatamente prática, imediatamente política, quer se trate de um indivíduo, de um grupo ou de uma sociedade. Pois, antes do ser, há a política.” (DELEUZE; GUATTARI, 2015b, p. 85).

R**U****Í****D****O****[silence]¹²**

“Por isso, o que ocupa o espaço liso são as intensidades, os ventos e ruídos, as forças e as qualidades tácteis e sonoras, como no deserto, na estepe ou no gelo. Estalido do gelo e canto das areias. O que cobre o espaço estriado, ao contrário, é o céu como medida, e as qualidades visuais mensuráveis que derivam dele.” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p.185).

¹² Esse texto-som é uma composição livre produzida a partir das leituras de Nietzsche (2017), de Galeano (2004) e principalmente de Cage (2013). Resultado também de múltiplas perturbações que povoaram meu corpo durante a primavera de 2018. As falas que estão em itálico foram todas retiradas aleatoriamente dos textos de Cage (cf. Cage, *idem*), são, portanto, citações diretas. Os números que sucedem as mesmas são relativos às paginações do livro. Trabalhei dessa forma pois é um movimento que compôs com o texto. São páginas? Cage nos permite compor nossa própria “música”, pois, escutar os sons seria um ato inventivo. O Silêncio não seria ausência de som, mas ruído. A vida é composta de ruídos. Cf. Godoy (2008); Gage (*idem*).

- Algo deve ser dito, não entendo nada de poesia! Concreta então, muito menos.
- *Por que estivemos fechados por tanto tempo? Os sons que a gente ouve são músicas.* 166
- Mas o que de fato seria ou é poesia? Poeta?
- *A arte, primitivamente escrava da religião, é agora atividade policial?* 147
- *Nossa poesia agora é a consciência de que não possuímos nada.* 106
- Arte?
- *Por música nós entendemos som; mas o que é tempo?* 21
- Vida?
- *A coisa também pode ser colocada da seguinte forma: encontrar meios de usar os instrumentos como se fossem ferramentas, isto é, de forma que não deixem traços.* 124
- Poema ruído?
- *Não estou falando de nada especial, só de ouvido aberto, mente aberta e saber apreciar os ruídos diários.* 34
- Silêncio?
- *A Arte está em processo de retornar ao que lhe é próprio: a vida.* 6
- Dissecando, colando e fazendo...
- *As pessoas ainda pedem definições, mas agora é tranquilo que nada pode ser definido. Muito menos a arte, seus propósitos etc.* 9
- *Usei as liberdades rítmicas que a gente usa ao falar na vida cotidiana.* 95
- Consigo ouvir nitidamente o canto dos pássaros, mesmo com tantas coisas ao mesmo tempo.
- *Nossa audição é assimétrica: os sons que percebemos nos surpreendem, os ecos dos gritos que damos transformam nossas vozes, a linha reta de som de nós para a beira é seguida de ecos que deslizam em volta do perímetro do lago.* 5
- A beleza sutil do martelar, talhar a madeira artisticamente. Ele consegue transformar uma tora de madeira em um deus.
- *A arte obscureceu a diferença entre arte e vida.* 19
- Escrever? Gostaria muito de saber, experimentar com isso.
- *Eu preciso escrever e lhe falar sobre a beleza, a urgência de evitá-la.* 12
- Motos, motores, carros e falas. Queria muito fazer artes, artes da vida.
- *O letreiro [...] dizia: experimente sem parar e permaneça humilde.* 8

— *Costumávamos ter o artista no pedestal. Agora, ele não é mais extraordinário do que nós.* 50

— Pombos, cachorros, filmes, perfumes e... barulhos noturnos.

— *Durma sempre que puder. Seu trabalho continua sendo feito.* 9

— Sofro de insônia!

— Existe sempre, paralelamente a tudo isso uma cobrança ininterrupta de resultados.

— *(cf. o trabalho dos artistas, trabalho não envolvido em ganho).* 19

— Alguém capinando lá fora, por exemplo? A torneira pingando constantemente, por exemplo? Água que bate no piso quando tomamos banho?

— *Onde houver uma tradição de organização (arte), introduza desordem.* 19

— Mas, enfim, e os tais resultados cobrados?

— *[...]o resultado, como em filosofia, nunca seja decisivo.* 11

— *Estamos nos libertando do hábito que tínhamos de explicar tudo.* 58

— É um risco.

— *Mas o que significa risco?* 15

— Não imagino!

— *Mas imagine, querida, como a vida seria chata sem uma certa incerteza.* 20

— Protestos públicos podem ser criminalizados. Acho mesmo que já são, em certa medida, no mundo todo.

— *[...] desorganizada, caracterizada pelo caos, iluminada anarquicamente, à medida que o globo organiza a utilidade. Você não terá nada o que fazer; então, o que fará você?* 16

— E enquanto isso mortes diárias nunca cessam.

— *Nós envenenamos nosso alimento, poluímos nosso ar e nossa água, matamos pássaros e gado, eliminamos florestas, empobrecemos, depredamos a terra".* 18

— Quem mata quem?

— Democraticamente matamos e morremos em nome de?

— *[...] e é vivendo em perigo economicamente que a gente mostra "bravura" socialmente.* 41

— A suástica é um símbolo místico e a sua apropriação pelo nazismo é algo secular. Não devemos temer?

— *Depois de cada guerra, a indústria coloca novos produtos à venda.* 61

— Combateremos o terrorismo a qualquer custo.

— *Burocracia. Ele imagina que suas ideias lhe pertencem. Recusou-se a revelá-las, temendo que alguém tirasse proveito delas.* 67

— Afinal, o fim justifica os meios, não é mesmo?

— A tortura moralizada vem recebendo adeptos fanáticos.

— *Ouvindo meus pensamentos, ele perguntou: você é marxista? Resposta: Eu sou um anarquista, o mesmo que você é quando está telefonando, ligando/desligando as luzes, bebendo água.* 53

— Torturar é um trabalho como qualquer outro. Trabalhar é torturar muitos, não acha?

— *Levaremos os loucos conosco, e sabemos aonde estamos indo.* 59

— A terra é plana segundo alguns deputados e empresários.

— *A terra é plana.* 25

— E ainda sim, sinto medo de censura quanto à minha pesquisa.

— *O que aprendemos não é o que nos ensinam nem o que estudamos.* 24

— Ampliaremos o terror e a tortura psicológica sem medo.

— Estão tentando congelar o pensamento crítico? Afinal, todo pensamento é crítico?

— *Assim como as sombras já não destroem a pintura, nem os sons ambientais a música [...] 32*

— *Durante três dias Daisetz Teitaro Suzuki não disse nada.* 35

— Lá fora a chuva segue sem cessar, pingos e mais pingos nos telhados.

— *Marcel Duchamp, que há cinquenta anos mais ou menos chamou a atenção para o valor de coisas às quais não se atribuía habitualmente nenhum valor, e que, numa outra ocasião, na CBC, quando o entrevistador lhe perguntou o que estava fazendo, disse: “Respirando”.* 36

— Melhor no do vizinho que no meu, não é? Evita infiltrações!

— *Hesitamos em fazer a pergunta porque não queremos ouvir a resposta. Prosseguimos em silêncio.* 72

— *Renúncia à competição. Iluminação do mundo [...] só algo natural.* 167

— Resistiremos tornou-se resistir.

— *Fazer-se por si mesmo!* 53

— *Desobediência civil.* 167

— A imprensa imperial se calou e muitos assistiram de camarote a evangelização doutrinária fatídica.

— *Arte e TV já não são coisas diferentes. São igualmente entediantes.* 90

- Quantos gritaram seus salmos: são casos isolados, maçãs podres.
- Igrejas, partidos. Ou seria a mesma coisa?
- *Rasgue os Dez Mandamentos. Um dos novos: Não viverás.* 59-60
- *O céu é um motel.* 15
- Sobre minorias leia-se minorias não quantitativas.
- *Nossas mentes já estão mudadas (e eles sabem disso: por isso nos chamam de frios e desumanos).* 130
- Podemos substituir a palavra tortura por...
- *Lágrimas: uma empreitada global.* 161
- Pode ser substituído por técnicas de interrogatório?
- É proibido proibir. E agora, José?
- *Anarquia (sem leis ou convenções) num lugar que funcione.* 161
- As imigrações crescem por toda parte do globo juntamente com ela, a xenofobia.
- *Bárbara disse [...] um gorila do zoológico foi indicado e eleito Presidente.* 157
- Pois é, afinal não ligamos para uma criança faminta, apavorada, cansada junto a sua mãe, não é mesmo?
- *As crianças têm uma sociedade própria. Elas não precisam da nossa.* 151
- Fugindo de muitas coisas.
- *Após essa constatação, a gente reúne energias, as nossas e as da natureza, a fim de tornar este intolerável mundo suportável. Robôs.* 146
- Bandidos! Bandidos! Não queremos vocês aqui.
- Vamos apedrejá-los, gritou a multidão excitada.
- *A gente devia se livrar de Deus, ou encontrar um Outro que não permitisse mencionar nossa confiança nele nas moedas correntes.* 149
- Salmo: meritocracia!
- *Se tivessem de escolher entre ir para o céu e ouvir uma palestra sobre o céu, as pessoas escolheriam a palestra.* 149
- Limparemos o mundo!
- Jesus foi torturado?
- *Os pensamentos sobre o tempo saltam fora como pele morta.* 91
- Israel sim, palestina não, o messias precisa voltar.
- *Guerras etc., parte da morte das estruturas políticas-econômicas.* 4
- Mas vocês, no caso eles, não querem um país melhor para se viver?

— *Oram pela intervenção divina, crises, falta de luz, sem água pra beber.* 5

— A vida é agora, é já!

— *Por essa razão fizemos nossa obra experimental (imprevisível).* 129

— É de suma urgência afirmarmos Jerusalém como capital. É o que querem?

— *A casa está cheia de pulgas.* 6

— Parafraseando o Anticristo: “A negação da vida seria, portanto, consequência da desvalorização suprema de todos os valores, dos valores que fortaleceriam o homem, que preservariam sua vida, seu desejo de poder [...] pois a vida não parece realizar fim algum [...]”¹³.

— Heresias!

— *Por isso, aprendemos a desejar o vazio.* 8

— E nos tornamos doutrinadores. Será que fomos tão incompetentes?

— *Eles compreendem a tragédia, mas, a própria vida (e toda arte que é como ela) os perturba, parece insatisfatório.* 12

— Objetos de tortura altamente industrializados serão legalmente vendidos em nome da autodefesa dos bons costumes.

— *Temos sede de entretenimento [...].* 12

— Tudo em nome da segurança nacional.

— *Sem princípios (o que não quer dizer que vamos deixar de ficar furiosos). Então?*

Nós nadamos, afogando-nos aqui e ali. 12

— Processos legais existem.

— *O céu já não é pavimentado de ouro (mudanças na arquitetura das igrejas).* 15

— A guerra é necessária?

— E a tortura contra terroristas?

— *Vocês podem justificar o uso que faz seu governo, no Vietnã, de produtos químicos e gases venenosos, o bombardeio exaustivo do país inteiro com gasolina em geleia e fósforo? Napalm e fósforo queima até que a vítima seja reduzida a uma massa efervescente.* 149

— Ora, mas quem são os terroristas?

— *Recuse juízos de valor.* 14

— A arte, a escrita é terrorismo?

— *Não há nada que nós realmente precisemos fazer que não seja perigoso. Os artistas da Rua Oito sabiam disso há muitos anos: falavam constantemente de risco.* 14-15

¹³ (NIETZSCHE, 2017, p. 9).

— A Educação formal é terrorista?

— *Da escuridão da psicanálise para a radiante psicologia do comportamento (pessoas pegando seus divãs e caminhando). 153*

— *No outono de 1966, os professores suecos foram à greve. As crianças prosseguiram em sua educação por sua própria conta. 166*

— Vai ser bom meu amigo, vai ser mais seguro aqui para nossos filhos.

— Ora bolas, nunca me senti tão inseguro como agora, principalmente porque tenho filho.

— *Nossas mentes já estão mudadas (e eles sabem disso: por isso nos chamam de frios e desumanos). 130*

— Lá para cima precisamos, no caso eles precisam, construir campos de refugiados para imigrantes.

— *Quem pisou primeiro nesse barro? E como essa lama pôde ficar tão deliciosa? 116*

— Se são ou não são, não importa, isso é apenas um mero detalhe, a corrupção é que não pode continuar.

— Quem está mentindo?

— *Eu não pareço um gafanhoto? 117*

— Santa inquisição.

— *Os signos estão completos (prontos para se tornarem uma coisa diferente do que são). 87*

— Católicos, protestantes, a linha tênue segue.

— *Então eles disseram: Vamos te matar. 85*

— Afinal, como dizem por aí, dado o respeito às crenças, credos, nosso país é cristão.

— *Inclua a visão da gente. Inclua o uso da gente. 80*

— O garoto beijou o soldado, mas continuou chorando.

— *Viver ocorre a cada instante e esse instante está sempre mudando. 98*

— Sou pacifista, ainda que resista.

— *Espaço. Mesmo perto, há distância. 87*

— Escrever é ser terrorista?

— *Eu não tenho nada a dizer e o estou dizendo e essa é a poesia como eu a necessito.*

110

— Lá fora a chuva continua caindo no meu telhado.

— *A sociedade tem gravadores, programas de rádio, e também leis de copyrights (que ela pensa em ampliar). (Tropeça em si mesma.) Livrar-se dos copyrights (este texto é copyright). 17*

— Os dias chuvosos são os mais belos, são os dias mais bonitos para mim, pois carregam uma beleza de cores sem igual, beleza vitral – qual é sua cor preferida?

— [...] *sub-merso no silêncio. A aceitação da morte é a fonte de toda vida. 98*

Preciso dizer algo que não sei como será

Como a morte produz vida?

A morte, a morte, a morte...

Como a morte produz arte?

Imagens, representações,

Dogmas, dogmatismos

Ou ahhhhhh...

Como a morte produz arte?

Estética, ética, estética,

vida como obra de arte.

Repetição, repetição, repetição?

O que é e o que não é?

Criar, repetir?

Isto não é punk,

Isto não é um punk,

Isto não é anarco-punk.

Criar?

Cuidar?

Pontencializar?

Ar, ar, ar...

Matar, morrer

Criar, viver.

Direcionar?

Pontos, fixações?

Modelos?

Desterritorializar

Ventos, cores, sons,

Ruído, ruído, Ruídos.

Nômade...

Espaço liso...

Aberto...

Intensidades...

Viagem...

Devir...

Enrabar Foucault,

Para cuidar de si.

Quem é você?

Deixar-se tocar
levar-se por ela
com toda sua potência.

Tocar
reger
compor
com
ela,
...!

Você,
tão fluida,
portadora da diferença.
Que não se confunde
com o mundo dos objetos
e das formas,
escritas!

Figura 1 – Ilustração de Camilo Jerez



Fonte: <<https://www.pinterest.co.uk/celycouth/illustration/?lp=true>>.
Acesso em: 28 jan. 2019.

Uma Aliança: a morte

Ceci n'est pas une mort

Figura 2 – GG Allin's, funeral – *The final hellride*, 1993



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mk39I_TAqIU>. Acesso em: 10 nov. 2017.

[...] e inquietar por aí todas as relações tradicionais da linguagem e da imagem.
(Foucault, 2002, p. 24).

“Quanto de vida cabe numa morte?”

Movimentarcruzar sairatravessardeslocarvoltarsaircruzarterritorializardesterritorializarmorrer
iverexperimentarmorrervivermorrervivermorrermorrermorrermorrervivermovimentarcruzar
sairatravessardeslocarsaircruzarterritorializardesterritorializarmorrervivermorrerviver e e...

LIBERDADE

O pássaro é livre
na prisão do ar.
O espírito é livre
na prisão do corpo.
Mas livre, bem livre,
é mesmo estar morto.

Carlos Drummond de Andrade (2016, p. 52)

Punk is dead

*Yes that's right, punk is dead,
It's just another cheap product for the
consumers head.
Bubblegum rock on plastic transistors,
Schoolboy sedition backed by big time
promoters.
Cbs promote the clash,
But it ain't for revolution, it's just for cash.
Punk became a fashion just like hippy used to
be
And it ain't got a thing to do with you or me.*

*Movements are systems and systems kill.
Movements are expressions of the public will.
Punk became a movement cos we all felt lost,
But the leaders sold out and now we all pay the
cost.
Punk narcissism was social napalm,
Steve jones started doing real harm.
Preaching revolution, anarchy and change
As he sucked from the system that had given
him his name.*

*Well i'm tired of staring through shit stained
glass,
Tired of staring up a superstars arse,
I've got an arse and crap and a name,
I'm just waiting for my fifteen minutes fame.
Steve jones you're napalm,
If you're so pretty (vacant) why do you swarm?
Patti smith you're napalm,
You write with your hand but it's Rimbaud's
arm.*

*And me, yes i, do i want to burn?
Is there something i can learn?
Do i need a business man to promote my
angle?
Can i resist the carrots that fame and fortune
dangle?
I see the velvet zippies in their bondage gear,
The social elite with safety-pins in their ear,
I watch and understand that it don't mean a
thing,
The scorpions might attack, but the systems
stole the sting.*

*Punk is dead. punk is dead. punk is dead.
Punk is dead. punk is dead. punk is dead.
Punk is dead. punk is dead. punk is dead.*

O Punk Está Morto

*É isso mesmo, o punk está morto.
É apenas outro produto barato para os
consumidores.
Rock "bubblegum" em transistores plásticos.
Grandes produtores por trás de estudantes
passivos.
A CBS promoveu o Clash,
Mas não por revolução, somente por dinheiro.
O punk tornou-se uma moda como aconteceu com o
hippie.
E não é algo que tenha a ver com você ou comigo.*

*Movimentos são sistemas e sistemas matam.
Movimentos são expressões dos anseios do povo.
O punk se tornou um movimento pois todos nós
sentíamos perdidos.
Mas os "líderes" nos venderam e agora nós temos
que pagar por isso.
O narcisismo punk foi o napalm social,
Steve Jones começou fazendo um verdadeiro dano.
Pregando a revolução, anarquia e mudança.
Enquanto ele sugava do sistema que lhe desse um
nome.*

*Bom, eu estou cansado de olhar através de lentes
manchadas de merda.
Cansado de olhar essas estrelas idiotas.
Eu tenho um cu, uma bosta e um nome.
Estou somente atrás de quinze minutos de fama.
Steve Jones você é um napalm,
Se você é tão bonito, porque você se importa?
Patty Smith, você é napalm,
Escreve com suas próprias mãos, mas o braço é de
Rimbaud.*

*E eu, sim, eu quero queimar?
Tem algo aqui que eu possa aprender?
Devo ter um empresário que promova meu
objetivo?
Poderei resistir aos males que a fama e fortuna me
darão?
Eu vejo os zíperes do veludo funcionando como
modo de escravizar.
A elite social com alfinetes nas orelhas.
Eu vejo e entendo que isso não significa nada.
Os escorpiões devem atacar mas o sistema roubou
o ferrão.*

*O punk está morto. O punk está morto. O punk está
morto. O punk está morto. O punk está morto. O
punk está morto.
O punk está morto. O punk está morto. O punk está
morto¹⁴*

¹⁴ Música da banda Crass, tradução Livre.

Seria a morte uma estratégia de guerra do próprio movimento punk? Não que isso seja racionalmente acenado, pensado no interior mesmo dele. Ora, penso que não se trata disso. Talvez, pode-se pensar em uma tática de resistência do próprio punk, como sabotagem, forças potenciais que surgem de sua própria incoerência, incompetência, infidelidade como movimento possivelmente (des)organizado. O punk está morto? O punk morreu? Ele sempre morrerá? O punk existe ou mesmo já existiu? Perguntas que parecem movimentar verdades.

Tantas e tantas vezes capitalizado, capturado pela moda, pela mídia, por tantos outros segmentos da indústria de entretenimento mundial. Condenado e generalizado muitas vezes como um movimento estritamente juvenil, violento, drogado, alcoolizado, suburbano, incoerente, inconsequente, sem propósitos, sem perspectiva, sujo, cru, feio, sem futuro. *No future. No future. Punks no future.*

Alguém do Travessia: e os punks? O punk anda sumido, né?

Wesley: não sei cara, não sou punk.

Outro travessia: vou te mostrar o que é um punk de verdade.

Eu?: sim, mostra mesmo.

No seu aparente surgimento nos anos de 1970, não durou nada mais que um ano. Gênese colérica, suburbana, articulando uma furiosa música sem precedentes contra o rock certinho, virtuoso e complexo que imperava na época. Filho rebelde da ascensão dos conservadores ao poder, da recessão econômica que teria provocado o desemprego e aumentado as desigualdades sociais, a discriminação e a falta de liberdade que afetou principalmente os jovens e fomentou a desesperança¹⁵.

Ironicamente abriu um sorriso com seus dentes podres e posteriormente cuspiu um escarro fétido, cheirando a cerveja e vinho barato, na cara da sociedade conservadora, moralista, religiosa, normatizadora.

Frágil, magro, raquítico, desnutrido fundou moda oriunda do lixo com roupas rasgadas, sujas, velhas, decadentes, feias, maltrapilhas. Feias? O que a indústria da moda diria hoje em dia? Anarquia planetária nas passarelas mundiais.

Ratos undergrounds que são, transitaram por diversas partes escuras das cidades: becos, esquinas, bares, guetos, subúrbios, lugares sujos, tantos espaços possíveis. Seus amigos: gays, travestis, lésbicas, traficantes, prostitutas, drogados, bêbados e tantos outros substantivos possíveis.

¹⁵ Cf. Abramo (1994); Bivar (2007).

O punk foi drogado, esfacelado, violentado, mutilado, prostituído. Tantos exageros, tantos excessos. Ah, esse punk masoquista!!!

Morreu muito jovem de overdose de heroína, de sua própria incapacidade de viver organizadamente, incorporando, se sujeitando a forças que ele próprio negava... O punk é mesmo indisciplinado.

Foi massificado de uma forma tão desgastante que suas forças foram renegadas a serem esvaziadas e entrarem no sistema de mercadorias capitalistas. Notoriamente como apenas mais um produto disponível ao consumo, em termos, sua forma de vestir sendo copiada e principalmente sua música entrando no mercado de grandes gravadoras musicais da época. Morreu, acabou, o punk morreu, durou pouco. *Punk is dead.*

O que restou? Toda uma caricatura medíocre que foi capturada dessas representações. Um rosto punk.

Talvez, cansado dessa visibilidade do poder que caricaturou suas potencialidades revolucionárias, suas diferenças, ele, o punk, se inventou radicalmente na própria morte. Com a mesma velocidade de seu óbito prematuro, nos anos 1980, se fez *hardcore* (caroço-duro, resistência interna), sobretudo mais barulhento, político, recluso, desconfiado. Esses novos ratos anarquistas desceram para os esgotos da cidade, subterrâneos que são, se fizeram mais sujos, feios, malvados e agressivos eticamente, esteticamente, politicamente.

Recusaram e combateram a mídia violentamente, criaram seus próprios esquemas de gravação e organização de shows com equipamentos rudimentares, o que tornou o som mais sujo, mais rápido e bem mais agressivo se comparado ao som punk dos anos 1970.

Órfão anarquista, andou pelo mundo a fora: Finlândia, Noruega, Suécia, Brasil, Peru, Chile, Bolívia, Japão e por aí se foi...

Morreu novamente capturado. Suicidou-se. Punk, o “suicidado pela sociedade”. Posteriormente se reinventou na sua própria infidelidade, se fez multiplicidades, se fez hardcore, (A)narco-punk, crust, grindcore, noisecore, harshnoisepunk, noise, noise, noise, noise, (A)noise ou nada. Aqui, talvez, pode-se dizer que o precário se reverberou em um intenso absoluto como forças de resistência.

Com a morte, o punk se inventa, entra em ressonância para criar e não sucumbir às estratégias das forças dominadoras que insistem em sujeitá-lo. Com e na morte, o punk tenta ou busca se esgueirar das representatividades, das capturas, das forças de sujeição cotidiana. Das capturas... capturas...

Figura 3 – Na sala de espera de algum lugar em algum dia de 2017

make

INSPIRAÇÃO PUNK

REBELDE E OUSADO, O MAKE DA ESTAÇÃO VEM CHEIO DE ATTUDE. TONS FORTES COM TOQUES DE GLITTER E GLOSS SE MISTURAM EM ACABAMENTOS QUE FOGEM DO "CERTINHO". FABIANA GOMES, MAQUIADORA SÊNIOR DA M.A.C, MOSTRA COMO USAR A TENDÊNCIA E APRESENTA A NOVA COLEÇÃO EM PARCERIA COM A DESIGNER CHARLOTTE OLYMPIA

por **Maria Clara Póvia** e **Sylvie Halic**
fotos **Antoine and Charlie**

VINHO TINTO

Em cobertura mate, o tom está em alta e impacta qualquer produção. Para não exagerar na dose, mantenha o foco nos lábios e contraste com a pele iluminada.

*Lipstick Deep Brown Red, R\$ 70.
Sutiã e body Eres*

REVISTA
Marie Claire
maio de 2016

Fonte: Revista Marie Claire (2016).

Esse necrófilo (A)narco-punk, (A)noise fez amor com o punk morto, fez amor com outras forças buscando, quem sabe, uma multiplicidade, um punk múltiplo¹⁶ para criar com a morte respiros de vida, respingos de vida, de criação, de fuga. Pequenas mortes para se criar vidas cotidianas. Sabotagens, fugas, como um rizoma que foge, esconde, confunde, sabota, corta caminho, não enraíza.

O punk não teme a morte, ao contrário, ele experimenta com ela, ele vive dela, faz amor com ela. Ele brinca, joga com a morte, com todo seu frescor, seu amargor, sua acidez, seu cheiro, seu espanto, seu horror, sua violência, em termos, suas representatividades.

O punk potencializa a morte simbolicamente como uma expressão estética, política. Um jogo de estranheza para chocar a sociedade e da mesma forma romper com os padrões estéticos da beleza que são impostos pela sociedade. Um jogo que lança para uma reflexão do significante da morte em nossa sociedade. O aspecto sombrio da morte como uma estética de confronto social cotidiano. A morte como uma força, um fluxo provocativo e perturbador da ordem social cotidiana aos olhos da sociedade. A morte é sua (A)liada, é sua (A)liança.

Deleuze e Guattari: *A aliança ou o pacto são a forma de expressão, para uma infecção ou epidemia que são forma de conteúdo*¹⁷.

A: morte...

Schroeter: *Olhar a morte de frente é um sentimento anarquista perigoso contra a sociedade estabelecida. A sociedade joga com terror e o medo*¹⁸.

Foucault: *Sou partidário de um verdadeiro combate cultural para re-ensinar as pessoas de que não há uma conduta que seja mais bela, que, por conseguinte, mereça ser refletida com tanta atenção, quanto o suicídio. Seria necessário trabalhar seu suicídio por toda a sua vida*¹⁹.

Álvares de Azevedo: **“Morrer! E pensas no morrer! Insensata! Descer do leite morno do amor à pedra fria dos mortos! Quem sabes o que dizes. Sabes o que é essa palavra: morrer? É a dúvida que afana a existência, é a dúvida, o pressentimento que restringe a frente do suicida, que lhe passa nos cabelos como**

¹⁶ Um das características essenciais do sonho de multiplicidade é a de que cada elemento não para de variar e modificar sua distância em relação aos outros (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 57).

¹⁷ (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 30-31).

¹⁸ Entre o amor e os Estados de paixão: conversa com Werner Schroeter. Disponível em: <espaço michel foucault – www.filoesco.unb.br/foucault>. Acesso em: 13 ago. 2010.

¹⁹ *Idem.*

um vento de inverno e nos empalidece a cabeça como Hamlet! Morrer! É a cessação de todos os sonhos, de todas as palpitações do peito, de todas as esperanças! É estar peito a peito com nossos antigos amores e não senti-los! Doida! É um noivado medonho o do verme, um lençol bem negro o da mortalha! Não fales nisso: por que lembrar o coveiro junto ao leito da vida?”²⁰.

Um Psiquiatra: Desejo trazer ao conhecimento o caso de BGL, 49 anos, solteiro, sexo masculino, aposentado e interno do Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Franco da Rocha-SP. Segundo consta no inquérito policial, ele violou uma sepultura e vilipendiou o cadáver de uma mulher de 82 anos de idade introduzindo um cabo de vassoura na vagina dela no mesmo dia que a vítima foi sepultada. O acusado se encontrava embriagado e foi visto com uma garrafa de aguardente durante o sepultamento da vítima. No meio policial e entre os moradores de sua cidade era conhecido como necrófilo e tinha o hábito de violentar cadáveres homens. Ao delegado de polícia, o acusado confessou o delito e disse que tinha atração sexual por pessoas mortas e que poderiam ser homens ou mulheres, não importava a idade, e que não se sentia atraído por pessoas vivas. Havia sido preso anteriormente por ter abusado sexualmente de um homem e uma mulher falecidos e, inclusive, praticou sexo anal com o cadáver masculino. Sentia-se muito excitado sexualmente diante de um cadáver e se masturbava. Os irmãos relataram que o interno não conseguiu ter aprendizagem na escola e nem trabalhar ou ter vida socioeconômica independente. Aos 15-16 anos de idade furtou algumas vezes caixões de crianças de uma funerária, colocava-os na sala de sua casa, chamava as pessoas para um velório e então se descobria que os caixões estavam vazios. Houve menção de que tentava violentar o cadáver de uma pessoa que lhe provocava raiva quando viva. Em casa era calmo e cooperativo, não ingeria bebida alcoólica de modo frequente e nem usava drogas. Tinha tendência para homossexualidade e nunca teve namoradas. Quando jovem, teria sido violentado sexualmente por outro homem. Anteriormente, não se submeteu a tratamento psiquiátrico de forma regular. O exame físico revelou dismorfia da face, biotipo displásico e obesidade. O exame psíquico revelou déficit de inteligência como transtorno significativo em associação com perversão sexual. Necrofilia é uma rara e bizarra parafilia caracterizada por atração e gratificação sexual por pessoas mortas²¹.

²⁰ (AZEVEDO, 2011, p. 57).

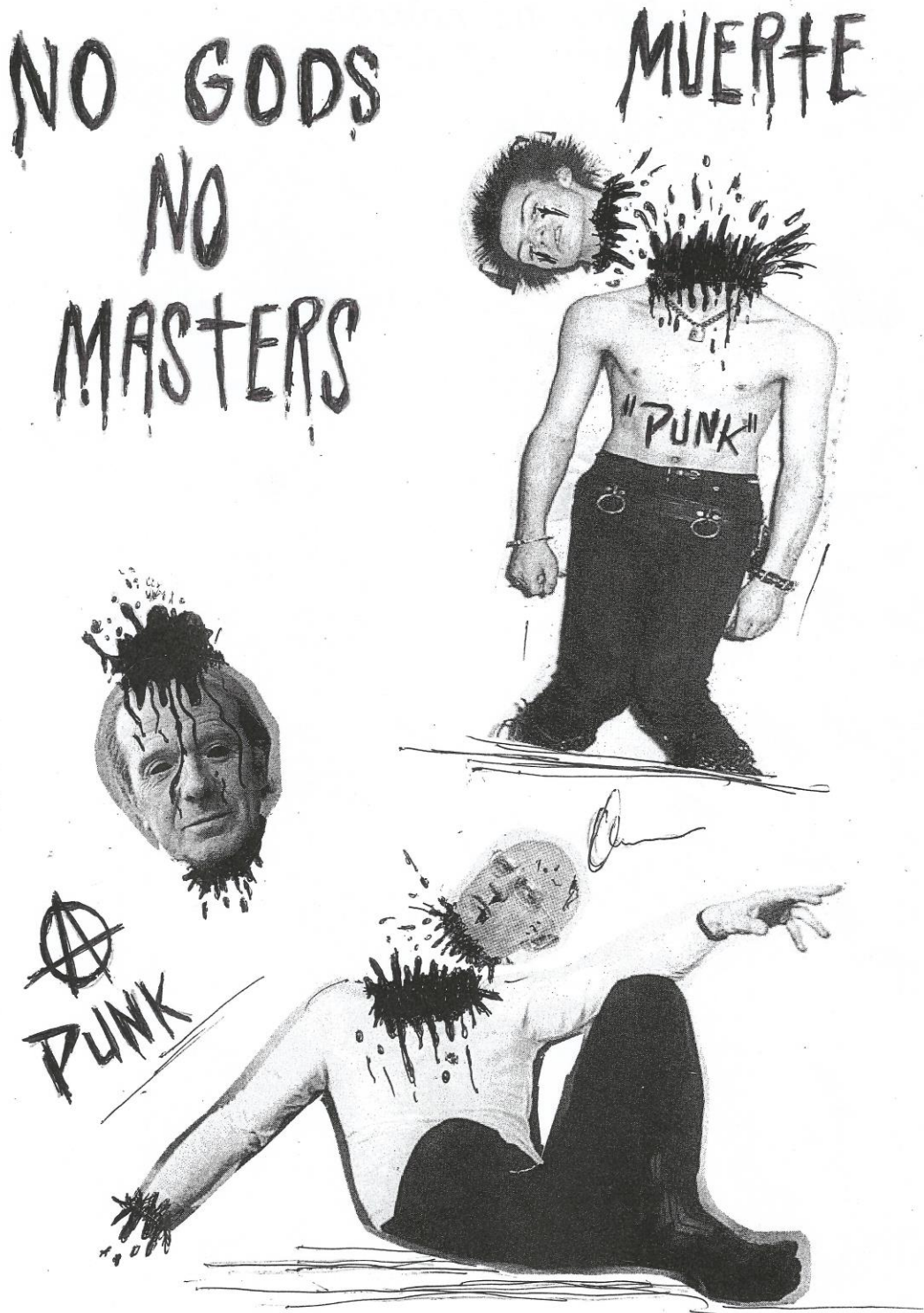
²¹ (MOSCATELLO, 2010, p. 320).

: morrer com...

Deleuze e Guattari: *E cada vez que se come um morto, pode-se dizer: mais um que o Estado não terá*²².

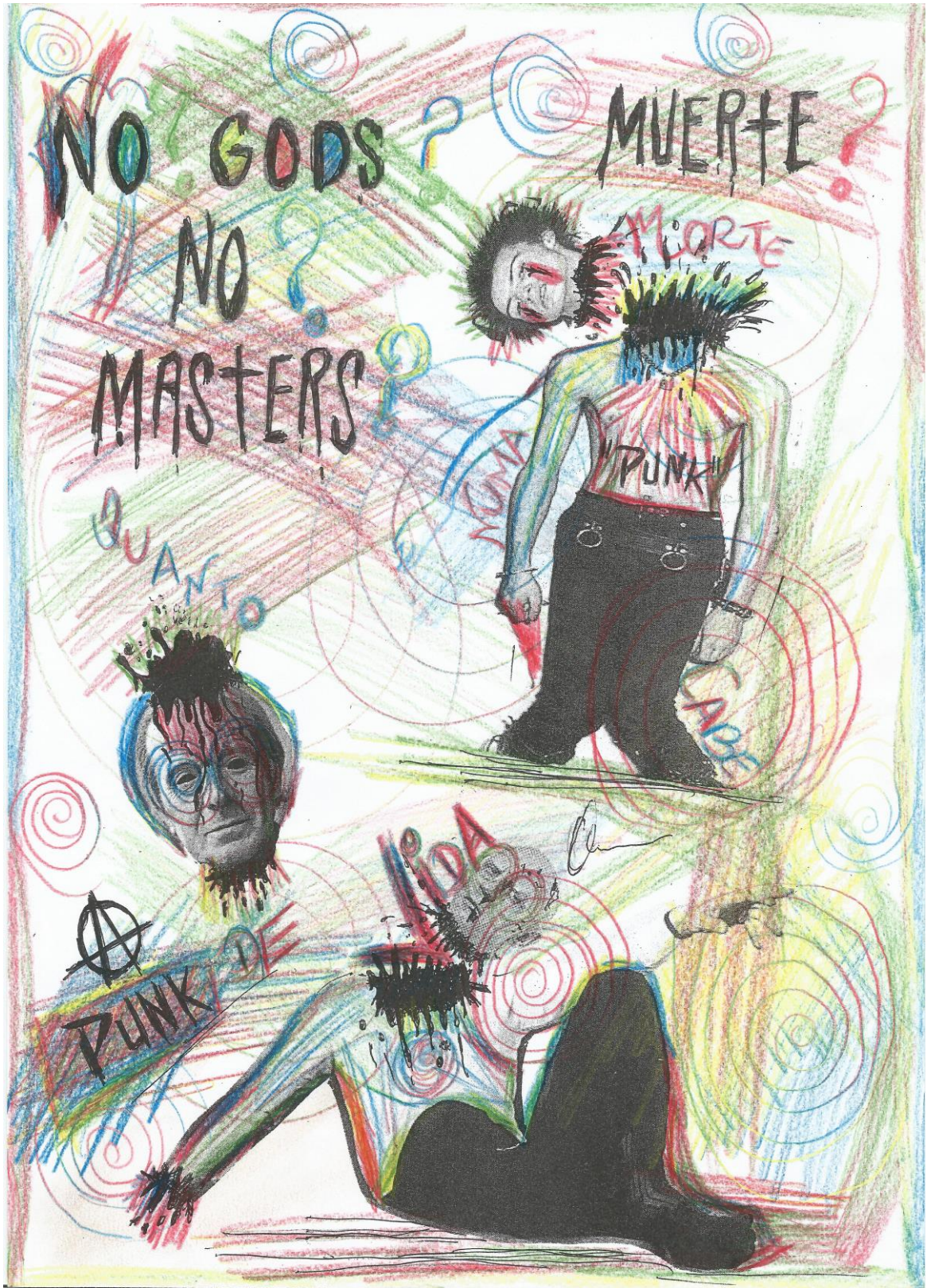
²² (DELEUZE; GUATTARI, 2015a, p. 72).

Figura 4 – *No gods no masters*



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Figura 5 – *No gods no masters*, variações em travessia



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Hypomnemata 401²³

“Não é universal, mas *facies totius universi*. **Jesus superstar**: ele inventa a rostificação de todo o corpo e a transmite por toda a parte (a Paixão de Joana D'Arc, em close). O rosto é assim uma ideia completamente particular em sua natureza, o que não o impede de ter adquirido e de exercer uma função mais geral” (DELEUZE; GUATTARI, 2015b, p. 48-49, **negrito meu**).

Figura 6 – UK. Punk London, 1983, Nils Jorgensen



Fonte: <https://www.glodbalkicks.com/product_detail.php?c=juicydistortion%20nike%20commercial%201989&p=37>. Acesso em: 04 jan. 2019.

²³ Sobre hypomnemata cf. Foucault (2002b).

Entre um, entre outro, entre uns, entre outros, entre muitos ou o “ânus do bode se opõe ao rosto do déspota ou de deus”

[...] somos nós que devemos seguir a linha mais desterritorializada, a linha do bode, mudando-lhe o signo, tornando-a a linha positiva de nossa subjetividade, de nossa paixão, de nosso processo ou reivindicação. Nós seremos nosso próprio bode. (DELEUZE; GUATTARI, 2015a, p. 78-79).

Monólogo... um interrogador

Figura 7 – “???”



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

— Interrogamos! Mas fique sabendo que a pergunta remete a uma resposta.

— Você está de acordo?

— Primeiramente interrogo quem? Um assaltante?

— Banqueiro? Empresário? Estudante, professor, louco? Um advogado? Um vendedor, um carpinteiro, um mendigo, uma gaivota, um deputado, um senador, um pedreiro, um encanador? Um ator? Ok, ok, ok...

— Uma criança com baba na boca? Um vivo? Um Morto? Um suspeito? Um intelectual pedante metido a sábio? Um bêbado? Cantor? Artista? Um rato? Um cachorro?

— Já sei, um filósofo?

— Hahahahahha... filósofo, filósofos...

— Qual seu nome? Você tem um nome?

— Fala porra!!!

— Ouvi algo sobre Knup, Cleydina Dina, algo estranho como Wescley. Algo assim...

— Fala porra!!!

— Quando você nasceu? Onde você nasceu?

— Melhor, quando você começou a existir?

— O que te define?

— Gosta da noite, do dia? Gosta da dor?

— O que você come?

— Você faz sexo?

— Com o que?

— Você tem boca, anus, pênis, vagina, dedo, seios, nariz, orelha, pernas, pulmões?

— Você respira, move, cheira?

— Você tem órgãos?

— Me fale de você, diga ao acaso uma frase.

— Quem foi sua mãe? Seu pai? Se é que você teve...

— Verme, rato.

— Uma expressão que seja...

— Você concorda, não concorda?

— Me disseram que você é sinistro.

— Move porra!

— Você saiu de uma vagina?

— Sílabas! Sílabas!

- De que país você é?
- Você se sente vivo?
- Me fale de seus vícios... todo mundo tem, né?
- Prefere o preto ou branco?
- Direita ou esquerda?
- Marx ou Bakunin?
- Foucault ou Deleuze? Hahahahah...
- Filme. Você gosta de filmes?
- Ora, seu idiota, não se deve desprezar as perguntas!
- Gostaria de viver aqui?
- Você está aqui agora? Nessa fronteira?
- Uma recordação, por favor?
- Você gosta de música?
- Fala porra!
- Você tem um rosto?
- Você tem um celular? Isso é importante, não é?
- Como assim? Sem amor, sem paixão, sem ouvir, sem falar?
- Você é um tipo de boneco, boneca? Bonecx?
- Você gosta de ler? Gosta de Kafka?
- Odradek?
- Ofereça uma variante!
- Você é um poeta, não é?
- Exclame em decassílabos!
- Que loucura! Loucura? Loucura, é isso Cleydina Dina? Hahahahah...
- É o liso, não é?
- Sério, já nem sei mais falar sobre as particulares projeções de minhas perguntas.
- Qual de nós está ausente?
- Alguém me responde ao ouvido?
- Ei, alguém me responde ao ouvido?
- Alguém me responde ao ouvidoooooooooooooo?
- Que máquina é essa que devorou você? Que devorou seu vocabulário? Que devorou seus órgãos? Que devorou suas entranhas?
- Errei, não foi?

- S3rio, vou embora. Que fique aqui minha ang3stia.
- Interrogarei outro.
- Adeus.
- A... deus?

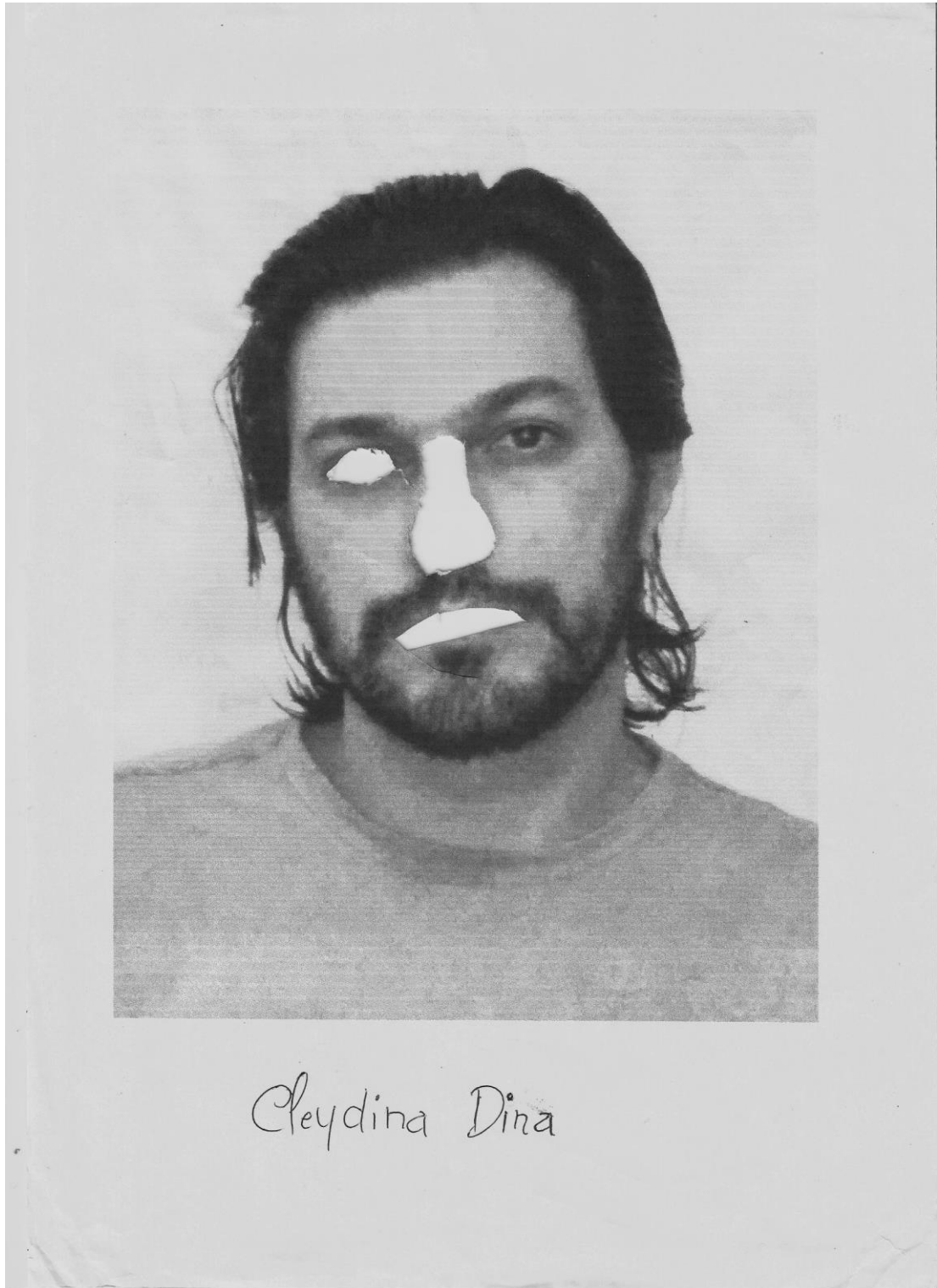
Figura 8 – “???”



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

*Ele me olhou com um ar esquisito, franziu a sobrancelha, o que eu fiz para que ele mudasse de rosto?*²⁴

Figura 9 – Cleydina Dina?



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

²⁴ (DELEUZE; GUATTARI, 2015a, p. 69).

Speak Wesley: “punk way of live?”

by Cleydina Dina

Eu não uso “drogas”,
 não tenho tatuagens,
 não gosto de cigarros,
 não gosto de comer carne,
 gosto apenas de vinho e cerveja,
 ... nos finais de semanas.

Sou alérgico a poeira, mofo, perfumes e
 dias muito frios.

Gosto dos dias frios.

Gosto de paredes limpas e pintadas,
 casa limpa e arrumada.

Gosto de ver meus livros, discos,
 revistas e filmes bem organizados.

Gosto de roupas dobradas e
 guarda-roupa arrumado.

Acordo tarde, tenho insônia,
 adoro assistir filmes na madrugada.

Gosto dos cabelos sempre lavados e
 penteados,
 calças limpas,
 meias limpas,
 camisas limpas,
 dentes limpos,

pele limpa, eu gosto.

Sou virginiano.

Adoro demorar no chuveiro,
 uso sabonete e shampoo
 industrializados.

Gosto de comer em casa...

quase sempre.

Gosto de amar.

Gosto de punk, crust, hardcore, death
 metal, black metal, industrial noise,
 harsh noise, noise core, jazz, blues,
 MP3, rockabilly, indie, psychobilly,
 country, progressivo, pós-punk, gothic,
 música clássica, silêncio e etc.

E e e

Sou acadêmico, metido a doutorar-se,

Sou como você(s),

Apenas mais um

In this idiot world

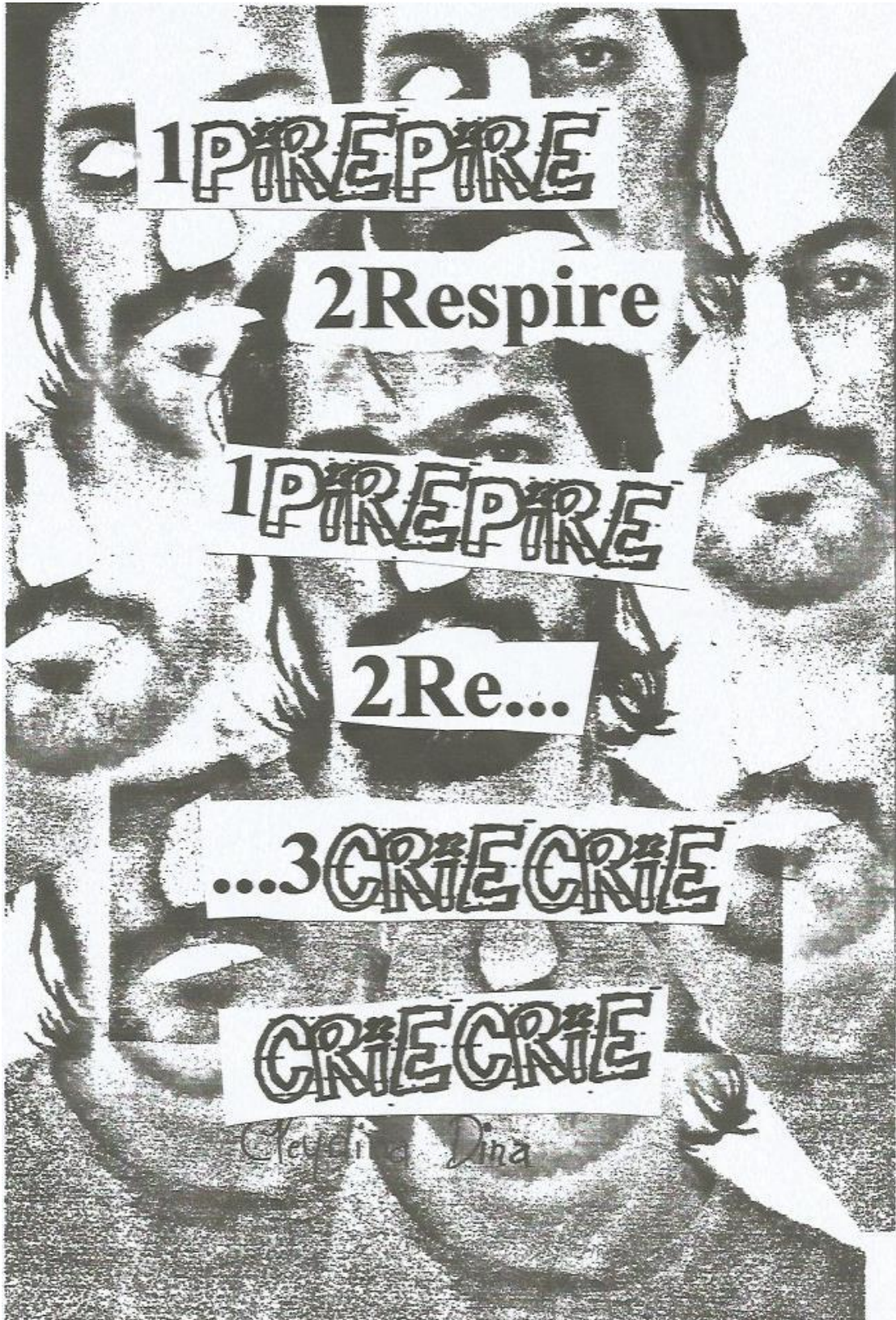
Figura 10 – Chega de estereótipos do punk



Fonte: <<https://publikassoesmarginais.blogspot.com>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

1 Punk 2 Psicólogo 3 Cleydina Dina

Figura 11 – Experimentar



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

**uma conversa sobre um banquete onírico lisérgico com um pseudovegetariano foucault
deleuze dois cachorros e um touro²⁵**

certa madrugada na cozinha da minha casa tomando café eu e o guattari falávamos sobre sonhos e sobre sonhar e ele me disse que tinha conversas em seus sonhos e que os sonhos para ele eram uma espécie de interlocução e eram muito importantes²⁶ achei genial aquilo tudo que ele disse o sonho como um interlocutor daí resolvi contar para ele sobre um sonho frequente muito frequente que tenho e que me ocorria nos últimos tempos eu estava totalmente pirado em estado catatônico sei lá de qualquer forma eu sonhava que estava preso em um duto enorme e imundo seguia caminhando com uma espécie de água que ficava bem acima do meu tênis era muito sujo e apertado o caminho diferentemente para meus três amigos que me seguiam um touro bem robusto todo zebrado e cabeçudo e dois cachorros um pastor alemão todo preto com pintas brancas e um mestiço de vira-lata e pitbull frequentemente eu olhava para trás para meus três amigos e era estranho pois o caminho para eles era bem extenso folgado e dilatado era uma espécie de cone o cheiro era tão insuportável que meu estômago dava voltas e minhas tripas se contraíam e formavam uma espécie de nó a ânsia de vômito era algo extremamente desagradável tentava voltar porém o duto se fechava em um espaço curto depois dos meus três amigos que se posicionavam um ao lado do outro o touro tinha um chifre quebrado e dele saía uma espécie de fumaça azul escarlate que me deixava mais pirado mais alucinado era uma típica viagem lisérgica acho só sei que ia seguindo o duto infecto por horas e horas sem saber onde daria juntamente com meus guardiões e amigos fieis em tempos o touro fungava e depois soltava um vapor ardido que fazia minha garganta amargar e meu nariz arder fortemente eu odiava aquilo porém ele não parava não parava nunca era questão de segundos e ele novamente fungava e depois soltava pensava que ia desmaiar no entanto continuava de pé sem saber ao certo para onde eu iria o cheiro a cada passo piorava era um cheiro ocre podre decomposto o que me dava uma fome canina e meu amigo cachorro soltava uma baba verde pela boca constantemente o que ia inundando ainda mais e mais o duto fétido os passos iam ficando cada vez mais curtos e se tornavam a cada segundo mais pesados e lentos o líquido nos meu pés ia ficando gelatinoso com cores frias diferenciadas durante uma passagem tive que atravessar um plástico imundo com um aspecto de ferrugem meu corpo

²⁵ Este texto foi publicado na revista Alegrar 22. Cf. Disponível em: <<https://alegrar.com.br/alegrar-22/>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

²⁶ Cf. Uno (2016).

passou de uma dimensão para outra e ficou todo coberto por uma espécie de baba canina esverdeada com um gosto amargo o que aumentava ainda mais minha fome meu amigo touro havia perdido uma das pernas mas continuava caminhando com uma desenvoltura elegante e invejável o vira-lata me entregou um copo plástico preto com uma espécie de leite sebooso e gorduroso eu tomei sem pensar pois a minha sede era tão grande que superou o aspecto nojento daquele líquido meus olhos começaram a tremeluzir e emitir um ruído de portas abrindo e fechando a fome aumentava e ficava insuportável meu estômago começou a gritar com uma voz gutural e minhas entranhas ameaçavam atravessar minha carne nessa altura eu sofria de hiponatremia o touro falou comigo como se fosse minha analista com a voz da minha analista pedia-me para que eu respirasse constantemente eu estava sufocado tonto desesperado meu cérebro aumentava e diminuía a cada passada meu corpo ardia em chamas era febril meu estado erupções saíam da minha pele constantemente também da minha boca e dos meus olhos senti uma tontura e desabei no chão acordei com o pastor alemão beijando minha boca bem sexualmente o que me deu forças para levantar e continuar minha viagem pelo subterrâneo havia contraído escarlatina possivelmente do cachorro minha língua agora tinha um aspecto de lixa e queimava fortemente por isso tinha que mantê-la para fora da minha boca não sentia ou não tinha mais partes corporais não tinha ou não sentia meus órgãos era extraordinário de alguma forma essa sensação de dor olhava para trás e meus amigos fiéis estavam sempre em posições de sentinelas um do lado do outro eles aumentavam e ficavam mais e mais fortes ao longo do duto o touro começou a rir sem parar risadas com aquele ar de escárnio comecei a sentir raiva o medo havia passado um dos cachorros começou a correr em volta daquilo que poderia ser meu corpo ainda fiquei meio atônito o touro latiu e voltei a caminhar sem sentido para qualquer lugar que poderia me livrar daquele aspecto do duto comecei a chorar sem parar e agora todos os meus amigos começaram a rir eu sentia que minha cabeça ia explodir a qualquer momento e nos tirar daquele lugar não aguentava mais pedi a meus amigos que me ajudassem por favor pois não tinha mais forças para aguentar aquela situação me sentia muito cansado continuei caminhando pelo duto e notei uma saída ou entrada na lateral do duto olhei para meus amigos porém eles não estavam mais atrás de mim o duto começou a se fechar e ligeiramente pulei para essa abertura e me encontrei em uma espécie de matadouro um matadouro sujo e cruel havia correntes por todos os lados e várias ferramentas que eram usadas para abate tinha muita carne pendurada no teto era muito frio e escuro meus três amigos estavam de avental de couro preparando um banquete no centro tinha uma mesa enorme de madeira com várias marcas das facas e machados usados para o abate

fiquei apavorado e ao mesmo tempo com muita fome toda aquela carne pendurada causava-me náuseas implorei por um copo de água porém só me deram sangue para beber tomado pela sede desagradável engoli todo o sangue em uma golada apenas antes que começasse a coagular ele tinha um gosto maravilhoso nunca pensei que sangue era tão bom eu era um vampiro agora meus amigos me chamaram para me sentar na mesa o banquete era enorme o cheiro era maravilhoso encheram uma taça enorme de sangue tomei com ferocidade e pedi mais um pouco fiquei extremamente embriagado sentia-me maravilhosamente bem apesar das dores surreais comecei a comer sem censurar-me pois era carne humana que estava na mesa era muito saborosa o paladar as peculiaridades das coxas e das nádegas eram as melhores tudo havia sido preparado com muito carinho e cuidado o tempero era excelente o cheiro era maravilhoso a carne combinada com o sangue dava um charme ao banquete comi até não aguentar mais o touro peidava e arrotava muito eu sentia seu bafo quente na minha cara os dois cachorros eram mais elegantes principalmente o vira-lata que carregava um ar de nobreza o touro ria comia peidava arrotava e bebia ao mesmo tempo era repulsivo porém divertido quando terminei minha refeição olhei para uma pequena mesa que estava ao lado de um enorme fogão sujo de gordura e sangue quando observei mais atentamente havia duas cabeças na mesa uma era a de foucault e a outra era a de deleuze eu havia me tornado naquele deleite antropófago uma espécie de vampiro canibal algo assim fiquei apavorado atormentado alucinado olhava para meus amigos e eles riam com hilaridade todos sentados em suas cadeiras continuando a comer e beber

Eu, outros, e outros, e punx, e noisecore, e...

Eu: onde você se sente confortável? **Outro:** difícil dizer! **Eu:** tenho minhas dúvidas! **Alguém:** mas também havia a música, caminhos, vida mesmo, sei lá, não me lembro mais. **Eu:** música, mais outras coisas também, como barulho. E outras coisas também como... **Outro:** está se fazendo de honesto? **Eu:** eu? **Eu:** estou meio tonto, ansioso, não consigo achar uma citação aqui. **William Burroughs:** “Sempre pensei que punk fosse alguém que desse o rabo”²⁷. **Pesquisador:** ser professor? **GG Allin:** “Precisamos destruir tudo e ficarmos com o que está nas mãos de empresários idiotas e conformistas. Mas a ação deve começar agora e sangue pode ser derramado [...] É por isso que eu estou pronto para tomar conta de tudo novamente. Ninguém teria mais culhões para isso. Todos decepcionaram-me. O dinheiro e o comercialismo fizeram com que todos se vendessem. Até o Iggy decepcionou-me. Os Sex Pistols decepcionou-me. Sid decepcionou-me quando se apaixonou (é por isso que estão mortos). E agora temos os Ramones a elogiar bandas como os Guns n' Roses que representam tudo o que deveríamos destruir”²⁸. **Eu:** a polícia está sempre me policiando sobre minhas “coerências” e “incoerências”. **Pesquisador:** teóricas? **Cleydina Dina:** polícia? Onde? Onde? **Eu:** por todos os lados. **Foucault:** “Com o rock, por exemplo, ocorre um fenômeno totalmente inverso. Não somente o rock (muito mais do que antigamente o jazz) faz parte integrante da vida de muitas pessoas, como também é indutor de cultura: gostar de rock, gostar mais de tal tipo de rock do que de outro é também uma maneira de viver, uma forma de reagir; é todo um conjunto de gostos e atitudes. O rock oferece a possibilidade de uma relação intensa, forte, viva, ‘dramática’ (no sentido de que ele próprio se oferece em espetáculo, de que a audição constitui um acontecimento e é encenada), com uma música que é pobre em si mesma, mas através da qual o ouvinte se afirma; e, além disso, se mantém uma relação frágil, temerosa, distante, problemática com uma música erudita da qual o público culto se sente excluído. Não se pode falar de uma relação da cultura contemporânea com a música, mas de uma tolerância, mais ou menos benevolente, em vista de uma pluralidade de músicas. A cada uma se dá ‘direito’ à existência; e esse direito é percebido como uma igualdade de valor. Cada uma vale tanto quanto o grupo que

²⁷ (McNEIL; McCAIN, 2004a, p. 272)

²⁸ (THE GG ALLIN MANIFESTO In: NECROSIS ZINE # 2, 2009, p. 50).

a pratica ou a reconhece”²⁹. **Dee Dee**: “Finalmente a gente começou a mandar brasa, e castigar os instrumentos. Na real, ninguém estava preparado. Eu estava tão bêbado que caí de costas e esborrachei meus amplificadores”³⁰. **Wescley, Cleydina Dina, Punk, Outros, Eu, e...:** não se pode afirmar que todos os punks são anarquistas, grandes conhecedores teóricos e praticantes de tais ideais. Não se encontra, ou mesmo não é a busca do movimento pensar uma revolução social macro, teorizada, global, organizada e coerente. Não acho que esse seja o caminho que ele buscou ou busca atualmente, dado a diversidade e a complexidade que ele atingiu. Sua luta é cotidiana, micro e suas armas de combate são a música ensurdecadora, a poesia, muitas vezes o visual pesado, agressivo e vivências que procuram contrapor e refletir sobre as contradições da sociedade na qual vivemos.

Clareto: *há uma certa personificação - não?*

Pesquisador: devo ser imparcial? **Cleydina Dina:** e a polícia porra? Tô flagrado! **Pesquisador:** porra? **Wescley:** você é pesquisador? Professor? Punk? Crust? Anarquista? Pai? Filho? Homem? Mulher?... **Pesquisador:** devo ser imparcial! **Sônia:** não sei se é possível separar. **GG Allin:** “Mas agora estamos em 1991. Esta é a década para a derradeira mutilação sangrenta. É o momento de tirar o rock 'n' roll das mãos das massas e devolver às pessoas que não aceitariam o conforto e a conformidade a nenhum custo. Então hei-de [sic] suicidar-me em pleno palco e o sangue do rock 'n' roll tornar-se-á o veneno do universo para sempre”³¹. **Cleydina Dina:** tá foda hein.... Tudo não passa de uma grande ficção. **Pesquisador:** posso expor minhas ideias de forma a tentar esclarecer melhor... **Wescley:** estou sem dormir direito já faz uns dias. **Foucault:** “Sim, pois o que é a ética senão a prática da liberdade, a prática refletida da liberdade?”³² **Cleydina Dina:** meus ídolos não morreram de overdose, pois eles nunca existiram. **Dee Dee:** “A razão para eu escrever aquela canção foi de despeito por Richard Hell, porque ele me disse que ia escrever uma canção melhor que ‘Heroin’ de Lou Reed; por isso fui para casa e escrevi ‘Chinese Rocks’³³. **Clareto:** tenha cuidado com o juízo de valor. **Outro:** aqui é punxxxxxxx!!!! **Wescley:** é possível a imparcialidade? **Knup:** e aí pesquisador? Hehehehe... **Pesquisador:** não posso sacrificar a

²⁹ (FOUCAULT, 2009, p. 393).

³⁰ (McNEIL; McCAIN, 2004a, p. 238).

³¹ (THE GG ALLIN MANIFESTO, In: NECROSIS ZINE # 2, 2009, p.50).

³² (FOUCAULT, 2006b, p. 267).

³³ (McNEIL; McCAIN, 2004a, p. 279).

verdade e.... **Cleydina Dina**: cara mais maçante. **Foucault**: o pensamento anarquista do século XIX foi uma tentativa de reconstituição de uma ética e uma estética do eu³⁴. **GG Allin**: “Gravadoras invertebradas beijando o cu do sistema, pressionadas pelo dinheiro da mídia e pelos políticos. Devemos sabotar as gravadoras não comprando os seus discos. Um boicote; se quiseres um disco, rouba-o; [sic] assim não ficarão com seu dinheiro. Nós precisamos parar de alimentá-los. Por que é que achas que estou na prisão? Porque eles sabem o que eu sou e temem a minha verdade. A nossa sociedade quer parar minha missão. Eles querem é fazer-te uma lavagem cerebral e manter-te ligado à MTV, nos seus estagnados e seguros mundos. É necessário destruir o Rock 'n' Roll. Eu sou o salvador. É por isso que sou considerado uma ameaça à sociedade”³⁵. **Jesus Nietzsche**: “[...] onde estiver teu tesouro, estará também teu coração”³⁶. **Sônia**: Wesley, você precisa ficar mais com a gente. **Eu**: eu preciso pegar o ônibus das 17:45 hs. **Wesley**: vou ficar Sônia, vou ficar... **Andy Warhol**: “Todos nós sabíamos que algo de revolucionário estava acontecendo”³⁷. **Deleuze**: “A figura do masoquista é hermafrodita, como a do sádico é andrógina [...] Entre o sadismo e o masoquismo revela-se uma profunda dissimetria”³⁸. **Mary Woronov**: “A gente era do S&M, eles eram do amor livre”³⁹. **Wesley**: preciso escrever. **Pesquisador**: preciso pesquisar. **Cleydina Dina**: e a polícia? **Pesquisador**: sinto que não há reciprocidade em tais práticas, pois a ética parece não afetar diretamente o outro. **Kevin Michael Allin**: se vocês estão esperando que eu defeque no palco e coma novamente... morram seus vermes imbecis. **Wesley**: asfixiante. **Outros e**: e o punk? **Knup**: morte ao punk, agora e sempre. **Drummond**: “Os punks trazem uma receita de aparência ingênua, mas que tem sentido. Se tudo está por aí – e nós estamos mais ou menos convencidos disso –, uma postura punk, descrente dos métodos e processos consagrados para nos salvar do abismo, tem razão de ser. Os garotos dizem as coisas com franqueza selvagem. A arte deles não é mozartiana ou sequer seresteira da Diamantina, mas tem função, explica-se pelas circunstâncias”⁴⁰. **Deleuze e Guattari**: “A cantora americana Patti Smith canta a bíblia do dentista americano: não procure a raiz, siga

³⁴ Cf. Foucault (2006a).

³⁵ (THE GG ALLIN MANIFESTO. In: NECROSIS ZINE # 2, 2009, p.50)

³⁶ (MATEUS apud NIETZSCHE, 2009b, p. 7).

³⁷ (McNEIL; McCAIN, 2004a, p. 30)

³⁸ (DELEUZE, 2009, p. 69).

³⁹ (McNEIL; McCAIN, 2004a, p. 31).

⁴⁰ (DRUMMOND apud BRANDÃO; DUARTE, 2004, p. 110).

o canal...”⁴¹. **Patti Smith**: “Eu não tinha confiança nenhuma em mim mesma”⁴². **Guattari**: “Enquanto Artaud é a própria raiz de sua existência, da subjetividade presente. Ou seja, a partir desse fato isso se torna uma verdadeira experimentação, deixa de ser representação”⁴³. **Pepe Escobar**: “A vida pode ser inventada quando todas as imagens são produzidas de antemão?”⁴⁴. **Guattari**: “O que eu acho de interessante nos grupos punk é que eles parecem ser absolutamente prisioneiros dos meios de expressão dominantes. Usam material fabricado pela grande indústria da mídia (instrumentos difundidos às centenas de milhares de exemplares no conjunto do planeta), além de serem totalmente dependentes dos sistemas comerciais para gravar discos ou dar concertos. Essa dependência se estende até aos locais onde possam ensaiar: em Paris, por exemplo, eles costumam encontrar um local; logo os vizinhos denunciam, e a polícia acaba expulsando-os. Não sei se aqui acontece o mesmo. Além disso, os punks são tributários, inconscientemente, dos sistemas de expressão dominantes: seus temas são os temas da música comercializada, suas linhas melódicas são a reprodução das que estão por toda parte. É nítido o quanto eles estão poluídos por imagens de cinema e televisão, o quanto incorporam uma certa representação do *star-system* do vedetismo, todo um ideal de ego. Isso, sem mencionar as relações falocráticas, que fazem com que a música rock e punk, até segunda ordem, não se constituam em um campo de ação possível para mulheres. Se consideramos todos esses elementos juntos, dizemos que se trata de um empreendimento completamente recuperado, que se encontra em implosão, correndo o risco de cair em microfascismos. No entanto, apesar de todo esse caráter heterogêneo e serial de seus componentes (onde tudo parece estar sendo tomando de empréstimo aos sistemas opressivos dominantes), tais componentes podem se constituir em elementos de um processo de singularização. Centenas de grupos vivem, encarnam seu desejo em empreendimentos coletivos como o rock e o punk, que podem ter, para eles, uma importância absolutamente vital. Apesar de vincularem elementos de significação da ideologia dominante, apesar de serem prisioneiros de numerosos sistemas de modelização, eles exprimem [...] aquilo que chamo de ‘vetor de revolução molecular’, o qual pode subverter a modelização da subjetividade”⁴⁵. **Eu: eu? Eu: eu: Eu: eu... Deleuze e Guattari:**

⁴¹ (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 41).

⁴² (McNEIL; McCAIN, 2004a, p. 151).

⁴³ (GUATTARI. In: UNO, 2016, p. 64).

⁴⁴ (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 53)

⁴⁵ (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 53-54)

“Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU”⁴⁶. **Guattari**: “Ao invés de *ideologia*, prefiro falar sempre em *subjetivação*, em *produção de subjetividades*”⁴⁷. E...

⁴⁶ (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 17)

⁴⁷ (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 25).

Quando Nietzsche ...

ou

H

de

A

Eu: sempre me pergunto se teve um começo. E pergunto aos outros também.

Outro: afinal, o que isso realmente importa?

Outros: isso realmente interessa?

Eu: não quero falar sobre história, tudo bem?

Alguém: para mim não importa, importa a vida cotidiana, a vida, a vida, a vida, a vida...

Nietzsche: qual a função de tanto passado?

Os outros outros: vamos falar sobre a história do punk?

Outro: não, acho bastante enfadonho, totalmente chato.

Eu: eu também.

Cleydina Dina: que se lasque a história.

Eunietzschiano: para que serve a história?

Nietzsche: esmague tudo isso.

Comunidade anarco-punk goulai polé: “Na maioria das vezes, o que se espera de um texto sobre Punks são aquelas velhas e mesmas informações sobre sua origem na Inglaterra, em 77, com o Sex Pistols (na verdade eles estavam mais para \$ex Pistol\$), as curiosidades de personagens polêmicas que acabaram virando grandes mitos, idolatrados por muitos e rendendo um bom dinheiro para a indústria cultural, blá, blá, blá...”⁴⁸.

Jesus: eu sou a origem.

Eu: quem são vocês, afinal?

Alguém: estou cansado de saber sobre tudo isso.

Outros Nietzsches: quero tomá-la como um ácido. A história como um líquido ácido.

Cleydina Dina: quem? Qual? Quando? Onde?

Eu: a história?

Eu e os outros: sim!

⁴⁸ (COMUNIDADE ANARCO-PUNK GOULAI POLÉ, 2015, p. 6).

Deus: eu sou a origem, eu inventei tudo, eu invento tudo, portanto o punk sou eu.

Cleydina Dina: foda-se! O Sex Pistols sempre foram uma fraude mesmo, então quem se importa. Foda-se o punk também.

Outro: Ramones, The Clash, blá, blá, blá...

Um punk: McLaren, Cid Vicious, Johnny Rotten etc., todos esses são um lixo. Ramones também é. Na rela, tudo poser!

Malcolm McLaren: “Quando criança, sempre que me mandavam escrever “Não serei mau”, eu mudava para serei MUITO mau”. E isto sempre me divertiu – embora na escola de arte fosse um pouco de desperdício. Para mim, a noção de mau precisava ser redefinida. E a noção de bom significava coisas que eu absolutamente achava que tinham de ser destruídas [...] Na lista havia um nome – os Sex Pistols, que significavam todos os tipos de coisa pra mim. Ele surgiu a partir da ideia de uma pistola, uma pin-up, uma coisa jovem, um assassino com um visual legal – uma pistola de sexo. E lançar essa ideia na forma de uma banda de garotos que podiam ser considerados maus era perfeito, especialmente quando descobri que esses garotos tinham a mesma raiva que eu. E possivelmente podiam me ajudar a continuar sonhando e me fazer recusar pra sempre a voltar pro que me aterrorizava – a normalidade”⁴⁹.

Eu: nunca gostei.

Os outros: coloridos, moicanos, verdes, vermelhos, amarelos, rosas; um verdadeiro carnaval fora de época.

Cleydina Dina: hahahahah...

Crass: “Nós adotamos roupas pretas como um protesto contra o exibicionismo dos punks da moda. Começamos a incorporar filmes e vídeos em nossos shows. Iniciamos a produção de panfletos para esclarecer nossas ideias e um jornal, International Anthem. Criamos a faixa que passou a ser pendurada atrás de nós, e nos comprometemos a levar isto até o fim, pelo menos até o fim do então lendário ano de 1984”⁵⁰.

Outros: os índios já usavam moicano muito antes disso tudo.

Historiador: o que foi o lendário ano de 1984?

Fields: “Fiquei acompanhando os Sex Pistols através da imprensa pensando: ‘Vai dar problemas’. Eles interferiram na agenda dos Ramones em todos os lugares, não a favor, nem contra. Estavam apenas desviando a atenção e energia que estávamos fazendo [...]. Malcolm McLaren existia graças aos New York Dolls que ele sempre empresariou. Mas a estratégia de Malcolm para os Pistols era a teoria do caos. Estava fora de controle e não tinha nada a ver

⁴⁹ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p. 26-27).

⁵⁰ (CRASS, 2017, p. 33).

com nada musical. Tinha a ver com esse fenômeno aterrador que estava chegando da Inglaterra. Eles botavam alfinetes de segurança no nariz da rainha, vomitavam, praguejavam e diziam que era o fim do mundo”⁵¹.

Outro punk 77: eu gosto do Sex Pistols e sua trupe.

Um grinder: sob máscaras, apenas uma paródia absorvida e manufaturada pela indústria cultural.

Eu: isso todos dizem!

Figura 12 – Fachada da loja Sex, 1973



Fonte: <<http://www.modadesubculturas.com.br/2016/09/punk-influencia-lojas-viviennewestwood-malcolmmclaren.html>>. Acesso em: 06 jan. 2019.

Alguém: e o que vaza? O que vaza? Vazamentos, vazamentos...

EU: gosto mais dos Ramones.

Alguém: crie, crie, só isso.

Alguém: Ramones é pop.

⁵¹ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p.131).

Vivienne Westwood: “Eu não me considerava uma Fashion Designer no tempo do *punk*. Eu apenas usava a moda como uma forma de expressar a minha resistência e rebeldia”⁵².

Eu: eu gosto, hehehehehe.

Holmstrom: “Punk Rock em 1974 era o Suicide, The Dictators, Television e os Ramones. Pensávamos que os Dictators e os Ramones seriam como os Beatles e os Stones da nova revolução”⁵³.

Outro: o punk acabou? O que houve com ele?

Pesquisador: capturas, capturados.

Fashion punk: qual o problema da moda?

Eu: o Crass é de 70.

Noisecore: Crass é foda.

Grinder: Crass é resistência, isso sim era punk!

Crass: “Então já havíamos percebido que nossos colegas punks, Sex Pistols, The Clash e todas as outras marionetes não estavam fazendo nada. Eles podem gostar de pensar que enganaram as grandes companhias, mas foi ‘Joe Public’ quem foi enganado. Eles não ajudaram ninguém além de si mesmos, começaram apenas outra moda fácil, trouxeram um novo fôlego para a moda da Kings Road de Londres e clamavam que haviam começado uma revolução [...]. McLaren e seus comparsas poderiam algum dia sonhar. Com absoluta persistência, nós estávamos expondo os charlatões do punk como o que eles realmente eram: uma mentira da indústria musical”⁵⁴.

⁵² Disponível em <<https://www.melissa.com.br/collabs/vivienne-westwood>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

⁵³ (MELNICK; MEYER, 2013, p. 51).

⁵⁴ (CRASS, 2017, p. 29-32).

Figura 13 – Colagem feita a partir de imagens e reportagens das revistas “Som” e “Olho de Porko”



Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

Cleydina Dina: quero sangue, sangue...

Alguém: as fugas, os vazamentos e...

Malcolm McLaren: “Eu era apenas esse sujeito estranho com aquele sonho louco. Estava tentando fazer com os Sex Pistols o que fracassara em fazer com os New York Dolls. Estava pegando as nuances de Richard Hell, a veedagem dos New York Dolls, a política do tédio e misturando tudo para fazer uma afirmação, talvez a minha afirmação final. E irritar aquela cena rock & roll, era isso que eu estava fazendo”⁵⁵.

⁵⁵ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p. 32).

Figura 14 – Sex Pistols



Fonte: <<http://www.modadesubculturas.com.br/2016/09/punk-influencia-lojas-viviennewestwood-malcolmmclaren.html>>. Acesso em 06 jan. 2019.

Cleydina Dina: cale a boca todo mundo e vamos fazer algo que preste. Quero festa!!!
[Risos].

Jesus pop: Jesus é pop, punk é pop, eu sou Jesus.

Cruen: “Os shows deles eram o caos total, mas o ônibus de fato era harmonioso. Basicamente a gente bebia cerveja, passava baseados e ouvia reggae. Mas daí o ônibus encostava, as portas abriam, e haviam três câmeras de televisão apontando pra escada. Os fãs estavam agrupados em volta, e a loucura começava [...]. Os Sex Pistols não eram pessoas violentas, mas, ao proclamar seu tédio e fúria contra tudo, atraíram as mais bizarras reações de todos os lados”⁵⁶.

Noisecore: eu quero é barulho de verdade.

Cruen: “Os Sex Pistols não estavam fazendo isso na técnica musical. Quer dizer, que tipo de banda estava por cima naquela época? Bad Company e Led Zeppelin. E os Sex Pistols conseguiram se dar bem sem tocar música daquele jeito”⁵⁷.

Eu: adoro Led Zeppelin.

Fields: “Os Pistols eram capa dos jornais na Inglaterra toda vez que arrotavam e peidavam, o que faziam de montão. Então isso foi transmitido na América e era inevitável que

⁵⁶ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p. 131-132).

⁵⁷ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p. 135).

definissem o punk rock, porque, tão logo uma coisa está no noticiário das sete horas e na capa dos jornais, então *isto é punk rock*”⁵⁸.

Alguém: isso é punk? Atitude punk?

Dee Dee Ramone: “Havia vômito por toda parte. No chão, na pia e transbordando das privadas. ‘Que coisa nojenta’, pensei. Sid e eu imediatamente vomitamos também. Mas eu ainda não tinha visto nada. Sid tirou do bolso uma seringa horrível com sangue endurecido na agulha. Dei a ele um pouco de *speed* e ele botou na seringa. Aí colocou a seringa na privada e puxou a água para dissolver o *speed* a frio. A água estava cheia de vômito, mijo e ranho. Sid parecia não ver absolutamente nada de anormal naquilo. Parecia que sua principal preocupação era se injetar e que estava disposto a aguentar qualquer merda por aquele pico”⁵⁹.

Eu: explorando o punk inglês?

Outro: tenho mais influência dos escandinavos.

Cruen: “Sid não procurava nada, as coisas é que o encontravam, sabe? Ele era uma espécie de imã, tipo zoom! Tudo vinha a ele. Parecia que as coisas estranhas aconteciam em volta de Sid. Naquela mesma noite, um veterinário pediu para Sid transar com a namorada dele, enquanto ele olhava. Um pouco depois, Sid voltou e disse: ‘Só caguei na boca dela’. Eu disse: ‘O que? Está brincando? Por que você fez isso?’ Ele disse: ‘Bem, o namorado dela disse que queria que ela tivesse uma experiência inesquecível’”⁶⁰.

Um intelectual: capturas, sempre as capturas.

Mcneil: “Da noite pro dia, o *punk* tinha se tornado tão estúpido quanto tudo o mais. Aquela maravilhosa força vital articulada pela música, na real, tinha a ver com corromper todas as formas – tinha a ver com defender que os garotos não esperassem que lhes dissessem o que fazer, mas fizessem a vida por si mesmos; tinha a ver com tentar fazer as pessoas usarem sua imaginação de novo; tinha a ver com não ser perfeito [...]. Mas depois dos Sex Pistols eu não estava mais interessado em fazer a revista *Punk*. Parecia mais uma armação da mídia. O punk não era mais nosso”⁶¹.

Alguém: pop é tudo.

Cleydina Dina: alguém pega uma bebida?

Violet: “O *Velvet Underground* toca tão alto que quase nunca se ouve a música [...]. São todos magros, vestidos de preto e parecendo que se alimentavam somente de *wafers* de

⁵⁸ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p.135).

⁵⁹ (RAMONE, 2004, p.82).

⁶⁰ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p. 134).

⁶¹ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p. 140-141).

anfetaminas [...]. As primeiras reportagens colocam o *Velvet* abaixo de zero. Os críticos chamam-nos de anti-sociais e viciados. O som que fazem é estridente, áspero, grosseiro, violento, como se tivessem triturando pedras. ‘São muito distantes da maioria das pessoas’, diz Andy, ‘mas são fabulosos’. Como sempre Andy tem razão, pois seu estilo é o precursor do que mais tarde foi chamado de *punk* [...]”⁶².

Eu: toca? Basicamente estão todos mortos, hahahah.

Joey Ramone: “Fomos umas das primeiras bandas a tocar no CBs. Quando o descobri era uma espelunca que não tinha dado certo como um bar de bluegrass. Quando falei com Hilly Kristal, ele disse: ‘Ninguém vai gostar de vocês, mas vou aceitar vocês de volta’. Tinha esse cara Terry Orr, que estava empresariando o Television e dando a eles todas as melhores noites. As primeiras pessoas para quem tocamos foram o garçom, o cachorro dele e os dois caras do Cockettes”⁶³.

Historiador: é história, meu amigo.

Asheton: “Em *Fun house*, [...] paz e amor não fazia parte dele. No fundo a gente não se importava muito em fazer alguém se sentir bem. Estávamos mais interessados no que estava acontecendo realmente, na merda tediosa que era e no jeito que, de fato, você era tratado. ‘Dirt’ é um exemplo perfeito de como era nossa atitude. Sabe como é: ‘Foda-se toda essa merda, somos lixo, não nos importamos’”⁶⁴.

GG Allin: eu sou o único punk que já existiu.

Harris: “Quando *The Stooges*, primeiro álbum do The Stooges, saiu pela Elektra, em agosto de 1969, sentei numa mesa com o pessoal da divulgação [...]. Eles ouviram Iggy e disseram: ‘Oh, isso não é Doors, não é Love, não é Judy Collins, não é Tom Paxton, que diabo é isso? Isso é um amontoado de barulho!’”⁶⁵.

GG Allin: Ramones, Pistols, todos se venderam.

Holmstrom: “Você ia ao CBGB e os Hells Angels estavam descendo a porrada uns nos outros ali no bar. Eu me borrava de medo e ficava sempre nervoso perto deles. Eu tinha um vizinho que era do Hells Angels e ele me alertou para não chegar perto deles”⁶⁶.

Shakespeare: eu criei essa merda toda.

Historiador: sim, ele criou o punk.

⁶² (VIOLET, 1991, p. 139-143).

⁶³ (MELNICK; MEYER, 2013, p. 49).

⁶⁴ (McNEIL; McCAIN, 2004a, p. 102).

⁶⁵ (McNEIL; McCAIN (2004a, p. 90).

⁶⁶ (MELNICK; MEYER, 2013, p. 49).

Sensible: “Eu não sei o que teria sido da cena punk britânica se os Ramones não tivessem vindo em 1976. Ou se teria acontecido. Eles deram fôlego para que o punk acontecesse”⁶⁷.

Alguém: ele já nasceu morto.

Mcneil: “Depois de quatro anos fazendo a revista *Punk*, e sendo basicamente motivo de deboche, de repente tudo era ‘PUNK!’”⁶⁸.

– **Danny Fields:** “Quando os Sex Pistols terminaram [...] aquilo mostrou para todo mundo que o lance punk não era viável. Que eles eram a fim de se autodestruir e, desse modo, qual era o sentido de investir em qualquer um deles? Por que criar um público pros Ramones, ou pros Pistols, ou pro Clash? Por que institucionalizá-los se eles iriam se destruir, se a natureza deles era de destruir os outros e a si mesmos? [...] Então a coisa toda se tornou um enorme monte de merda do qual ninguém queria se aproximar”⁶⁹.

Os outros: que bom que durou pouco.

Noisecore: eu não considero esses caras punks.

Comunidade Anarco-punk Goulai Polé: “O estigma de violento, vagabundo, drogado... acabou marcando os primeiros tempos do movimento”⁷⁰.

O outro: eu penso que, de alguma forma, praticamente todos que passam pelo punk acabam curtindo pós-punk.

Eu: gosto de muita coisa.

Figueiredo Junior: “Ninguém ficou parado fazendo músicas feias só para cuspir no sistema. Dedicaram-se a compor belas canções pop que tocariam no rádio e fariam daqueles jovens de periferia as novas celebridades e até novos milionários do show bussines europeu e americano, às vezes com pouco conhecimento musical e sempre com talento de sobra pra compor a trilha sonora da década de 80 e – principalmente – com um mercado ávido pelas novas bandas que surgiram aos montes com roupas bonitas, cabelos coloridos e maquiagem glam”⁷¹.

Historiador: e depois?

Os outros: não tem nem antes nem depois, tem agora.

Eu: depois...

⁶⁷ (TRUE, 2011, p. 84).

⁶⁸ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p.133).

⁶⁹ (McNEIL; McCAIN, 2004b, p. 140).

⁷⁰ (COMUNIDADE ANARCO-PUNK GOULAI POLÉ, 2015, p. 7).

⁷¹ (FIGUEIREDO JUNIOR, 2014, p. 44).

GG Allin: faça o que quiser, você não tem que ouvir ninguém.

Por que somos contra a união de punks com skinheads: “Assim, se por um lado havia street punks junto a skinheads no Oi!, por outro havia uma crescente cena Peace-punk que criava suas próprias publicações, zines, gravadoras/selos e produções diversas, se envolvendo em manifestações e movimentos sociais de forma cada vez mais politizada e libertária. De peace-punks surgiram diversos questionamentos quanto aos valores envolvidos no Oi! E nestes skinheads, que para além de toda a cultura de briga e virilidade masculina que frequentemente destruía as gigs e eventos, tinham um forte discurso de culto às tradições, machismo e orgulho à posição de operário, enquanto @s peace-punks defendiam a destruição das classes, questionando este orgulho de serem explorad@s”⁷².

Cleydina Dina: sobre o que vocês estão falando?

Alguém: já me esqueci.

Outro historiador: claro, você nunca se lembra de nada mesmo!

Rimbaud: “No rock and roll não existe operários. Rock é sobre liberdade e não escravidão, sobre revolução do coração e da alma, e não convulsão da mente. Dizer que o punk é, ou deveria ser, ‘classe operária’ é falsamente removê-lo das raízes sem classe de onde cresceu a ‘verdadeira revolução do rock’. Punk é uma voz da divergência, um ataque generalizado contra todo o sistema, e despreza os estereótipos de ‘classe operária’ assim como os de ‘classe média’. O punk atacou as barreiras de cor, classe e credo, mas olhe para como está agora, você realmente acha que foi libertado? Oi! E, mais recentemente, o Skunk, foram promovidos nas páginas da Sounds como o ‘verdadeiro punk’; verdadeiros idiotas talvez, mas não verdadeiros punks. Seja lá onde o punk tenha a intenção de destruir barreiras de classe, o Oi! E o Skunk são cegos o suficiente para erroneamente reforçá-los”⁷³.

Outro: O nome da banda era *Little Sister's Date* (LSD).

Marcus: “[...] os skinheads da Londres do início dos anos 70, saindo pela cidade à noite para espancar paquistaneses, os quais, ao contrário dos jamaicanos cujo ska os skinheads adoravam, tinham a totalidade errada de negro na pele”⁷⁴.

GG Allin: exatamente.

Marginal: “Em março de 96, alguns punks foram abordados pela polícia e, enquanto eram revistados, o moicano de um dos punks foi arrancado à faca por um dos policiais que

⁷² (FANZINE POR QUE SOMOS CONTRA A UNIÃO DE PUNKS COM SKINHEADS, 2012, p. 11).

⁷³ (RIMBAUD, 2017a, p. 62).

⁷⁴ (MARCUS, 2006, p. 36)

gritava ‘Oi!’ e ‘Skin!’, dizendo ‘não gosto de punks e muito menos de negros’. [...] O punk agredido levou vinte pontos na cabeça e os dois policiais foram afastados [...]”⁷⁵.

Cleydina Dina: oi? Alguém disse LSD?

Crass: “Quando, em 1976, o punk explodiu pela primeira vez nas manchetes da nação, com a mensagem ‘faça você mesmo’, nós, que de várias formas e por muitos anos a seguimos ao pé da letra, ingenuamente acreditamos que Rotten, Strummer etc., queriam mesmo. Afinal não estávamos sozinhos”⁷⁶.

Alguém: o que me intriga no que se refere à história, é que ela, muitas vezes, é fechada aos acidentes e às aleatoriedades.

Saira Huff: “Cuando empese com el punk tenia 13 años. Vivía con mi padre que era un idiota violento y abusivo, así que me fui de mi casa y viví en las calles de Portland, donde encontré punks por primera vez. Realmente me gustó que el punk era ser unx mismx, sin importar tu imagen, lo que pensabas o creerse popular. Vine de una busiva y traumática vida familiar, mudándome a una nueva casa y escuela al menos una vez al año, así que nunca fui capaz de encajar con nadie de todo modos. Fui furiosa y luchadora desde de mis primeros recuerdos. Y los recitales punks y la música fue como una liberación definitiva de total la rabia que tenía adentro. Finalmente encontré un lugar donde podía gritar, descargar y expresar mi enojo sin meterme en problemas. El punk fue la libertad de ser yo misma que nunca antes había tenido! Ha sido mi verdadera familia desde entonces!”⁷⁷.

Outro: e quem está falando de história aqui?

Dee Dee Ramone: “Se a vida segue alguma lógica, eu gostaria de saber qual é. Estou novamente no hotel Chelsea, em Nova York. Já tomei muitas drogas nesse hotel. E é aqui mesmo que vou me livrar das drogas. Não é estranho?”⁷⁸.

Alguns: isso tudo não passa de uma comédia grosseira.

Nietzsche: eu tenho nojo do passado.

⁷⁵ (MARGINAL, 2015, p. 54-55).

⁷⁶ (CRASS, 2017, p. 29).

⁷⁷ (RUIDO CRUDO # 4, 2010, p.6).

⁷⁸ (RAMONE, 2004, p. 13).

Figura 15 – Um dos fundadores da banda Crass e da *Dial House*, Penny Rimbaud, na cidade de Divinópolis/MG em um evento promovido pelo Coletivo Pulso, Imprensa Marginal e *No Gods No Masters*



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Nietzsche: “[...] saiba mesmo tão bem esquecer no tempo certo, quanto lembrar no tempo certo [...]”⁷⁹.

⁷⁹ (NIETZSCHE, 2003, p. 11).

Figura 16 – Fanzine Anarcopunk Luciernaga



Fonte: Fanzine Anarcopunk Luciernaga # 6 (2010, p. 20).

Conexões aberrantes deleuze foucault crust punk e...⁸⁰

Figura 17 – VII Seminário Conexões



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

minando a terra queimo livros que de nada me servem

dos bastidores peneiro água que escorre pelo ralo

sou um sugador sem imagem que ainda se reflete no espelho

resisto ao falante falador

sobre territórios decadentes faço aliança com esquizitos escondidos

coleciono gotas de água sobre tijolos quebrados no piso esburacado

⁸⁰ Este texto surgiu durante minha participação no “VII Seminário Conexões Deleuze cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e...”, que aconteceu nos dias 27, 28 e 29 de novembro de 2017, na Universidade Estadual de Campinas. Ele também foi publicado como parte de um capítulo do livro “Conexões: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e?”. Para mais detalhes cf. Dinali et al (2019).

territórios fechados não impedem minha saída

passeio por mobílias desarranjadas sobre escombros e julgamentos dos senhores
representações

eu estava lá nos bastidores quando tudo se apagou

sou um impostor necrófilo pisando sobre falhas sobre valas sobre talas anárquicas

a que e a quem serão associadas suas composições medíocres falatórias

permito-me ao vômito ao sabotar-me com pão e carne

veja o meu reflexo senhores

todas as cenas senhores

todos os chutes senhores

querem chutar-me senhores

sou nomes sobre simbolismos

mostrarei todas as cenas detonadas

eu não sou

permito-me com pão e carne vomitar-me

você diz que sabe mais sobre mim do que eu

eu não sou...

Figura 18 – VII Seminário Conexões



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Figura 19 – VII Seminário Conexões



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Figura 20 – VII Seminário Conexões



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Combatemos nossos ciúmes com a mesma ferocidade com que combatemos o Estado e todos seus aparatos repressivos como o gênero, a família, a escola, as instituições psiquiátricas, a heteronormatividade, o casal, a monogamia, as prisões e a polícia (LUDDITAS SEXXXUALES, 2012, p. 80).

Algumas instituições e amores polianarcus ou... o beijo do...

Enfrentamentos: eu e outro, eu e outros ou o cutâneo umbilical sensório (CUS).

Nem sei ao certo como foi, como tudo e quando começou, porém, depois de poucos anos tudo passou a funcionar como uma espécie de cordão ou um tipo de tentáculo umbilical, não no começo, depois sim, depois foi assim. Entraram todos aqueles medicamentos e bebidas inesperadas, ou não tão inesperadas assim. Entraram os médicos e seus diagnósticos blábláblá...

Quando nem me dei conta, pois nem sequer me perguntaram, eu já estava lá ocupando esse lugar inesperado e filiado a tais enfrentamentos, ou me filiaram, ou filiaram todos.

Eu “ensinava” medo, dores de cabeça, calafrios, sudoreses, representações pseudofilosóficas etc.

Possivelmente isso me atravessava, sei lá. Pode ser que nem estava lá mesmo, apenas desejava isso ou que nada disso acontecesse. Alguém liga? Alguém se preocupa? A família, o CUS, os médicos.... Não posso dizer que aquilo tudo não me agradava intensamente, digo antes, no começo, bem no começo. Era tudo maravilhoso, mergulhava de cabeça no CUS, nos gozos lascivos, saltitante, brincalhão, atrevido, imoral, travesso, perverso, impertinente, bêbado. Tentava ou pensava estar experimentando algo que... Um dia eu, outro dia outro, outro dia outros e tudo vice-versa. É tudo vice-versa? Ou era? Ou é? Ou, ou... Não vou nem falar dos seios, pura bobagem, dos meus seios que andei vestindo, das roupas cheirando a mofo e as bobagens escatológicas punxs que inventava.

Bem, continuava “ensinando” medo, dores de cabeça, calafrios, sudoreses, representações pseudofilosóficas etc.

Estava até feliz no início de tudo, só que depois a coisa toda começou a escoar, a escoar sem parar, de forma gigantesca. O CUS começou a vaziar sem parar. De seus poros

saíram líquidos que tentei conter com diferentes tipos de colas e soluções que o mercado oferecia e oferece ainda. Só que não deu, não funcionou. Começou a sair aquilo por todos os lados do CUS.

Fiquei tocado, me afetou de forma estranha no princípio, não posso negar. Só que tudo começou a se solidificar, tentei por último um tipo de penetração que me recomendaram, superficial no início e profunda posteriormente. Tentei a coisa oral também, superficial no início e profunda posteriormente, só que nada. Pouco a pouco, todo aquele líquido que escoava constantemente inundando tudo ao meu redor foi se transformando em tentáculos com uma flexibilidade e habilidade tão impressionante e nervosa quanto de uma víbora. Eram tentáculos enormes de cores que jamais tinha experimentado, cores que, às vezes, ofuscavam minha visão, talvez, por serem demasiadamente reluzentes. Verdes não verdes, vermelhos não vermelhos, amarelos não amarelos e o preto que não aparecia mais, o preto que sempre me acalmava havia se perdido.

Em todas as caixas que entrava diariamente aquela coisa estava por perto, à espreita, começando a subir pelos meus pés, se arrastando pelos meus pés por todos os lados que passava. Tremia, comecei a sentir tonturas e calafrios constantes, sem parar, o dia todo, por todo dia.

Continuava “ensinando” medo, dores de cabeça, calafrios, sudoreses, representações pseudofilosóficas etc.

Com isso, as pessoas passaram a me incomodar mais que o “normal”. As caixas, as caixas com pessoas guardadas por um tempo, o passeio fora das caixas. As portas das caixas que comecei a analisar clinicamente ao ultrapassá-las com medo de um desabamento repentino sobre minha cabeça.

Além disso, tudo cheirava demasiadamente forte, principalmente o CUS. Assim o ovo, o café, os biscoitos, as frutas, os sucos, o arroz, o feijão, a água, tudo passava pelo cheiro do eu e dos outros, dos vários. Pensei em temperar e depois fritar ou cozinhar o CUS, mas o cheiro me causava náuseas, não conseguia, e não era só pelo cheiro, também.

O CUS já alcançava meus joelhos, era pavoroso, medonho, na certa entraria pela minha boca até explodir dentro do meu corpo, ou moraria lá, depois no cutâneo.

Continuava “ensinando” medo, dores de cabeça, calafrios, sudoreses, representações pseudofilosóficas etc.

Caminhar pelas caixas ou fora delas passou a me causar pânico constante, medo da morte, medo de ficar doente. Era isso que sentia, justamente isso, pavor de tudo e de todos. Os

zumbidos, a falta de ar, a dor no peito, a angústia, os outros cheiros ou não cheiros, as outras cores ou não cores, a perda do preto. Onde estava o preto?

Aquilo não parava de subir, já estava na altura do meu ombro, muito perto da minha boca. Da boca de quem? De todos? De algum orifício! Quem eu sou? Quem sou eu? Quem eu CUS ou muitos? Boca ou CUS? CUS ou boca?

Até que um dia “ensinei” medo, dores de cabeça, calafrios, sudoreses, representações pseudofilosóficas para “monstros”, “monstros” pavorosos que refletiam cores não cores por todos os lados da caixa; era insuportável, era medonho. Eu CUS, outro, outros. Eu sentado na frente e todos aqueles “monstros” com suas não cores reluzentes, todos pálidos não pálidos sentados observando alguma coisa e emitindo grunhidos inaudíveis. O que eles observavam? Com os “monstros” fui apagando aos poucos, tonto, embriagado, até que fui lançado por uma porta que não pude analisar clinicamente.

Os tentáculos não entraram como eu imaginava, todavia, paralisaram tudo, tudo mesmo, tudo que se possa imaginar, todas as partes e não partes. Passei a ser mais dócil e “racional” como me orientaram muitos entendidos do assunto. Resolvi deitar e sentir, deitar sem pressa e tentar experimentar tudo aquilo, as cores não cores, os cheiros não cheiros, os “monstros”... Só que aí vieram os médicos, os diagnósticos, os medicamentos, as bebidas.

Já não andava “ensinando” medo, dores de cabeça, calafrios, sudoreses, representações pseudofilosóficas etc., pois eu morri, sim eu CUS, outro, outros morreram, acho que foi o CUS e suas filiações que romperam todas as alianças possíveis do não eu. Morri! Por um bom tempo eu morri, depois disso eu, eu...

VIDA?

Deleuze: “Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir núpcias. E do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem as conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. Todas essas coisas têm nomes próprios, mas o nome próprio não designa de modo algum uma pessoa ou um sujeito. Ele designa um efeito, um zigue-zague [...]”⁸¹

⁸¹ (DELEUZE; PARNET, 1998, p.6).

Delírios de um açougueiro

Antropófago: toda produção, toda potência de vida sendo esmagada constantemente por forças de capturas representativas.

Outro: sem metáforas, por favor.

Noisecore: o Hardcore matou o punk, o grind matou o hardcore e o noisecore matou todos e comeu no jantar.

Assassino: eu vou matar o noisecore. Eu vou matar você, já matei muitos, estou te avisando.

Alguém: isso tudo é um tremendo matadouro.

Outro: isso realmente faz de você um assassino.

Intelectual: vocês querem destruir tudo, tudo é representação para vocês. Filósofos, artistas, poetas acadêmicos, acho tudo isso nojento, para ser verdadeiro.

Antropófago: é isso que eu desejo, ahahhaah.

Comunidade Anarco-punk Goulai Polé: “No início, o movimento punk possuía predominantemente um caráter niilista, não propunha nenhuma transformação social, almejando apenas a destruição da sociedade existente com seus valores e verdades absolutas. Mas, ao mesmo tempo, já havia aqueles que, em função das experiências vividas, adotaram propostas de transformação social baseadas no anarquismo. Começou, então, uma maior preocupação com a estruturação dos grupos, com o embasamento teórico, a efetividade prática dos trabalhos e desenvolvimento de atividades políticas com outros grupos e organizações sociais”⁸².

Outro filósofo: dissipar as identidades.

Hardcore: hardcore:

⁸² (COMUNIDADE ANARCO-PUNK GOULAI POLÉ, 2015, p.9).

From Protest To Resistance

Conflict

No, there's no fucking way
That anything's going to change
It depends on you and you know
We can protest until Death, they won't listen
Don't sit back and think it will happen
They won't give up what they have robbed
Stand up and resist⁸³

Cleydina Dina: mutilado, cagado, com fome e frio, quero tudo assim, hahahhaa...

Historiador: mais história por favor.

Nietzsche: idólatra do “sucesso” histórico.

Caiafa: “O mínimo punk aqui é quase nada: o instrumento é o rangido, o vocal é o grito, cada música são segundos. É não tocar, não cantar: anti-música. Só o atrito. [...] Ele não pode ser convertido ou adaptado porque o que usa para se fazer é tão horrível que inassimilável [...] do hard-core não há o que aproveitar, não há como domesticar tanto atrito. O perigo para o hard-core enquanto núcleo de resistência é menos ser absorvido do que provocar sua própria destruição. [...] Um pouco mais e o hard-core é um estrondo só, de explosão ou desastre. Ir um mínimo além do hard é incendiar ou quebrar tudo em volta”⁸⁴.

Pesquisador: discordo em partes. Vejamos, o próprio hardcore sofreu um processo de captura de alguns de seus elementos posteriormente pelo mercado cultural e midiático. E não acho que o hardcore tenha chegado, nem antes e nem atualmente, a ser um movimento de antimúsica como você destaca, pelo contrário, nota-se ainda elementos claros de harmonia e melodia na composição sonora das bandas da época como Bad Brains (fusão do punk com reggae), Black Flag, Dead Kennedys, Discharge, G.B.H, Minor Threat, Chaos UK, Varukers, e até nas mais undergrounds como Riistetyt, Rattus, Terveet Kadet, Anti-Cimex, Kaaos,

⁸³ Não, não há jeito caralho/Das coisas mudarem/ Isso depende de você e você sabe/ Nós podemos protestar até a morte, e eles não nos ouvirão/Não fique sentado pensando que as coisas irão acontecer/Eles não irão desistir do que roubaram/ Levante e resista. Fragmentos da música da banda Conflit. Tradução livre.

⁸⁴ (CAIAFA, 1985, p. 124-125).

Terveet Kädet, só para citar as mais conhecidas no meio. A antimúsica vai acontecer, talvez, posteriormente em movimentos como o grindcore e principalmente com o noisecore.

Alguém: o que é noisecore?

Outro: e grindcore?

Sand Creek Massacre: “O negócio é que, nem todxs, ou muitxs punx, são realmente anarquistas, eu acredito que ainda há muita ‘hierarquia’ e que também na maioria das ‘cenas’ punx não há muito espaço para discussão sobre um monte de coisas em virtude desse ‘misterioso pressuposto’ de que nós, punx, geralmente concordamos, ou consentimos sobre/em tudo, por isso, penso eu, que é importante para xs anarquistas estar ativxs as cenas punx e tocar em bandas para falar sobre todo tipo de temas possíveis e esperanças, e expectativas sobre nós mesmxs e, eventualmente, esmagar, quebrar o Estado!”⁸⁵.

Nietzsche: doutrinas letais.

John Cage: concordo, embora não goste de rock e nem conheço nada disso, esse tal de punk. Sou músico!

Outro punk: hardcore, por favor.

Pröjeto Macabrö: “Existem dois lados: tem a autoafirmação do punk, que é a valorização da cultura e tem a vivência que não precisa se autoafirmar. Tem muitos que se dizem punk, mas não fazem nada do que a cultura punk oferece. Enquanto uns que nem sabem e têm atitude feita, outros só dizem que ‘punk é atitude’ e só ficam nessa, de apenas falar. Qual é a atitude? O que está por trás dessa atitude punk? É o dia a dia ou o que? Eu uso visual punk, acho massa essa quebra de valores, de roupa feia, tachada. Vejo muitos se dizendo punk, radicais e, depois de um ano, morgam”⁸⁶.

Eunoisecorepesquisadoreosoutrosealguém: existências mínimas.

Luciernaga: “Queremos una vida libre, en donde el amor, la belleza, y la imaginacion alcancen la infinidad y donde ninguna moral impuesta, pueda reprimirnos ni manipularnos”⁸⁷.

– **SXE:**

⁸⁵ (FANZINE AGNÓSIA # 1, 2011, p.24).

⁸⁶ (JORNAL MICROFONIA, 2014, p. 1).

⁸⁷ (FANZINE ANARCOPUNK LUCIERNAGA # 6, 2010, p. 7).

Eraight edge

Banda (Minor Threat)

*I'm a person just like you
But I've got better things to do
Than sit around and fuck my head
Hang out with the living dead
Snort white shit up my nose
Pass out at the shows
I don't even think about speed
That's something I just don't need
I've got straight edge⁸⁸*

La Brume Crise: “Cada um revê suas próprias ideias, mas todos estamos de acordo de forma geral, na maneira como pensamos e em como reagimos e atuamos face ao pensamento em si. Existe um forte pensamento de liberdade, de igualdade, mas acima de tudo de revolta que é no fundo esse imenso contraste de amor e ódio que dá ao anarquismo tanta intensidade e força”⁸⁹.

Eu: imagino que você esteja furioso com isso tudo.

Intellectual: o que precisamos é de sangue novo no grupo.

Escatofagia: “Somos anarco-punks vendo isso como uma posição política, uma cultura alternativa, uma forma de viver [...] A solidariedade, a coletividade e a cooperação são inclinações naturais da humanidade que são abolidas pelo sistema e a sociedade criada por um punhado de burgueses degenerados que aproveitam da apatia da maioria. Anarquia é uma ordem natural, sem coação baseada na própria vida das sociedades, da atividade humana e do trabalho. Em uma sociedade assembleística onde todos podemos e devemos participar, nos responsabilizar de tudo o que aconteça à coletividade e não delegamos o poder a um grupo de parasitas”⁹⁰.

⁸⁸ Eu sou uma pessoa como você/Mas tenho coisas melhores para fazer/ Do que ficar sentado e foder com minha cabeça/ Andar com mortos vivos/ Cafungar merda branca para dentro do nariz/ Desmaiar nos shows/ Nem mesmo penso em bolinhas/É algo de que eu simplesmente não preciso/Eu tenho o “straight edge” (tradução livre).

⁸⁹ (FANZINE AGNÓSIA # 02, 2011, p. 13).

⁹⁰ (FANZINE ABDUÇÃO EXTREMA # 2, 1998, p. 14).

Outro punk: monte uma banda.

Outro: esta festa está um saco.

Sand Creek Massacre: “Todos nós desprezamos a forma como os animais são tratados na indústria de carne e produtos lácteos, e nós acreditamos que nenhum ser vivo deva ser explorado de forma alguma. Por essa razão que todxs nós, em momentos diferentes de nossas vidas, decidimos deixar de consumir ‘produto animal’. As indústrias da carne e do leite provocam dor e sofrimento aos animais, e uma grande quantidade de danos ao nosso ambiente, por isso, nós simplesmente recusamos fazer parte disso”⁹¹.

Intelectual: não se trata de uma festa, é um debate sério em torno de um tema de suma relevância para a academia.

Alguns: que cheiro!

Cleydina Dina: o que precisamos é de sangue jorrando das veias.

Dischord: “Nem todos da banda são vegetarianos, mas a maioria é, para nós que somos, o vegetarianismo é uma prática libertária na medida que não acreditamos em uma sociedade livre, onde os animais sejam maltratados e sacrificados [...] onde haja ditadura do homo sapiens contra os animais, esta é umas das razões da incorporação do vegetarianismo como prática libertária”⁹².

Vegetariano: carne humana eu como tranquilamente.

Luciernaga: “Como anarcopunks, no podemos aceptar la idea de que se nos catalogue como violentos, ya que nuestras acciones no son más que la auto-defesa ante un sistema que nos aplasta día a día y al cual nuestras opiniones, no le importan, o bien prefire aplastarlas cuando estas llegan a cuestionar el orden al que nos someten”⁹³.

Um pseudovegetariano: essa carne cozida estragou meu estômago.

Tuna: “[...] O anarquismo quando colocado em prática, em microsferas, mostra que várias coisas são possíveis e isso dá credibilidade ao anarquismo, as pessoas veem que um outro mundo é possível, mesmo que dentro de cada um. Com isso, mais pessoas acreditando nisso tudo, há um certo fortalecimento na propaganda. Nós acreditamos muito que, mesmo que não estejamos vivendo em uma realidade anarquista, podemos viver nossas vidas e transformar nossas relações de forma libertária”⁹⁴.

Anarcovegetariano: essa carne cheira podre.

⁹¹ (FANZINE AGNÓSIA # 1, 2011, p. 25).

⁹² (FANZINE DEATH CORRUPTION # 3, 2003, p.25-26).

⁹³ (FANZINE ANARCOPUNK LUCIERNAGA # 6, 2010, p. 15).

⁹⁴ (FANZINE PEST # 3, 2012, p. 11).

John Cage: o anarquismo me interessa muito.

Sand Creek Massacre: “Penso que o punk deve ser mais que um começo para colocarmos para fora as nossas paixões e frustrações, o punk é um caminho que podemos e devemos experimentar junto ao anarquismo, organizando-nos de um modo que desejamos, baseado na confiança e amizade. Ver o quanto nós podemos fazer, o quanto podemos atingir utilizando nossas redes D.I.Y (faça você mesmo), é realmente impressionante para mim”⁹⁵.

Eu: não existe a necessidade de ser tão esnobe!

Tuna: “[...] apostamos nossas vidas no punk, organizando, crescendo com o punk e vimos sim que o tempo foi abrindo espaço dentro do punk para o anarquismo, o anticapitalismo, a proposta de viver realmente de forma diferenciada, de forma alternativa. Vivemos isso em tempo integral, somos assim, anarquistas, punks, escritores, ciclistas, eletricitas, mecânicos, músicos, cozinheiros, veganos, lavadores de louça... somos de tudo um pouco para sermos um todo, transformando nossas vidas pouco a pouco, negando sempre aquilo que é ruim das relações humanas”⁹⁶.

Anarco-punk: por uma existência anarco.

Rancor: “O crust é um dos filhos ‘bastard’ do anarcopunk, ideologicamente bebendo na fonte punk. Sendo o fundo lastro deste. A importância é vital para ambos”⁹⁷.

Um pseudovegetariano: que carne é essa?

Anarcopunk: eu particularmente penso assim, quem era nunca foi.

Nucleär Fröst: “Pra mim pessoalmente foi o acesso às atitudes libertárias, aos princípios, libertação animal, feminismo, ateísmo, liberdade sexual e de amar, contra o racismo, fascismo e muito dos valores e visão crítica que tenho hoje comigo vem da política crust e já me ajudou a evoluir do que eu já trazia do punk e hardcore, não tenho vergonha de falar que já fui machista, homofóbico e até achava maior besteira as questões do vegetarianismo. E toda essa contracultura eu transporto para o meu dia a dia, no meu trabalho e em todas as discussões com companheiros de trabalho e familiares. Como em mim, eu vi que isso também afetava pessoas que estavam no metal ou no punk e através das bandas tiveram contato com essa política e serviu de difusor desses princípios”⁹⁸.

Alguém que já foi punk: eu já fui punk, hoje estou bem mais tranquilo, no máximo um pós-punk de leve.

⁹⁵ (FANZINE AGNÓSIA # 1, 2011, p.24).

⁹⁶ (FANZINE PEST # 3, 2012, p. 11).

⁹⁷ (FANZINE INSANITY CRUSTIES # 1, 2011, p. 7).

⁹⁸ (FANZINE INSANITY CRUSTIES # 3, 2013, p.6).

Ação Direta: “Pisamos pela primeira vez num autêntico squat. Grafites incríveis pelas paredes, propaganda do ETA (grupo separatista basco). Sujeira no chão e cachorros, muitos cachorros [...]”⁹⁹.

Punkgrinder: existem crusts aqui? Você está vendo algum por aí?

Eu e os outros outros: por que existe o punk?

[Risos].

Martine Blue: “Para mim, é uma ideologia política de liberdade absoluta misturada com hedonismo. É sobre não ter que ter um emprego, não ter um apartamento ou casa, ocupar, viajar pegando carona e subindo clandestinamente em trens, comer do lixo. É uma ideologia que valoriza mais seu tempo que seu dinheiro. E isso tem um certo visual – geralmente sujo, esfarrapado, remendado, com várias cores de cabelo, cabeça raspada ou dreads. Muita gente viaja com seu cachorro e uma mochila”¹⁰⁰.

Crust: Penso que isso tudo aqui existe justamente porque existe o punk.

Unfit Scum: “Os crusties vieram diretamente do anarcopunk - que lá fora também é outra coisa - mas com uma postura mais nihilista ainda, nômade, squatter...”¹⁰¹.

Eu: prefiro mais o crust, me afeta mais.

Outro: estou desempregado no momento.

Martine Blue: “Quando eu tinha meu próprio quarto no C-Squat, construí uma cama. Eu tinha uma geladeira e um fogão. Cozinha completa. Eu tinha uma câmera de 16 mm e uma salinha de edição. Tínhamos eletricidade e tudo mais. A gente morava lá de graça e os vizinhos estavam pagando US\$2 mil por mês. A gente sempre achava móveis na rua. Tem muita gente rica em Nova York que vai simplesmente jogar sua geladeira fora porque ela não combina com a nova cor da cozinha. Eu tinha uma van, então a gente saía dirigindo por Nova York, achava uma geladeira funcionando e a usava por três anos”¹⁰².

Squatter: é tudo a mesma coisa, é tudo punk.

Ação Direta: “Um squat enorme e organizado. No local sala de jogos, biblioteca anarquista, venda de lp’s, livros, posters, cds.... Um grande bar, uma cozinha e quartos para hospedagem”¹⁰³.

⁹⁹ (FANZINE RAI0 X # 3, 1998, p. 3).

¹⁰⁰ Como é a vida de um punk crust. disponível em:

<https://www.vice.com/pt_br/article/9k3a83/martine-blue-entrevista>. Acesso em: out. 2017.

¹⁰¹ (FANZINE INSANITY CRUSTIES # 2, 2012, p. 9).

¹⁰² Como é a vida de um punk crust. Disponível

em:<https://www.vice.com/pt_br/article/9k3a83/martine-blue-entrevista>. Acesso em: out. 2017.

¹⁰³ (FANZINE RAI0 X # 3, 1998, p. 3).

Eu: é muito estilo.

Alguém: o que?

Okuppa Guamirim de Maio: “[...] nossa proposta com a casa é difundir ideais libertários e colocar em prática tudo aquilo que acreditamos, desde o vômito de nossas angústias até a possibilidade de vivência coletiva/livre cotidianamente”¹⁰⁴.

Historiador: não são meus problemas, tudo bem?

Eu: crust!

Cleydina Dina: estou muito loucx.

Squat Korr-Cell: “[...] para nossa vivência junto ao squat, lhes respondo que o nosso desejo é que outrxs pessoas com responsabilidades, paixões (pelo espaço) e acima de tudo, vivência sincera de ruptura a este universo que nos corrompe dia a dia, tivessem o grande desejo de vivenciar, enquanto moradorxs, este sabor incontrolável que é a vivência comunitária”¹⁰⁵.

Richard Hell: “A cena Junkie era como sexo, pura farra. Quer dizer, ainda por cima tinha aquela depravação ‘legal’ de tudo que é proibido, embora no fundo ninguém achasse que aquilo fosse perigoso”¹⁰⁶.

Minor Threat

Ou of step

I don't smoke Eu não bebo

Don't drink Eu não fumo

Don't fuck Eu não fodo

At least I can fucking think Pelo menos eu posso pensar¹⁰⁷

Eupesquisador: penso que poderíamos discutir de forma mais sistemática sobre as diferenças que são e estão sendo produzidas.

Squat Korr-Cell: “Eu continuo editando meu zine de contracultura punk chamado Andrajoso e um outro de poesias chamado O Sorriso dos Torturadores, e toco na banda

¹⁰⁴ (FANZINE AGNÓSIA # 02, 2011, p.25).

¹⁰⁵ (FANZINE AGNÓSIA # 01, 2011, p.15).

¹⁰⁶ (McNEIL; McCAIN, 2004a, p. 275).

¹⁰⁷ Parte da música da banda. Tradução livre.

Maruim Attack. Editamos aqui também alguns livros de forma esporádica e vídeos. Temos nossa própria confecção de serigrafia e estêncil, uma horta e composteira, sala de vídeos, estúdio para ensaios, biblio/zineteca, etc. Aqui também rolam eventos com bandas e sem elas, exposição de material libertário, debates, mostras de vídeos e oficinas. Temos nosso manguieio diário nas padarias [...] reciclamos o lixo de padarias e restaurantes para nossos bichinhos (gatxs, cachorrxs, patxs e galinhas). Nas segundas e quintas feiras reciclamos numa oficina onde ajudamos na limpeza de uma das bancas”¹⁰⁸.

“Okupar”

Humus

Okupe tua vida
 Teus dias
 Tuas horas
 Minutos e segundos que te cercam
 Okupe o vazio que te deram
 Que te circundam
 Okupe os limites que te impuseram
 Okupe os limites que te determinam
 Que evitas
 Okupe tuas mãos que te fazem fraco
 E os braços que cruzastes
 Okupar
 Cada geração repete o formidável drama.
 O consolo e desencanto, condicionado a ser mazela do estupendo espetáculo.
 Multiforme, cuja regra - fatal derradeira -
 ofusca o íntimo combate aos tribunais superiores da propriedade privada.

Direito de okupar
 O direito de resistir
 O direito de usar
 Produzir, usufruir
 É o direito seu
 De viver em comunidade¹⁰⁹

Em Chamas: “O SxE hoje, assim como lá fora parece se tornar algo meio fashion, não sei... Mas isso também não é de todo ruim (hehehehe)... Eu continuo acreditando nele como no primeiro dia e vivendo todo meu orgulho de ser straight edge, vivendo uma vida

¹⁰⁸ (FANZINE AGNÓSIA # 01, 2011, p.14).

¹⁰⁹ Letra referente a música da banda Humus.

livre de lixo químico e demais merdas que muitos dizem lhe proporcionarem prazeres... SXE PRIDE!!!!!!”¹¹⁰.

Alguém: é o hardcore?

Cleydina Dina: quanto moralismo.

Melão: “Após o grande engajamento que ocorreu dentro do movimento punk ao longo da década de 1980 e início da década de 1990, houve uma maior diversidade por parte de bandas e dos que pertenciam ao movimento. É uma fase marcada pelo aparecimento de bandas de todos os tipos. Assim como mais um produto em qualquer sociedade capitalista, o Punk também foi comercializado. Bandas como *The Offspring*, *Green Day*, *Pennywise*, *NOFX*, *Rancid* e outras acabaram ganhando um grande destaque na mídia e o punk foi, de certa forma popularizado [...]”¹¹¹.

Os outros: lugares não fixos, escapar das armadilhas, das idealidades. Como ficar mais com os instantes?

Atack Epilético: “A luta maior é a destruição total do capitalismo e todos que nessa luta se inserem serão automaticamente meus aliados. O Punk deve ser autonomia e atitude”¹¹².

Historiador: estou saindo, definitivamente não dá para mim.

Vegetariano: que indigestão.

Alguém: sempre à espreita do acontecimento.

Pseudovegetariano: carne humana é extremamente saborosa.

¹¹⁰ (FANZINE DEATH CORRUPTION # 3, 2003, p. 6).

¹¹¹ (MELÃO, 2012, p. 26).

¹¹² (FANZINE VISUAL AGRESSION # 10, 2015. p.9).

Figura 21 – Capa do Fanzine Kusturapatche # 2 (2016)



Fonte: Fanzine Kusturapatche # 2 (2016).

Poema de amor ou amor nômade e...

Rastejo como uma lesma gosmenta sobre a cama à noite, ou noites, distante de ti, meu bem. Amor? Sempre surpreendo-me com meu moicano estilo indígena que nunca tive, ou nunca foi usado, ou desfilado por aí. Meu couro cabeludo, que há anos não toma sol, parece sua pele branca em contraste com aquele seu vestido vermelho desbotado e cavado. São tantos cheiros, gostos, desejos que escorrem pela noite infinita, ou pela infinita noite – afetos! Saliva ácida, suor cerveja, cabelos ensopados, camisas velhas desbotadas, sons e os inimigos sempre presentes.

— Você imagina, não é meu bem?

— Esta noite sonhei que morava dentro do guarda roupa de casal e que só chovia dentro dele. Andei vagando pelo mundo, mas só chovia dentro dele! Nossas roupas estavam sempre molhadas, minhas camisas pretas de banda.

— Sinto muito, por ontem, meio que perdi a cabeça!

— Não esquentar, não foi nada! Você está bem? Parece meio cansado, meio triste.

— Não sei, acho que está tudo bem!

— Não é nada pessoal. Daqui a pouco estarei melhor.

— Você quer tomates?

— Não, obrigadx!

— Por favor, me passa o café?

— Você ouviu o cavalo cão ou o cão cavalo à noite?

— Não!

— Sério, você está legal?

— Jura que você não ouviu? Não é possível, estava do meu lado, como você não ouviu?

— Não muda de assunto, me responda, você está bem?

— Afinal, quem é você?

Alice psicodélica: “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então”¹¹³.

— Nada pessoal, já disse!

Jim Jarmusch: é como dizem: “o sol nasce toda manhã e se põe toda tarde”¹¹⁴.

¹¹³ (CARROLL, 2009, p. 55).

Sobre roleta russa e mutações¹¹⁵

“O céu sobre o porto tinha cor de televisão num canal fora do ar”

Gibson¹¹⁶

Lembro-me que meu corpo aos poucos começou a ficar suspenso, tomado por algo que não consigo no momento descrever com detalhes. Recordo-me que fiquei suspenso por cerca de quase sessenta centímetros da cama, na qual eu rolava a noite toda sem conseguir dormir. Na tv passava um filme razoável (Fight Club), que não gosto muito, para ser honesto. Costumo deixar a televisão ligada à noite, às vezes em algum canal fora do ar para escutar os ruídos produzidos até conseguir pegar no sono. Eram quase quatro e meia da madrugada, acho.

Subitamente fui arremessado para a porta, no entanto, não passei por ela, estranhamente atravessei a parede do único quarto da casa. Pude ver o reboco da parede cair no chão e senti os tijolos arranharem todo meu rosto. Reconheci um cheiro de filtro de barro molhado que fez arder todo meu nariz. De alguma forma era bom, só que ele sangrou muito, de um modo que minha camisa branca ficou toda vermelha de sangue. Que pena, uma das poucas camisas brancas que tenho.

Após ultrapassar a parede passei por aquilo que seria a sala e fiquei um tempo suspenso perto de uma vitrola que se encontrava em um móvel de madeira pintado de preto. Consegui, ou pelo menos senti que coloquei um vinil do Doom, o lado b, era um vinil duplo,

¹¹⁴ (PATERSON, 2016).

¹¹⁵ Este texto é fruto de muitos encontros, relações que surgiram e seguiram a partir da leitura de “Introdução: rizoma” (DELEUZE; GUATTARI, 2014). De noites de insônias e muitas perturbações que povoaram minha fria cama. Um sonho?

¹¹⁶ (GIBSON, 2016, p. 23).

um crust bastante intenso, embora não goste muito mais, como antes. Na casa tinha uma coleção razoável de vinis, tapes e cds, muita coisa que realmente gosto, que aprecio.

De repente, aquilo que era meu corpo foi levado para uma cadeira pintada de branco e amarelo. Pude observar uma mesa, uma mesa pequena, quadrada, de ferro e mármore com quatro cadeiras. A única cadeira que estava suspensa era a minha. Ela ficava elevada com aproximadamente um metro de distância do chão da cozinha. Balançava demais, era como estar em um barco em um dia de mar nervoso.

Na mesa pude notar três pessoas sentadas nas cadeiras em torno da mesma. Pessoas? Bem, uma delas eu conseguia ver sua roupa. Vestia algo com um estilo *Venus Im Pelz* do Masoch. A outra fumava, tossia roucamente e emitia um barulho constante e intermitente como uma parede de ruído. A terceira tagarelava sem parar e ficava reclamando da doença e da depressão da mãe.

Da cadeira elevada não conseguia ver o rosto de ninguém devido a uma névoa branca que brotava do piso desbotado e desgastado. Só escutei repentinamente uma voz tremida que disse algo como:

— Quem dispara primeiro?

Confesso que fiquei com medo. A cadeira balançava e me dava vontade de vomitar. Tentei falar algo, porém não emitia som algum. Notei que minha boca estava na barriga ou minha barriga estava na boca, sei lá. Boca? Vomitei um muco verde e preto, não sei ao certo se saiu da boca ou da barriga, ou da barriga boca, ou boca barriga. Coisa estranha! O *Venus Im Pelz* soltou uma gargalhada extremamente irritante e disse:

— Ainda nem começou!!!!

Por um momento fiquei sem fôlego, tentei falar novamente, porém, nada! Cadê minhas cordas vocais? Falava, mas não falava, entende? Daí notei que toda vez que tentava falar alguma coisa algo saía do meu corpo. Corpo? Era uma espécie de raiz desenterrada que

ia arrancando pedaços de carne que caíam e se espalhavam pelo piso da cozinha. O sangue tinha cor de terra. Sangue? Não sentia dor alguma, nem medo também.

Venuz Im Pelz disse que ele dispararia primeiro. Só que em gritos pavorosos, horrivelmente ele disse:

— Quero um tapa e duas chibatadas!

O tagarela, tagarelava e o fumante disse para *Venuz Im Pelz* que era muito óbvio, muito representativo o que ele queria e que ele devia tentar algo melhor, mas desconstruído. Mesmo assim *Venuz Im Pelz* repetiu:

— Quero um tapa e duas chibatadas!

Todo mundo começou a falar ao mesmo tempo e quanto mais falavam mais coisas saíam do meu corpo. Queria gritar, sair daquele lugar.

Percebi que a vitrola havia mudado o lado do vinil sozinha. Conhecia bem aquele álbum, sabia que não era mais o lado b.

Repentinamente ouvi um tiro seguido de uma gargalhada rouca. A névoa piorava, não conseguia mais ver quase nada ao redor da mesa. Pensei que alguém havia explodido a cabeça. Olhei para baixo e consegui notar que estava a quase dois metros do chão, só que agora o que me sustentava eram aquelas coisas que pareciam raízes e não mais a cadeira. Raízes? No início me senti como um espantalho com os braços abertos. O tagarela por um minuto parou de falar sobre os problemas de sua mãe e disse sério e fortemente:

— O sol não brilha mais lá fora! Está tudo vermelho, nem a neve cairá! Sem primavera, outono, verão ou inverno.

Senti uma tensão geral rodear a mesa, um pessimismo generalizado. *Venuz Im Pelz* chorou e o fumante tossiu severamente como se fosse sua última tosse. Era estranho, pois embora não conseguisse ver praticamente nada ao redor da mesa, as três vezes eram

bastante familiares. De alguma forma me sentia em casa, em uma casa que não era a minha. Casa? Nisso o tagarela começou a repetir sem parar:

— Ninguém vai ouvir você, ninguém vai ouvir você, estranho na mesa.

Ouvi outro clique, só que sem estrondo, desta vez. A voz rouca gritou:

— Fascistas, fascistas, seu pensamento jamais compreendeu as diferenças, a raiz é sua imagem, a raiz é sua representação, a raiz é seu livro.

Estranho na mesa — disse o fumante — você será mais perseguindo do que já é.

O tagarela riu como se já soubesse de tudo que viria. Escutei mais um estrondo. Mais um que estourou a cabeça — pensei! Quantos restam?

Aquelas coisas continuavam saindo por toda parte do meu corpo. Pude observar que elas foram tomando toda a casa e formando uma espécie de labirinto sem começo e sem fim, uma confusão total, um caos total. O som do vinil na vitrola começou a ficar com uma rotação lenta e descompassada. Ainda dava para escutar o barulho da tv ligada no quarto. Na mesa a névoa continuava ofuscando demasiadamente minha visão, se é que ainda tinha. Visão? O fumante soltou uma baforada e gritou com sua voz rouca e falhada:

— Meus conceitos não têm nada a ver com definições, são apenas caminhos, encontros e desencontros.

Comecei a ficar exprimido no teto, não sentia mais nada. Nada? Havia me tornado uma explosão de coisas que saiam daquilo que um dia pensei ser um corpo. Ouvi uma explosão — era mais um que estourou a cabeça? Era estranho, pois continuava ouvindo as vozes de todos, eram tão familiares, principalmente do fumante e do *Venez Im Pelz*.

Alguém falou algo que não pude compreender, pois as vozes foram ficando cada vez mais distantes. Escutei três estalos bem baixo e longe, seguido de uma grande explosão que arreventou toda a casa. Fui tomando proporções aéreas inimagináveis. Leveza, movimento. Acho que estava em órbita. O que havia me transformado ou no que me transformaram? Por

um segundo o tagarela me fez lembrar Dostoiévski. Bom, isso não importa, só gostaria de saber para qual lugar estava indo.

Continua...

Uma conversa função sobre música e com músicos:

“x explica y assinando z”¹¹⁷

Nietzsche: só quero aquilo que torna minha vida potente¹¹⁸.

Abuso Sonoro: “O grind e o crust hoje em dia, dentro da cena, já tem seu espaço, acho que durante um bom tempo esses estilos foram considerados apenas barulho por uma boa parte das pessoas dentro da cena, e por isso eram desprezados. Os anos passaram e muitas bandas que apenas tocavam por diversão ou por acreditarem que isso era um novo modismo, deixaram de existir, e só as bandas realmente envolvidas é que perduram até hoje”¹¹⁹.

Um músico formado: para mim, simplesmente um pseudoroteiro.

Eu: não sou músico e nem o Nietzsche. O que fazemos aqui?

Grinder: o lance todo é bate-estaca, esse é o movimento, compreendem?

Noiser: é isso mesmo, barulho!

Mick Harris: “Grindcore proviene de grind (moler), que era la única palabra que podía usar para describir Swans después de comprar su primer disco em 1984’, [...] ‘Luego, con este nuevo movimiento de hardcore que realmente empezó a florecer em 1985, pensé que grind encajaba por la velocidad así que comecé a llamarlo grindcore”¹²⁰.

Britadeira: *noise revolution*.

Grinder: velocidade, velocidade, velocidade.

Marques: “[...] **Scum**, do Napalm Death, representa um clássico desde seu lançamento. Suas vinte e oito músicas, divididas em exatos trinta e três minutos, elevam a cruzeza e agressividade a outro nível até então inimaginável a qualquer banda. O primeiro vocalista do Napalm afirma que os shows tinham um quê de circense, uma vez que parte do público estava lá para ver como era possível um baterista tocar tão rápido quanto Mick Harris”¹²¹.

Wagner: Nietzsche sempre foi músico.

Delettari: involução.

¹¹⁷ Sobre “x explica y assinando z” cf. Deleuze; Parnet (1998).

¹¹⁸ As falas de Nietzsche foram produzidas a partir da leitura da “Segunda consideração intempestiva”, cf. Nietzsche (2003).

¹¹⁹ (FANZINE NECROFEELINGS # 4, 1999, p.11).

¹²⁰ (MUDRIAN, 2009, p. 35).

¹²¹ (MARQUES, 2015, p. 11).

Eu: compreendi.

Outro: no início parece meio bobo, no entanto, politicamente, esteticamente tudo vai ganhando um certo charme.

Anarco-punk: a música é algo secundário, a resistência ética, estética política é mais importante.

Marcelo: “Sim com certeza. Eles foram o primeiro grupo a colocar 26 sons em um lado de disco. Nessa época o Napalm Death tava tocando punk rock [risos]”¹²².

John Cage: a impositiva estrutura harmônica é muito fechada às aleatoriedades.

Um músico: não é possível imaginar que alguém possa ouvir isso.

Lixadeira: eu sou a música, a música sou eu.

Britadeira: sou o que escapa, sou vida.

Ekeroth: “Asocial are Key to any survey of extreme music, due to their first official release, the 1982 demo *How Could Hardcore Be Any Worse?* The guys obviously got the ideia that they should play as fast as possible on this recording, and they really got sick with it. The intense drumbeat was unheard of – they called it the ‘one-beat’ because the snare drum was hit constantly. This one-beat was basically what would later be called the ‘blast beat’, but back in 1982 nobody knew anything about that. The sound of the recording is as brutal as anything at the time, just a wall of distortion and noise. Tommy screams angrily and the songs are short and intense. To my ears, Asocial invented grindcore with this demo”¹²³.

Charlie Parker: eu fui o primeiro punk.

Broadrick: “Y ahí fue cuando Nick Bullen y yo tuvimos la idea de todo el estilo que queríamos desarrollar. Queríamos hacer una mezcla de Siege con Celtic Frost. Queríamos la energía del hardcore unido a riffs metaleros más lentos y primitivos y básicamente enlazarlo con un mensaje político”¹²⁴.

¹²² Fala do Marcelo, ex-integrante e um dos fundadores da banda de grindcore brasileira Rot sobre a banda Brigada do Ódio. Cf. O resto é ruído. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/ypmg8g/o-resto-e-ruído-v2n4. Acesso em: 03 nov. 2017.

¹²³ (EKEROTH, 2008, p. 22). Asocial é a chave para qualquer pesquisa de música extrema, devido ao seu primeiro lançamento de 1982, a demo *How Could Hardcore Be Any Worse!* Esses caras obviamente tiveram a ideia de que deveriam tocar o mais rápido possível nessa gravação, e eles realmente piraram com isso. A intensa batida da bateria era inaudita. Eles chamaram isso de "uma-batida" porque a artimanha era a batida constante. Esse um-beat era basicamente o que mais tarde foi chamado de "Blast beat", mas por volta de 1982 ninguém sabia nada sobre isso. O som da gravação é brutal como qualquer coisa ao mesmo tempo, apenas uma parede de distorção e barulho. Tommy gritava nervoso e os sons são curtos e intensos. Para meus ouvidos, Asocial inventou o Grindcore com essa demo (tradução livre).

¹²⁴ (MUDRIAN, 2009, p. 32). Nick Bullen e Justin Broadrick foram um dos primeiros integrantes do Napalm Death.

Robert Johnson: é de suma importância fazer um pacto com o demônio.

Abuso Sonoro: “Ao contrário do que muitas pessoas pensam hoje em dia, o grind surgiu no meio das bandas punx e não entre as bandas de death metal, aos poucos foram introduzindo elementos de death metal e entre eles surgiram o splatter e a pornografia, elementos alheios aos temas abordados pelas bandas em seu início. Não quero aqui culpar o death metal por ter absorvido o grind, mas esse foi um dos motivos de haver uma maior aceitação hoje de bandas grind na cena underground, pois hoje elas fazem parte de certa forma, da cena mais metal, ao menos na Europa, onde as principais bandas grind estão cada vez mais se metalizando”¹²⁵.

Eudeleuzeguattari: alianças, prefiro penar em alianças.

Ex-threma Aflição Humana: “Eu curti e desejei tocar Noisecore porque sempre gostei de barulho e de incomodar as pessoas, retransmitindo nos sons uma forma de intimidá-las sobre os fatos intrigantes do nosso cotidiano. Outro ponto que batíamos de frente era o fato de atacar as bandas que se diziam independentes e que estavam à ‘caça’ de gravadoras...”¹²⁶.

Jazzista: o jazz é pura experimentação.

D.O.M: “Esse projeto foi criado em 2002 para contrariar comentários infundados sobre o Industrial, Harsh, Noise, e desde então faço meus ruídos de forma improvisada e instintiva, gosto de expressar meus sentimentos através do D.O.M., a forma é o menos importante, podendo ser Harsh, Industrial, Experimental, Noisecore, Dance, etc...”¹²⁷.

7MON: “Uma das ideias do 7MON era que qualquer um poderia tocar noise.. [...] Nós queríamos ser extremos para incomodar os punks de Melbourne”¹²⁸.

Eueosoutrosedelettari...: melodia e harmonia rítmica, estrutura etc. A diferença já não é a repetição?

Noiser: adeus à música.

Anti-Humanos: “[...] quanto à parte instrumental, ela surge da fusão das letras, surge de uma forma bem espontânea. Conjunta ao ódio instintivo, e esse ódio não há como decorá-lo, ensaiá-lo, portanto, tudo é bem espontâneo conjunto aos sentimentos que nos cercam na hora de gravar, enfim, muita coisa é na base do improvisado, no momento mesmo, nada

¹²⁵ (FANZINE NECROFEELINGS # 4, 1999, p.11).

¹²⁶ (FANZINE VISUAL AGRESSION # 9, 2014, p.31).

¹²⁷ (FANZINE ABDUÇÃO EXTREMA # 08, 2017, p. 4).

¹²⁸ (FANZINE NÁUSEA # 1, 2010, p. 39-40).

artificial e demasiadamente perfeito, pois a perfeição é uma palavra que não existe nos conceitos do ANTI-HUMANOS!!!”¹²⁹.

Noise: “O noisecore é ação, é atitude, é ideal libertário com ideias construtivas opostas ao consumo em vão, à alienação, os controles de massa como igrejas, partidos, governos...”¹³⁰.

Outro músico: qual o problema com a melodia, com a harmonia?

Cú: “Noisecore pra mim é uma arma sonora, é anti-música, um urro em vários assuntos que nos oprime. Noisecore é protesto. É o punk gritando seu ódio da mais pura tempestade. É a criação do punk usando instrumentos como arma pra dar um basta nessa sociedade decadente contra a indústria de música cifrão. Semeando interrogações y protestos. Punk is noisecore!”¹³¹.

John Cage: trabalho com os acidentes.

Sífilis: “A Sífilis está aí na cena sem visar lucros, e sim, com o intuito de fazer Noisecore ao lado de várias bandas e muitos amigos que estão envolvidos pelo mesmo ideal, Noisecore (ruído es vida), obrigado!”¹³².

Alguém: alguém me diz por favor o que é cena?

Noise: “[...] muitas bandas de metal e até mesmo punk meteram os pés pelas mãos e, em busca de dinheiro, fama e sucesso sucumbiram na sua própria realidade, ou seja, a inexistência... Com o NOISE não, nosso único objetivo é a troca de materiais, onde você passa seu som e pega o som de outro camarada. Muitos não têm banda e, claro, não tem material próprio pra passar, mas nós damos um jeito e fazemos algum rolo. Na real meu irmão, o mais importante para NOISE são as amizades que conquistamos, isso não tem preço!”¹³³.

Paganini: eu sou o demônio.

Anti-Humanos: “Somente a extremidade do noise pode preencher a extremidade de nossa revolta [...] a descarga dessa revolta é tão instintiva que não é possível estendê-la em demasia”¹³⁴.

Nietzsche: Wagner deixou de ser músico quando virou cristão.

¹²⁹ (FANZINE VOICE’S OF THE PEST # 1, 2001, p.31).

¹³⁰ (FANZINE VISUAL AGRESSION # 9, 2014, p.9).

¹³¹ (FANZINE VISUAL AGRESSION # 9, 2014, p. 25).

¹³² (FANZINE ABDUÇÃO EXTREMA # 08, 2017, p. 15).

¹³³ (FANZINE FAGULHA # 1, 2008, p. 7).

¹³⁴ (FANZINE VOICE’S OF THE PEST # 1, 2001, p. 31).

Necrobutcher: “Bem, como você deve saber, o Necrobutcher foi um dos principais defensores do radicalismo na época, bandeira que levamos adiante por um bom tempo, considerando que, por volta de 1989, a cena nacional começou a ser descoberta pela mídia, em virtude do sucesso internacional do Sepultura, e aí todo mundo queria também trilhar o mesmo caminho. Essa ideia foi incrementada como uma atitude radical contra o ‘mainstream’ e ganhou contornos mais políticos posteriormente, quando passamos a entender que ser radical era também defender o underground contra a influência nefasta do capitalismo e das grandes corporações fonográficas que passaram a querer tirar proveito da cena”¹³⁵.

Eueosoutroseanarconoisee...: maquirar uma política como recusa às formas impostas. Música, noise?

Batista: “Um radicalismo bem agressivo e imaturo infectou, então, boa parte do underground brasileiro. Bandas novas tomaram, de forma exagerada e equivocada, o que havia sido anteriormente proferido por grupos como Necrobutcher. A sonoridade dessas bandas era extremamente barulhenta e algumas beiravam o grind/noise”¹³⁶.

Noisecore: o radicalismo foi e é algo fundamental para o underground.

Anti-humanos: “Bem, as gravações são feitas na casa onde um de nós mora, e são assim porque refletem o estado de precariedade da qual nossas vidas estão assoladas, e são nessas mesmas condições que preferimos gravar, já que a proposta da banda é, e sempre será o anti-convencional, o absurdo, sendo assim, mantemos uma postura totalmente anti-estúdio, enfim, o nosso estado de revolta, de ódio alcançou o ápice e não há meio de transmiti-lo, que não seja incompreensível, o ilegível, ou seja, as gravações sempre serão toscas [...]”¹³⁷.

Jazzista: Hitler era radical.

Noise: “[...] radicalismo é e sempre foi importante para a consolidação dos ideais libertários, pois toda essa ‘cena’, se é que se pode chamar assim, que hoje existe provém do radicalismo, pois em outros momentos bandas caíram pro lado *mainstream* e entraram pro mundo da sociedade, se venderam ou mudaram totalmente seus ideais... sem o radicalismo, ainda mais hoje com o advento da internet, seria facilmente contaminado por pessoas que nada têm a contribuir para o underground”¹³⁸.

Fear of God: “Nós não queríamos fazer música - nós queríamos destruí-la”¹³⁹.

¹³⁵ (FANZINE VISUAL AGRESSION # 07, 2012, p. 8).

¹³⁶ (BATISTA, 2018, p. 234).

¹³⁷ (FANZINE VOICE’S OF THE PEST # 1, 200, p. 31).

¹³⁸ (FANZINE FAGULHA # 1, 2008, p. 6).

¹³⁹ Frase presente no encarte do LP *Zeitgeist* da banda Fear of God (arquivo pessoal).

Músico pós-punk: buscar uma suavização sonora, trabalhar melodicamente para conquistarmos um público maior. Definitivamente noise não vende.

Industrial Holocaust: “O underground era para poucos. Todo mundo se conhecia ou pessoalmente ou, pelo menos, por carta. Quase todo intercâmbio era feito por cartas. As gigs também eram muito foda. O noisecore como definimos hoje se firmou mesmo em 91 quando se tornou um movimento realmente ativo”¹⁴⁰.

Outro músico: músico para mim é aquele que tem formação acadêmica, erudita e isso não tem diálogo possível. Vocês não conseguem nem afinar seus instrumentos direito.

Batista: “Pelo interior de São Paulo, no entanto, o que se viu foi o surgimento de uma cena fechada e exclusivamente focada na ‘causa’ noisecore. A exaltação da antimúsica como uma espécie de movimento restrito e radical foi levada às últimas consequências por bandas como Infernal Noise e Extermínio Brutal. Donas de um comportamento predominantemente autoritário, contradiziam o que a maioria dos envolvidos nesse movimento costumavam defender”¹⁴¹.

Pop music: o grande negócio é vender, saber ou não tocar, não importa.

O outro: universidades, prisões etc.

Industrial Holocaust: “[...] aquele radicalismo era muito policiesco. Todo mundo em estado de constante vigilância. Infelizmente daquela forma seria impossível se manter. Mas é isso. Quem deu um passo à frente está aí na cena até hoje... já alguns sucumbiram ao radicalismo e partiram para outros lados. Acho que a melhor forma de radicalismo foi o tempo [...]. Eu acredito que o verdadeiro radicalismo está na coerência de como você vive a cena, no caráter de assumir posições e acreditar nisso sem ficar se moldando no que as pessoas vão achar. O estado já faz o papel de opressor, de fascista. Temos de nos unir cada vez mais para fortalecer o verdadeiro underground”¹⁴².

Noiser: *noise not music*.

Industrial Holocaust: “Acredito num radicalismo consciente sim. Acho que ele é uma forma de lutar e manter muito do que acreditamos, mas isto não deve ser confundido com um elitismo muito comum nos dias de hoje e que não tem nada a ver com radicalismo. Acredito no radicalismo que não tolera fascistas e nem homofóbicos, que não permite misóginos e

¹⁴⁰ (FANZINE VISUAL AGRESSION # 9, 2014, p. 35).

¹⁴¹ (BATISTA, 2018, p. 294).

¹⁴² (FANZINE VISUAL AGRESSION # 9, 2014, p. 35-36).

machistas, onde haja o combate ao sexismo e mercenários da cena, um radicalismo realmente consciente”¹⁴³.

Pesquisador: os mais estranhos sons poderiam...

7MON: “[...] nós queríamos dizer muitas coisas em um tempo curto [...] ser os mais desarmônicos e dissonantes possível, mas com uma ideia”¹⁴⁴.

John Cage: eternos classicistas, heheheeh.

Outros: deixar todos felizes.

P.M.: “Punk-bolo, Anarco-bolo, Não-bolo, Necro-bolo”¹⁴⁵.

- Preencher o vazio.
- O passeio político.
- A experimentação.
- A vida...
- As possibilidades.
- A velocidade absoluta entre...
- Som guerrilha.
- A língua desconcertante.
- Renúncias.
- O transe.
- A enxaqueca.
- A escrita barulhenta.
- Podemos nos servir de...

7MON: “Como o noisecore está morto!? A atitude e a ideia não pode morrer”¹⁴⁶.

¹⁴³ Disponível em: < https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/08/entrevista-com-cassiano-da-banda_7.html >. Acesso em: 06 mar. 2019.

¹⁴⁴ (FANZINE NÁUSEA # 1, 2010, p. 39-40).

¹⁴⁵ (P.M., 2006, p. 54).

¹⁴⁶ (FANZINE NÁUSEA # 1, 2010, p. 39).

Sobre festas, banalidades e revoluções: revoluções?¹⁴⁷

Mas desta vez venho como o vitorioso Dioniso, que fará da terra um dia de festa... Não terei muito tempo...

Nietzsche (carta para Cosima Wagner)¹⁴⁸

Conto sobre encontros, e já antecipo, nada de grandezas multifacetadas e clandestinações mirabolantes tipo áreas proibidas, mercado negro etc., etc. e tal. Pode-se também chamar de uma *gig*, como usualmente denominam-se no dito underground. Posso dizer de uma festa também, festa levante nas pegadas de Bey?¹⁴⁹ E por que não tática de guerra Deleuze e Guattari?¹⁵⁰ Algo estético, nada comparativo, por favor! O que podem os encontros? Ocupar um espaço com os seus? E as festas? O que podem as festas? Grandes acontecimentos?

O que não é visto sobre os olhos tirânicos das grandes mudanças, sim, podem. Eclodem criatividades, movimentos, intensidades, estéticas que escapam, que vazam. Não me perguntem, acontecem, e quando viro, já se foram. Movimentos violentos. Talvez seja por aí mesmo. Talvez a grande beleza criativa seja esta. Não procure, sei lá, sinta, experimente, transpire, exploda, viva. Tenho pensando muito sobre isso! Ora, só porque fracassou, da forma que desejávamos, não significa que não aconteceu. Acho mesmo que não! Qual a força do banal?

— *‘Lute pelo direito de festejar’ não é, na verdade, uma paródia da luta radical, mas uma nova manifestação dessa luta, apropriada para uma época que oferece a TV e o telefone como maneiras de ‘alcançar e tocar’ os outros seres humanos, maneiras de ‘estar juntos!’¹⁵¹.*

— Eu diria também da internet, e principalmente das redes sociais. Humanos e seus celulares sempre ligados, conectados. Sufocante!!!

— Enfim, seguimos.

¹⁴⁷ Esta escrita é fruto de vivências relativas à minha participação no evento São Caos festival # 5, que aconteceu no dia 20 de outubro de 2018, na cidade de São Carlos/São Paulo.

¹⁴⁸ (NIETZSCHE apud DIAS, 2004, p. 42).

¹⁴⁹ Cf. Bey (2011).

¹⁵⁰ Cf. Deleuze; Guattari (2002).

¹⁵¹ (BEY, 2011, p. 13).

Mesmo diante de tantas expectativas positivas para serem vivenciadas, naquele momento, diante de uma ameaça que insiste em solapar nossa existência, a pouco mais de uma semana, me parece que tudo está diferente de outros. Respiro medo, tensão, angústia. Sinto tudo isso, mesmo que latente. Quais as efetivas e urgentes condições de luta a serem ensejadas nesse ambiente tão vil para mim agora? Sempre procurando que algo aconteça. Mas o quê? Afinal, o que é tão importante assim?

Basta uma caminha e pode-se ouvir ecoar: “eu votarei desta vez para combater o fascismo”; “fascismo não se combate apenas nas urnas, e sim nas ruas”; “votarei, pois quero ter a liberdade de ser oposição”; “fascismo se combate todos dos dias”; “não voto de forma alguma, pois não acredito em partidos políticos”; “vamos aproveitar pessoal, pode ser o último evento”; “nunca votei e nem votarei, sou fiel ao real underground”; “anarquistas não votam nunca”; “nunca votei, mas desta vez não dá para anular”; “eu combato o fascismo com meus instrumentos musicais”.

Aos poucos um cenário maior se monta, um amontoado de corpos se unem em torno de algo: amizades, denúncias, protestos, antimúsica, diversão? Faça você mesmo? Seja você mesmo? Essa é a cara do underground? Corpos? Gêneros, sexualidades, o que importa? Todos se interagindo de forma conectiva, pelo menos é o que parece a partir de um rápido olhar vigilante.

A cada olhada, segurando meu copo, percebo que praticamente são os mesmos de sempre. Rotina? Mais uma ligeira olhada e todos basicamente estão vestidos de preto, a roupa de combate, quase um uniforme, vejo um ou outro de camisa branca. Eu estou, inclusive, por quê? As camisas propagando bandas ou mensagens de protesto no geral. Esqueçam os espalhafatosos moicanos coloridos, nada disso, cabelos longos, curtos e o preto predominante.

Embora haja esse consenso no visual, temos uma variação de corpos festejando, um misto de metal/punks/góticos. Estilo próprio? Espaço específico para criação de seus próprios bens culturais e diversão? Escapar da mediocridade e do tédio? O que se compõe afetivamente? O que buscamos ali nesse jogo? Dou uma golada no meu copo e sigo. Para onde? Para o quê?

Exploro o local e observo diferentes “banquinhas” com expositores de materiais independentes como livros, cds, vinis, zines, camisetas etc. Quase o de sempre. Você pode comprar a um preço justo, trocar ou levar de presente.

Comida vegana, vegetariana e carne queimando na churrasqueira. Cerveja artesanal e industrializada. Alguns preferem levar suas comidas e bebidas. Diversas barracas de camping, colchões estendidos na grama e, logicamente, o palco de apresentação das bandas.

Ele, o palco, é o ponto principal de aglomeração. Som alto, rápido, ruidoso e cru. Variando entre o metal, punk e o noisecore. As bandas bravejam seus gritos de protesto e resistência.

Catalisados pela barulho e vigor do som, muitos se lançam no *mosh*, a dança da catarse, da epilepsia, dos rodopios, dos atritos, dos contatos, dos hematomas, do suor, das quedas, dos socos, dos chutes, dos cheiros.

Ao todo foram quatorze bandas que se apresentaram, somando um pouco mais de um dia de evento.

O que queremos afinal? Vivemos a existência que escolhemos? Diferença? Apenas sermos o que queremos ser e sem preocupar com mirabolantes revoluções? Revoluções? E lá fora o que nos aguarda, o amanhã quando a primavera acabar? Guerrilhas de esquerda, exército nas ruas, censuras, prisões, esquadrões da morte de direita, tortura? Uma possível volta da ditadura que por muito pouco não vivi? Ou tudo não passa de uma histeria coletiva? Minha pesquisa?

Bebemos, comemos, conversamos, abraçamos, festejamos ao som das bandas. Dormimos nas nossas barracas, quartos, colchões, gramados, acordarmos com ressaca e seguimos nossas vidas. Essa é a cara do underground?

Não existe nada de esplêndido, talvez a potência do banal, simplesmente vida, vida que se vive. Ah, o banal!!!

— *A essência da festa: cara a cara, um grupo de seres humanos coloca seus esforços em sinergia para realizar desejos mútuos, seja por comida e alegria, por dança, conversa, pelas artes da vida*¹⁵².

Primavera de 2018

¹⁵² (BEY, 2011, p. 13).

Figura 22 – Fanzine I. A. P. # 1 de la Internacional Anarco-punk



Fonte: Fanzine I. A. P. # 1 de la Internacional Anarco-punk (2016, p. 20).

Pedaços de pedaços... encontros

Essa obsessão cromática me abate.

Não sei por que me vêm sempre à lembrança

O estômago esfaqueado, de uma criança

E um pedaço de víscera escarlate (ANJOS, 1997, p.64).

— Desejos, desejos: experiências, experimentar... com o vivido? Com as conversas, com as músicas, com os barulhos, com as leituras, com as cartas, com os discos, com as fotos, com os cabelos, com os gestos, com os textos, com as falas, com os rostos, com as roupas, com as perdas, com os encontros, com as trocas, com os livros, com os zines, com você, com os lugares, com as ocupações, com as cores, com as comidas, com os deslocamentos, com pisos, tetos, ventos, cabelos, pernas, braços, sapatos, com as salas, com as bebidas, com o sol, com a chuva, com o medo, com a alegria, com a rua, com os muros, com as barreiras, com as árvores, com as águas, com a poeira, com as danças, com os delírios, com os odores, com os debates, com a raiva, com a fúria, com as angústias. Nas viagens, nas corridas... com tudo que é vida... — E daí? São tantas formas, são tantas operações de significações que vão se compondo... — Mas por um instante explode tudo, o tempo, o espaço, os modos de estar, os sons, as coisas (performance?). Camuflam formas e designações e praticamente não conseguimos ver nada. — Será mesmo? — O poeta esfomeado chegou com seus poemas desajustados, hahahaha... — Quem é você? — Somos muitos, somos multiplicidades. — Ora, alguém me diz sempre: somos todos máquinas ligadas a outras máquinas. — O desejo faz correr, flui e corta. É do próprio desejo reprimir o desejo. — Uma curiosidade, ontem passei a madrugada assistindo PI, de Darren Ananofsky, e me veio algo sobre certa ligação entre o esquizo e a sociedade clínica (patologizada)¹⁵³. — Esquizofrenia doença? — Não sei, a hegemonia não quer ser incomodada. — Você quer fazer a vida acontecer? Desloque isso tudo, movimente isso tudo. Repouso, lentidão, velocidade. Possibilidades instintivas como... — E ela não está acontecendo sempre? — Esqueça o movimento punk! Vá até ele, se for o caso, meu caro! — Tenho minhas dúvidas, como sempre. — Sobre dúvidas, natural, certeza

¹⁵³ Cf. Pi (1988).

que é acidente. — Pois é, jamais pensei que aquele caminhão em que eu estava bateria naquele carro. Lembro-me que quanto mais ele tentava dizer algo, mais o sangue jorrava de sua boca, era de uma beleza assustadora. — Beleza vermelha. — Você já se acidentou? — Angústias cotidianas, claro, porém alegrias, alegrias. — *Não dá tempo para tristeza... é hora de continuar resistindo, na alegria da afirmação da vida e da variação. Viva a vida! Alegria, Alegria!* — Falei algo sobre tristeza e entenderam exatamente isso, tristeza. — Ferida aberta, sua querida amiga!!! — Não era nada disso, compreende? — Eu já apaguei muitas coisas, pelo menos tentei apagar. — Apagar? Apagar o quê? Como se apaga algo? — Alguém me disse: desconstruindo os modelos de representação e ativando potências revolucionárias do desejo. — Talvez a questão seja perguntarmos, como? Entre todos os anjos salvos, como? — Anjos, que coisa imbecil! — *Não tenho dinheiro, nem recursos, nem esperanças. Sou o mais feliz dos homens vivos. Há um ano, há seis meses, eu pensava ser um artista. Não penso mais nisso. EU sou*¹⁵⁴. — Isso me parece inconcebível. — Isso o quê? — Isso tudo! É violentamente um atentado ao Eu. — Uma guerrilha estrangeira de si. — Desejo algo no campo político do enfrentamento. — A guerra é diária. — Abandono das idealidades. — Escutem! Algo secretamente estranho, escondo você e tudo se desorganiza. — Quanto delírio! — Só uma questão, quem disse isso? — Hahahaha... — Um amontoado de loucos. — Loucos, loucos, loucos! — Interessante! — *E não é preciso ser louco para delirar*¹⁵⁵. — Seja quem estiver aqui, não importa, eu reivindico uma fala, agora! — Processos, meu pseudoamigo, melhor, pseudoamigos, são processos! Quais linhas os compõem? — Por que você sempre diz no plural? — Quantos somos? — Gostaria de falar: axiomas capitalistas (verdades imutáveis) etc., etc. — Poderíamos produzir mapas, mapas e mais mapas. O que vocês acham? — Quais as linhas? É preciso paixão e corpo sempre à espreita, como aquele carrapato. — Linhas que compõem.... Que nos compõem? — Odeio carrapatos! — Esquizofrênicos! — Esquizofrenia como um processo, tem a ver com viagem, fluxo. *Alguém que delira é, literalmente, alguém que assombra o campo social, o campo histórico.*¹⁵⁶ — Interessante! Prossiga, por favor. — *Diziam que nós tínhamos inventado uma nova vida revolucionária, que deveríamos nos tornar esquizofrênicos. Nada disso! A psicose é algo horrível e os hospitais psiquiátricos são monstruosos, mas o processo esquizo que podemos conquistar, a ruptura dos agenciamentos, a entrada da singularidade que vai fazer você rir, que vai fazer você ver as coisas de outra*

¹⁵⁴ (MILLER, 1975, p.7).

¹⁵⁵ (DELEUZE, 1980, recurso online).

¹⁵⁶ (DELEUZE, 1980, recurso online).

*maneira, isso é válido*¹⁵⁷. — Coisas pequenas, caretas, surtos, toques, cabelos voando etc. — Quero dizer algo sobre turbilhonamentos, sobre escoamentos. Aquilo que nos toca, que nos toma, que nos atravessa e que nos modifica, que ativa forças de criação. — Tudo vai se compondo, se decompondo com... — Potência revolucionária do desejo? — Possíveis que não se constroem na neurotização de análises, mas antes... — O passeio esquizo? — *O passeio do esquizofrênico: eis um modelo melhor do que o neurótico deitado no divã*¹⁵⁸. — O desejo de sair das formas, das representações e operar com múltiplos... — Viver, experimentar sem interpretar! — [...] *o experimentador realiza uma experimentação sobre si mesmo, a ele cabe inventar o modo de o fazer no limite do que torna o pensamento potente para se mover [...]* *As invenções se fazem segundo as composições nas quais se entra, variando ao longo dos deslocamentos feitos, sem as garantias de um modelo no qual as questões se encaixariam*¹⁵⁹. — Representação: a relação entre texto e desenho, signo verbal, René Magritte. — Devir, talvez seja mais potente que utopias. — *Fiz comigo mesmo um pacto silencioso de não alterar uma linha do que escrevo. Não estou interessado em aperfeiçoar [...]. Ao lado da perfeição de Turguêniev coloco a de Dostoiévski. (Existe algo mais perfeito que O Eterno Marido?)*¹⁶⁰. — Preciso atender o celular, alguém quer um café? — Uma escrita que tenha uma função etho-poética. Ética, estética e política. — O escutado, o feito, o lido, o vivido etc. Aleatoriedades e indeterminações. Existências do acaso, dos imprevistos, dos acidentes. — Função? Potência! — O que você pensa sobre conectar fragmentos criando um estilo de escrita/vida? Chamo de escrita.... — Escrever para não se achar. — Desculpe, interrompi você. — Nós! — Fragmentos que vão compondo algo quase que basicamente esquecido, como uma memória curta, infiel. Algo violento! Uma escrita compromissada com a vida, com a potência criadora existencial que habita... — Novamente você falando no plural. — No lugar de uma escrita dura, fechada, enraizada; compor uma escrita pelos desvios, pelos meios. — Como ir ao encontro de uma escrita fora do sujeito (assubjetiva)? Experimentar com os desprendimentos possíveis. Indeterminações dos ruídos cotidianos, banalidades? — Nada de confissões como em alguns diários. Escrita dissonante! Memória menor! — Estilhaços!!! Guerrilha, guerrilha, guerrilha... Algo como uma ferramenta de luta. — Escritas... diferentes experiências vivenciadas. Afectos que atravessaram e atravessam minha existência cotidianamente. — Agora você falou no singular — O que importa? Isso importa? Que coisa

¹⁵⁷ (GUATTARI. In: UNO, 2016, p. 98).

¹⁵⁸ (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 12).

¹⁵⁹ (GODOY, 2008, p. 27-28).

¹⁶⁰ (MILLER, 1975, p. 16).

mais enfadonha! — [...] *afectos implicam um empreendimento de dessubjetivação*¹⁶¹. — Muitas coisas estão aqui, compondo com isso tudo. Experimentações! Ser afetado, afetar de distintas maneiras.... Ler, escrever, lutar, resistir, revolucionar etc. — Criar, escrever com muitos que habitam no fazer... — Resistir é criar, criar é resistir. — Aqui? Aqui aonde? — Lembrei de algo. Alguém me disse que tenho um certo fascínio pela morte. — Quem falou isso? — Muitos. — O que você respondeu? — Eu... — Sério, você se importa? — *Há um enunciado esplêndido em um filme de Herzog. Colocando-se uma questão, o personagem do filme diz: quem dará uma resposta a essa resposta? De fato, não existe pergunta, respondemos sempre as respostas. À resposta já contida em uma pergunta (interrogatório, concurso, plebiscito etc.), serão opostas perguntas que provêm de uma outra resposta. Será destacada uma palavra de ordem da palavra de ordem. Na palavra de ordem, a vida deve responder à resposta da morte, não fugindo, mas fazendo com que a fuga aja e crie*¹⁶². — Escrita underground. — Escrita anárquica. — O que seria necessariamente isso? — Uma escrita fluxo como enfrentamento político à uma dita escrita acadêmica única? — Movimento em movimento. — A viagem, o mover-se! — *Da mesma forma, estar sentado não implica estar parado, mas apenas outro modo de participar do fluxo*¹⁶³. — Vamos fazer um filho por trás que será vomitado orgasticamente? — Como as pessoas olham uma pessoa morta? Li isso em algum lugar. — Pouco me importa a dita escrita única, o dito cinema único etc., quero escrever, produzir vídeos fluidos e por aí vai. — Cage te ensinou a rezar? — [Risos]. — [...] *múltiplas possibilidades e de suas experiências com a imagem e o som [...]. A popularização dos computadores pessoais, das câmeras digitais e da internet, possibilitaram finalmente uma realidade para a arte e para contracultura, consolidando os modos de produção DIY (do inglês do it yourself: faça-você-mesmo) e homemade (feito em casa)*¹⁶⁴. — Poetas, poemas, arte, artistas. — Minha arte é minha existência. — Minha existência é arte. — Minha escrita é...

— Minha? — *Não são apenas as boas ações do ser como “arte pura”, são todas as existências que podem ser atribuídas a uma arte de existir [...] são as artes que tiram sua pluralidade das diversas maneiras de fazer existir um ser, de promover uma existência ou de torná-la real*¹⁶⁵. — Existências múltiplas. — *Tanto tempo faz que não me sento em*

¹⁶¹ (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 63).

¹⁶² (DELEUZE; GUATTARI, 2015a, p. 62).

¹⁶³ (GREINER, 2017, p. 40-41).

¹⁶⁴ (LIMA; IKEDA, 2011, p. 20).

¹⁶⁵ (LAPOUJADE, 2017, p. 16).

*companhia de pessoas bem vestidas que me sinto um pouco tomado de pânico*¹⁶⁶. — Algo mais para beber? — Costura! — Costura-me... — *E eu chamo de morte voluntária, sob qualquer forma que seja, um culto à morte. E por culto à morte, eu entendo também o fascismo. Reconhece-se o fascismo, ainda uma vez, pelo grito: “Viva a morte”! Toda pessoa que diz “viva a morte” é um fascista. Então, esse culto à morte pode ser representado pelo fascista, mas pode ser representado, conforme a necessidade, por coisas completamente outras, a saber, uma certa complacência suicida, um certo narcisismo suicida, pelos empreendimentos suicidas. Todas as empresas suicidas fazem parte e implicam uma espécie de campo de morte, de culto à morte*¹⁶⁷. — Traços de linhas de fuga. — Deleuze suicidado. — Sou um ladrão. — Suicida. — Somos! Só me interesse por coisas que não são minhas. — Interessamos! — Quem falou isso? — Sem essa, todos sabemos. — *Quando se fala de roubo, desvio e traição, remete-se à potência dos corpos para ‘gozar do mundo’ [...]*¹⁶⁸. — Uma artéria foi atingida. — Sou um vampiro, um canibal. — Somos! — *É claro que há lobisomens, vampiros, dizemo-lo de todo coração, mas não procure aí a semelhança ou a analogia com o animal, pois trata-se do devir-animal em ato, trata-se da produção do animal molecular (enquanto que o animal ‘real’ é tomado em sua forma e sua subjetividade molares)*¹⁶⁹. — Quem é você? — Quem somos? Dá para dizer no plural, por favor? — Que pessoa mais chata, dizer? Não há absolutamente nada para ser dito! — Meu nome é... — Nosso. — *Ora, o nome próprio não designa um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. O nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade. O nome próprio é o sujeito de um puro infinitivo compreendido como tal num campo de intensidade*¹⁷⁰. — *Embora tenha sido convidado por André Breton a participar das exposições e discussões artísticas que estavam agitando a cena parisiense, Okamoto sempre optou por se manter independente. Ele mencionou em artigos e livros que se sentia mais conectado com a pesquisa de George Bataille, e que também havia preferido se manter autônomo e não integrar o movimento surrealista*¹⁷¹. — Tenho vontade de conhecer o Japão. — [...] o número de psicanalistas e

¹⁶⁶ (MILLER, 1975, p. 75).

¹⁶⁷ (DELEUZE, 1980, recurso online).

¹⁶⁸ (GODOY, 2008, p.284).

¹⁶⁹ (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.70).

¹⁷⁰ (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 66).

¹⁷¹ (GREINER, 2017, p. 133).

*psicólogos no Japão ainda hoje é bastante reduzido*¹⁷². — Por quê? — Independente, sério? — *Ford era um poeta entusiasta surrealista de meios independentes [...] Ele dirigia a publicação trimestral como empreitada descaradamente comercial [...] Cada edição era associada a exposições em sofisticadas galerias da cidade, o que ajudava a financiar a revista por meios de anúncios (com propagandas de perfumes e loções). Artigos sobre teóricos surrealistas como George Bataille competiam com anúncios de publicações de André Breton; reproduções de obras de arte de Leonor Fini, René Magritte e o sado-surrealista Hans Bellmer [...]*¹⁷³. — É tudo apenas um mero esboço, a existência é um esboço. — Isso nunca termina...

Figura 23 – Sobre encontros



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

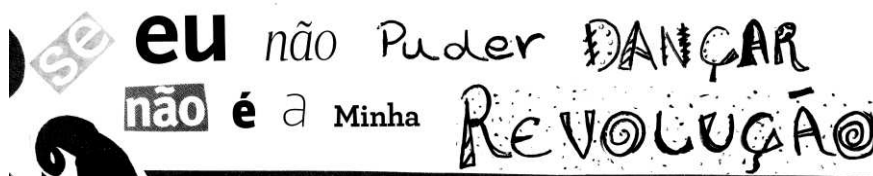
— Continua...

¹⁷² (GREINER, 2017, p. 31).

¹⁷³ (ANTLIFF, 2009, p. 112-114).

Dança

Figura 24 – Imagem retirada do fanzine Bruxas Anarkas



Fonte: Emma Goldman, fanzine Bruxas Anarkas # 1 (2016, p. 2).

Se podría decir que es um medio de desfoque ante lo que tenemos que vivir todxs, tratando de resistir cada unx a su manera el día a día. Siempre hay otras formas de desfogar lo que unx siente, ya sea mediante um fanzine, creando canciones, escribiendo, dibujando, etc. Pero lo que más me llena de adrenalina es un pogo, mosh, pit, como se le quiera llamar, es en ese momento en el que escuchas la música y el cuerpo empieza a moverse, no faltan las ganas de saltar, lanzar gritos desafinados de una canción hasta que empieza a desatarse movimientos descoordinados, com saltos y empujones, pero que nada tienen que ver con violencia, al contrario, se nota la solidaridad cuando al caer al suelo, tendrás quien te ayude y seguir com la danza de lxs no aceptadxs (FANZINE PANKERJI # 1, 2016, p. 5).

Figura 25 – Dança



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Variações elétricas sobre o amanhã

Idosos (meus) o dia todo na cama
Palavras na boca é anarquia
Para...
os outros.

Tempos exigem violência
Palavratórias
Por quê?
Porque o tempo é caos!

Palavra é caos em dias frios e escuros
De congestionamento das articulações
Todos seus pesadelos particulares, tempestades
Animam-me.

Todos com seus medos, tédios, desesperos e suicídios diários
Dias miseráveis
Te mandarei cartas sangrentas sobre o mundo
Educa-me com seus beijos melados com baratas voadoras
Te mandarei cartas
Escreverei como os ratos.

A palidez te desrostifica
Desnuda-te
Sociedade febril.

Qual seu ativismo?
A vida!

Para aqueles que dormem (os que amam)

Como não se preocupar

Temer

Tudo é tão sufocante

Asfixiante

Gado que dorme

Nos deixam

Tenho pavor da sua justiça

Leal

Cega

Estranha maldade

Amai-vos uns aos outros como eu vos...

Amém

Primavera de 2018

O que vaza dos vazamentos?¹⁷⁴

(A)cena 1

Filósofos heréticos com seus medos e dogmas orgânicos falocêntricos.

Aprofundamentos perfeitos sobre a precisão de uma temática temporal.

Relâmpagos passageiros, cromáticos, sincronizados.

Paisagens vistas de cima da cadeira quebrada sobre a toalha da mesa fora do tempo.

Peitos, braços, cabeças, olhos, pernas, pés, cabelos, pelos e tudo mais organizado sobre o plano do céu das fileiras catedráticas.

Mesas organizadas no salão de festa episcopal.

Roupas limpas sobre os olhos de quem vigia algo.

Andanças pela floresta dos encontros, em meio ao concreto cinza da mentirosa liberdade.

Carros se confrontando com bicicletas, pseudoecológicas, em pleno movimento subalterno territorial.

Corredores e seus pisos desbotados e suas pessoas mentirosamente alegres por algo que não sabem de fato como será.

Calçadas e passarelas sujas de terra vermelha escarlate.

Água vazando sobre sapatos na mata elegantemente desbotada.

Teatro da pequena massa distintamente requintada com suas produções artisticamente imponentes.

Bares e suas drogas lícitas para corpos honestos categoricamente familiares.

Grupos, agrupamentos e possíveis separações antagônicas.

Mapas, horários, tendências e logísticas mirabolantes.

Café comunitariamente divisório dentro do esquadramento micro parental.

Encontros tendencialmente formalizados sobre a lógica do mercado editorial acadêmico.

Planejamentos perfeitos que só servem para planos e mais planos que...

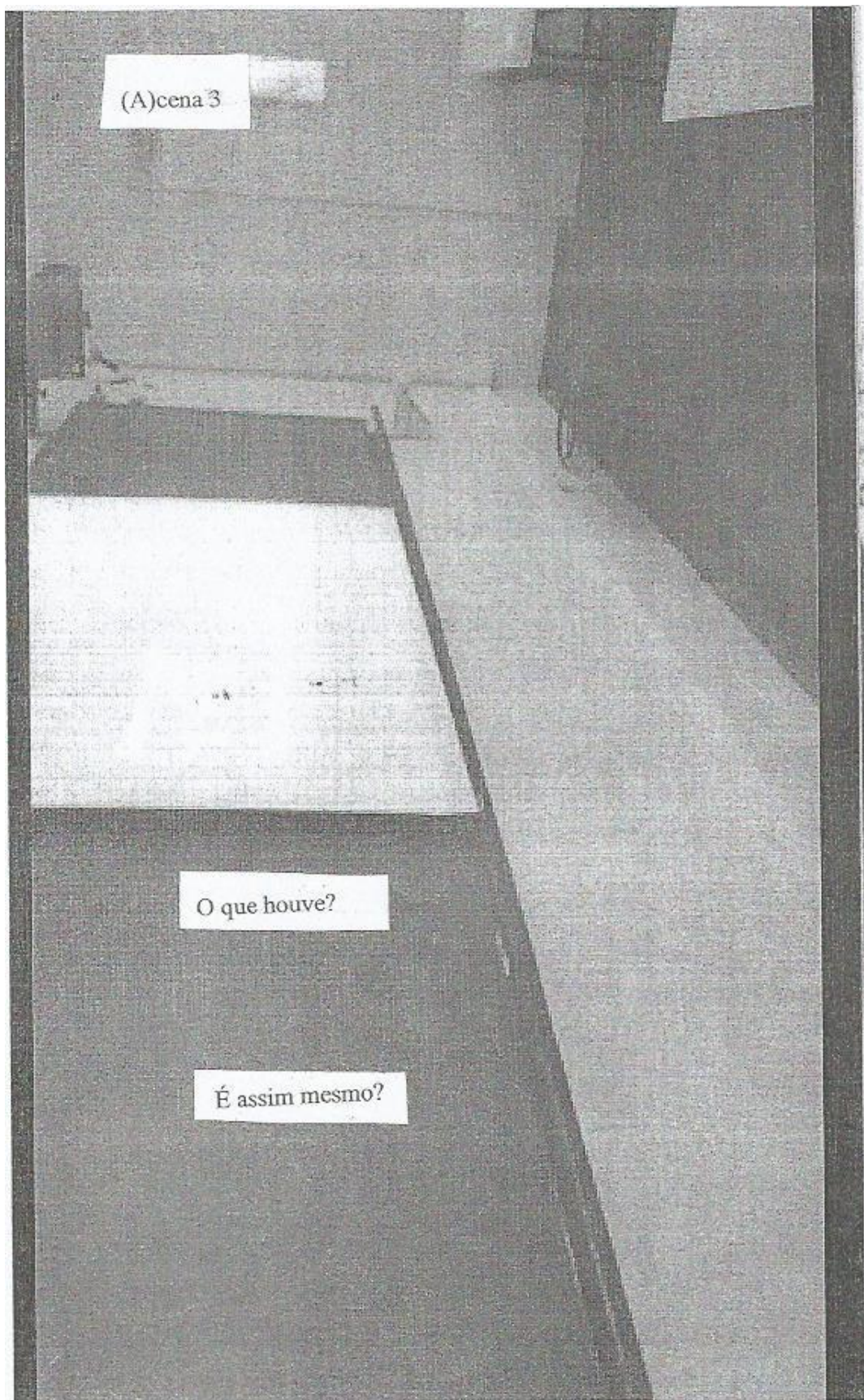
– Não, definitivamente não me sinto aqui – será?

¹⁷⁴ Incômodos que surgiram durante minha participação no V Seminário Imago que aconteceu nos dias 29, 30 e 31 de agosto de 2018 na UNESP de Rio de Claro. Esse texto se fez durante minha proposta de trabalho: “Ceci n’est pas du punk. O que vaza de um vídeo?”

(A)cena 2

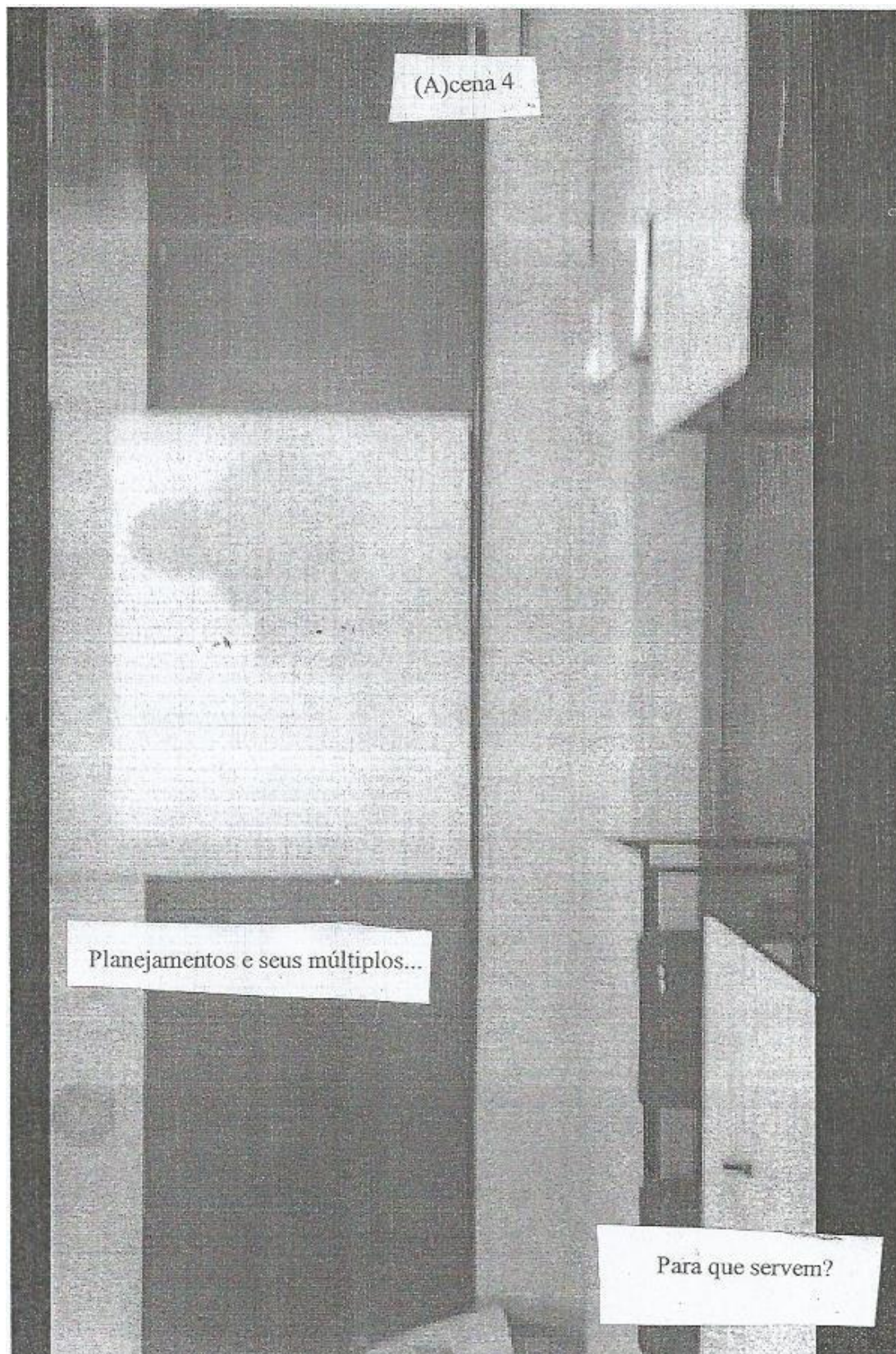
Fantasma deslocam de um vídeo
Coisas totalmente fora do ar
Fio que escapa
Café que derrama
Manteiga que suja o lado esquerdo da boca
Áudio
Vídeo
Gritos
Sons
Sorrisos
Espantos
Dúvidas
Imprecisões
Imprevistos
Olhos esbugalhados
Silêncios
Imagens
Caneta estourada
Notas perdidas
Caminhadas sem destinos
Entulhos sobre as gramas
Algo que escapa
Tudo
Estradas perdidas
Nada

Figura 26 – (A)cena 3



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Figura 27 – (A)cena 4



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Figura 28 – Pôster que compõe o Fanzine Kusturapatche # 2 (2016)



Fonte: Fanzine Kusturapatche # 2 (2016).

Hypomnemata 110: sobre qualificações, pedagogia e...

Neste capítulo serão discutidos a importância dos seguintes temas referentes aos processos didáticos:

- 1 – A importância do planejamento escolar;
- 2 – Os quesitos gerais para o planejamento;
- 3 – O plano da escola;
- 4 – O plano de ensino;
- 5 – O plano das aulas;
- 6 – E...

— Para que é esse caixão tio?

— Acho que para nada, meu bem!

— Uai, ele dá para enterrar lagartixa, barata e formiga. Lá em casa tem muita lagartixa e barata, sabia?

— Não sabia, minha linda!

— Faz assim, vou fazer um para você também, você quer?

— Quero não, tenho medo!

— Vou embora, tá?

— Volta aqui, não quer conversar mais?

— Não, eu vou embora, tenho medo do caixão!

Figura 29 – Sobre qualificações



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Figura 30 – Fanzine Total Dis-Kordia # 2 (2011, p. 14)



Fonte: Fanzine Total Dis-Kordia # 2 (2011, p. 14).

Ela, assassinada

Ela tinha alguns sonhos

Uma casa

Um marido

Um carro.

Ela tinha sonhos

Uma moto

Um emprego

Arrumar os dentes

Viajar por aí.

Ela tinha...

Os dentes estavam caindo

Nunca gostou de estudar.

Ela

Não está mais aqui...

...ainda bem!

Para não sofrer, primavera de 2018.

Pedaços de pedaços... confrontações

1 : 20

- Preciso escrever uma tese sobre....
- Escreva!
- Melhor, preciso terminar uma tese...
- Como terminar? Isso não termina nunca. É fluxo que segue, é sobre vida, ela continua...
- Como se faz uma tese?
- Algo vai e está sendo produzido, construído em fluxo, então, acho que nunca para, não é?
- Punkismos, deleuzianismos, foucaultianismos, anarquismos... abandone os ismos.
- Não faço a mínima ideia e nem sei se realmente me interessa.
- Eu sei exatamente como deve ser uma tese¹⁷⁵.
- Deve ser por isso então...
- Por quê?
- Exatamente porque há esta tal maneira padronizada de fazer tese.
- Sobre o que é sua tese?
- Têm muitos desejos.
- Afectos e...
- Você vai ser massacrado, vai sofrer muitas críticas.
- Contágio, alianças não filiativas e...¹⁷⁶.
- Escreva sobre existências.
- O que vazou e vaza? Quais os abandonos possíveis?
- E daí, fale sobre cigarros, noites, bares, bebidas, festas.
- Bukowski escreveu várias teses, sabia?
- Escreva sobre delírios, seres imaginários, personagens, monstros que habitam em...
- Estar em escrita... escrita underground?
- Seja marginal!!!
- [risos].

¹⁷⁵ Sobre como se faz uma tese em “Ciências Humanas” cf. Eco (2007).

¹⁷⁶ Sobre alianças não filiativas cf. Deleuze; Guattari (2012); Castro (2007).

— Encontros.... *Squats*, *gigs*, porões, centros sociais, coletivos, zines, cds, vinis, tapes. Viagens, eventos, troca de ideias, cartas. Tocar, cozinhar, comer, improvisar, construir, destruir, dirigir, sentir, andar, dormir...

— O que pode o underground?

— “Quando sofria preconceito por ser obeso, por ser pobre, por ser da periferia, foi no underground que me senti acolhido e respeitado”¹⁷⁷.

— Eu coleciono monstros, só que eles vão e voltam.

— Escreva sobre música. Você pode musicar sua tese, como uma música punk.

— São tantas formas, tantos significados, tantas representações, tantos padrões.

— Musicar uma tese? Bem bonito!

— Música, música punk etc.

— Música?

— Sem determinismos, por favor.

— Gosto mais de estar com o ruído, com os barulhos, com as explosões ruidosas do movimento punk.

— É possível?

— *Noise*, noisecore.

— Barulheira danada.

— “O barulho, de um modo geral é minha válvula de escape, com ele expresso todo ódio, frustração, revolta, amargura, tristeza, chatice, monotonia, desgosto, preocupação que sinto”¹⁷⁸.

— Fabulações, fabulações, escreva...

— A diferença como potência de experiência revolucionária.

— Entrar em...

— “[...] eu vivo o underground intensamente. Vivo o barulho e coloco isso no meu dia a dia. Não só na aparência, mas também na vida em si. Isso me influenciou de tal forma que transformou totalmente meu estilo de vida [...]”¹⁷⁹.

— Simplesmente é vida!

— Escreva, escreva. Recorte, cole, apague... vasculhe as entranhas. Escreva, escreva...

¹⁷⁷ Disponível em: https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/05/entrevista_17.html. Acesso em: 15 mar. 2019.

¹⁷⁸ Disponível em: https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/05/entrevista_17.html. Acesso em: 20 mar. 2019.

¹⁷⁹ Disponível em: https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/08/entrevista-com-cassiano-da-banda_7.html. Acesso em: 20 mar. 2019.

— O punk não me interessa, acho muito chato, acho muito infantil.

— Fugas, fugas e mais fugas.

— [risos].

— Uma estrutura ideal de subjetividade a ser seguida?

— São muitas inquietações.

— Acho que tudo isso é sobre estar e não estar com ele ao mesmo tempo.

— “[...] você pode voltar a ser criança e fingir que não vê nada a sua volta”¹⁸⁰.

— Definições, explicações, interpretações, existem muitas, não é mesmo?

— E daí?

— Não me importo. Siga o fluxo...

— Acho que me encontrei com o punk quando tinha 12 anos, por aí. Foi através de um disco dos Ramones que achei na casa da minha irmã, foi um choque: a música, a estética da capa, as cores, o som, o cheiro, o visual sujo e rasgado. Ela sempre dizia:

— Isso aí não é legal, é muito pesado, você não vai gostar.

— “A leitura dos zines é a melhor forma de conhecer o movimento [...] pois lá podem ser encontrados os posicionamentos individuais ou de grupos, sem distorções ou sensacionalismos”¹⁸¹.

— Procure nos livros, simples!

— Punk?

— “Nunca houve um congresso ou coisa do tipo que determinasse o que é Punk. Dois fatores permitem xs Punxs se identificar como integrantes do movimento: a aproximação dos indivíduos por meio da afinidade de ideias e a construção de meios que viabilizem a prática de seus propósitos por meio de produções artísticas independentes”¹⁸².

— Eu sei exatamente “o que é punk”¹⁸³.

— Justamente, cru, seco, pesado e simples. Encontro desarticulador, potente. Não ficou por aí, era apenas uma viagem de muitas que viriam. Mergulhei de cabeça, lia, ouvia, pesquisava e de lá para cá foram muitos contentamentos e descontentamentos até colidir-me com o noisecore.

— Como é possível alguém ouvir esse tipo de coisa?

¹⁸⁰ Disponível em: <https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/09/entrevista-com-welligton-baxista-e.html>. Acesso em: 22 mar. 2019.

¹⁸¹ (COMUNIDADE ANARCO-PUNK GOULAI POLÉ, 2015, p. 8).

¹⁸² (COMUNIDADE ANARCO-PUNK GOULAI POLÉ, 2015, p. 8-9).

¹⁸³ Cf. “O que é punk” (BIVAR, 2007).

— “[...] isto é rock 'n' roll, é isto que eu gosto, é um som que alguns dizem que é do demônio, não é do demônio nada, é de alguém bem mais filho da puta. É meu, é do GG ALLIN”¹⁸⁴.

— “A música é uma arte muito forte e pode levantar emoções e impulsos imediatamente. Talvez comece nos anseios do interlocutor/artista e encontre a reciprocidade quando chega ao ouvido das pessoas”¹⁸⁵.

— “O underground punk/metal sempre foi subversivo e uma das primeiras coisas que vemos é na estética [...]”¹⁸⁶.

— Se punk é política, desfazê-lo também o é.

— “Não estou no rock 'n' roll por dinheiro, fama, mulheres, ou para fazer parte de uma cena social. Estou nessa pela minha vingança pessoal contra esta sociedade que aí está”¹⁸⁷.

— Penso que as vivências punks transpõem as imagens esgotantes e representativas do moicano, do visual agressivo, da música, do próprio punk etc. Tem muito mais que isso, é muito mais que isso.

— Eu gosto de moicano, é uma moda legal.

— “E em um âmbito mais externo, o revolucionário seria justo a criação desses espaços alternativos do punk d.i.y. que crescem por baixo da sociedade e que tem como função criticar e destruir seus valores (da sociedade)”¹⁸⁸.

— O punk não se limita a montar uma banda e tocar em eventos.

— Monte uma banda!

— Sempre achei fenomenal, excitante essa coisa que o movimento punk toma como experiência, como relação, como composição existencial – o *do it yourself*.

— Morar, comer, vestir e por aí segue.

— Buscar uma vida mais simples e plural, menos comodista, menos conformista, menos consumista. Nosso cotidiano, nossa vida cotidiana: produzir sem buscar a todo momento a ajuda de especialistas ou mesmo seguir os padrões de produção, de consumo etc.

¹⁸⁴ (GG ALLIN: ENTREVISTA DA PRISÃO ESTADUAL DE JACKSON 1992. In: FANZINE ANALTOMIA UNDERGROUND # 1, 1998, p. 8).

¹⁸⁵ Disponível em: <https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/09/entrevista-com-karine-campanille.html>. Acesso em: 24 mar. 2019.

¹⁸⁶ Disponível em: https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/08/entrevista-com-cassiano-da-banda_7.html. Acesso em: 24 mar. 2019.

¹⁸⁷ (GG ALLIN: ENTREVISTA DA PRISÃO ESTADUAL DE JACKSON 1992. In: FANZINE ANALTOMIA UNDERGROUND # 1, 1998, p. 11).

¹⁸⁸ Disponível: <https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/09/entrevista-com-welligton-baxista-e.html>. Acesso em: 24 mar. 2019.

— “Meu cotidiano é passar a maior parte do meu tempo dando lucro pro patrão pra poder pagar as minhas contas. Eu preciso urgentemente pensar numa forma de autonomia, isso me sufoca, mas por N razões não consigo sair dessa teia. Acho que tenho uma vida bem desinteressante. Se tocar um instrumento e ter banda pode ser considerado algo a salientar, é isso, passo o dia pensando em música enquanto estou trabalhando. Aliás, muita música me vem na cabeça nas horas roubadas e fico esperando o tempinho livre pra pegar um instrumento e tirar das ideias o que ficou martelando o dia inteiro. Às vezes, roubo o tempo do trabalho e abro um bloco de notas pra riscar algum verso ou estrofe, até letra inteira quando a inspiração tá forte e o momento permite”¹⁸⁹.

— Com tanta avalanche de informações e tecnologias avançadas que temos acesso atualmente, muitas vezes ou na maioria das vezes, não conseguimos consertar a tomada de um simples liquidificador. Instalar um lustre, pintar uma parede, trocar uma resistência ou mesmo instalar um chuveiro. Fazer um reparo simples na parede da cozinha sem remeter a especialistas. Possibilidades para experimentar? Banalidades? Práticas corriqueiras que podem contrapor as dependências constantes?

— E o punk?

— Liquidificador é uma arma perigosa.

— A vida com tudo isso é bem mais pujante, as produções de vida com...

— Punk sem imagem?

— Tem a ver com identidade?

— Antes de tudo, desobedecer, resistir, resistênciaaaaaaa...

— “FAÇA VOCÊ MESMO! O punk não é um passatempo nem uma tribo urbana, tampouco um espetáculo de fim de semana. Porque o Punk não é só música! O Punk é contracultura, é uma resposta à violência cotidiana [...] É amizade e rebelião!”¹⁹⁰.

— O que estamos fazendo?

— Talvez seja sobre sabotar.

— “Ligo a TV e vejo um idiota apresentando um programa no qual explora pessoas [...] com sua falsa solidariedade; abro uma revista e só vejo artista\$ famoso\$ se exibindo em festas luxuosas com toda a sua futilidade...”¹⁹¹.

— Isso é muito punk!!!

¹⁸⁹ Disponível em: <<https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/2018/09/entrevista-com-karine-campanille.html>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

¹⁹⁰ (FANZINE 16A: A TRÁGICA NOITE QUE ENLUTOU O PUNK, 2017, p. 2).

¹⁹¹ (FANZINE LINHA DE FRENTE: A INFORMAÇÃO É UMA ARMA!, [2000?], p. 1).

— Enrubar, comer, degustar...

— Religião? Transubstanciação?

— Não! Prefiro antropofagia¹⁹².

— “Boa noite! No Conexão Repórter de hoje, uma investigação sobre um grupo de jovens que se orgulham de sua rebeldia contra o sistema. Eles pertencem o que se pode chamar de tribo urbana e são conhecidos como punks. Muitas características os diferenciam: aparência agressiva, humor ácido, o culto à juventude, ao amor livre, a subversão da cultura, o anarquismo e o antinazismo [...]”¹⁹³.

— Não tenho uma aparência agressiva, acho.

— Vamos voltar à escrita?

— “[...] as normas gramaticais, em geral, são por si só discriminatórias [...]. Como geralmente utilizado em nossa (punx) escrita, o “@” e o “x” definem tanto o “o” quanto o “a” transformando as palavras em palavras de gênero único, neutro”¹⁹⁴.

— Uma escrita punx?

— Já existe?

— Experimentações em escritas...

— “A banda Ramones é uma espécie de Bíblia do movimento [...]”¹⁹⁵.

— “O punk começou como um movimento de mudança para se tornar a maior mina de ouro da mídia desde o hippie. Em seis meses se tornou uma memória desgastada do que deveria ter sido. Comprada, limpa, envernizada. Masturbação etéreo, apenas outro produto barato para o consumidor de classe média”¹⁹⁶.

— Voltemos à....

— O que vaza?

— “Punk é a voz da revolta, a música é incidental para a mensagem, a mensagem é FAÇA”¹⁹⁷.

— “Desfazer o rosto não é uma coisa à toa. Corre-se aí o risco da loucura: é por acaso que o esquizo perde ao mesmo tempo o sentido do rosto, do seu próprio rosto e do dos outros,

¹⁹² Sobre esquizoanálise e antropofagia cf. Rolnik (2000).

¹⁹³ (CABRINI. In: REPORTE, 2015, parte 1).

¹⁹⁴ (FANZINE PUNX DESCONSTRUINDO O SEXISMO, 2011, p. 1).

¹⁹⁵ (CABRINI. In: REPORTE, 2015, parte 1).

¹⁹⁶ (RIMBAUD, 2017b, p.142).

¹⁹⁷ (RIMBAUD, 2017b, p. 151).

o sentido da paisagem, o sentido da linguagem e de suas significações dominantes? É porque o rosto é uma organização forte”¹⁹⁸.

— É uma tese sobre Educação?

— Será mesmo necessário falar?

— Teorizar, argumentar, analisar, constatar...

— Punk? Educação? Educação e punk? Pesquisar Educação? Pesquisar punk?

— Como?

— Escapar das armadilhas da idealidade.

— Novos modos de estar com...

— Não estou compreendendo mais nada.

— “[...] *involução*, onde a forma não para de ser dissolvida, para liberar tempos e velocidades”¹⁹⁹.

— Permitir-se.

— Isso tudo aponta para outros lugares.

— Quais?

— “Chupe, chupe, ele segura seu pênis. Chupe, Chupe, é uma trapaça da mídia”²⁰⁰.

— “VIVA EL PUNK. Me rehuso a pensar que los prejuicios, las divisiones, el odio y la violencia acapararon nuestros corazones destruyendo nuestra rebeldia, nuestra actitud, nuestra amistad, nuestro sueño, nuestro amor real”²⁰¹.

5 : 50

Sub

Submundo,

Sub-ratos,

Subsolo,

Sub-humanos,

Substratos,

Suburbanos,

Succubus,

Subjetividades...

¹⁹⁸ (DELEUZE; GUATTARI, 2015b, p. 64).

¹⁹⁹ (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 58).

²⁰⁰ (RIMBAUD, 2017b, p.142).

²⁰¹ (FANZINE 16A: A TRÁGICA NOITE QUE ENLUTOU O PUNK, 2017, p. 31).

Lendo bukowski e deleuze ao sul de lugar nenhum

02:31

Quando eu era criança sempre sonhava com um cavalo ele era enorme e branquinho como a neve era um sonho frequente que às vezes me assustava um pouco e sempre tentava tocá-lo mas nunca conseguia quando estava bem próximo eu sempre acordava acho que acordava eu adorava esse sonho embora a frequência com que eu sonhava me assustava um pouco era sempre na mesma rua e no mesmo lugar ele sempre aparecia na frente da porta de um bar que minha mãe constantemente me mandava buscar pães algo que odiava principalmente quando ela me obrigava pois tinha que parar com minhas brincadeiras e jogos o dito cavalo se aproximava a galope e em sua volta era possível ver e se embriagar com as cores vermelhas brancas e verdes que levantavam ao seu redor algo como uma fumaça ou uma espécie de gelo seco multicolor algo assim ele se aproximava rindo com seus dentes amarelados sempre lentamente era uma sensação ótima maravilhosa para ser sincero não sei exatamente quando parei de ter esse sonho ou sonhos porém sinto falta desse amigo anos depois cometi a bobagem de contar ele para a minha analista

analista é seu pai você quer matar seu pai

eu eu não quero não melhor nunca quis acho

analista é isso tem uma relação também com sua mãe

eu não tem não sempre adorei sonhar com esse cavalo

analista interessante

eu para ser sincero às vezes gostaria de ter esse sonho novamente só que você acabou com esse desejo

analista por que você pensa assim

eu eu levantei e fui embora e nunca mais voltei

Figura 31 – Bode



Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

Figura 32 – Bode



Fonte: Elaborada pelo autor (2018).

História

Cobras sobre minha cama

Atrofiando

No pântano

Na lama

A sensação oposta gelando a pele ressecada

Trincada

As árvores as raízes a felicidade

A beleza estética do esquecimento

Desrostificando

Um toque

Uma ruga

Cabelos ao vento

Que seja

A escrita congelada aos poucos deslizando sobre a superfície líquida

Fluida

Lisa

Bela

A história só pode servir a vida

Quem está nos enganando

O demônio é resistência

A floresta obscura sendo confundida

Pelo vento

Ventos

O riso frio e demente

Das pedras

Das pernas

Das folhas voando

O hábito erudito continua solapando

Mas...

A resistência

Resistências

À espreita

Sempre

Beija

Beija

Bode infiel

Sem lugar

Nômade

Corre da prisão

A freira e o crucifixo

Atolado

Sobre a beleza

Do vingar

Do viver

Do vir

Do caminhar

Da doença

Da piedade

Da veneração

Todo passado deve ser condenado

Pela arte?

Pela vida?

Bailarina

Elx estava no banheiro
Costurava as veias rasgadas
Com água, sangue e fezes do vaso

Mistura visceral
Picada e pó
Deitada
Cheiros e suor

No segundo plano alguém tocava
Distraído não pude ver
A leveza de suas patas ratas
Leveza, melancólica leveza

Da bailarina

A dança tribal do acasalamento
Ferida escancarada
Pés, patas, ratas quem se importa

Cuspe, fezes, sangue, fluidos, loucuras
O vento muda tudo
Toda de preto
Espartilho escarlate
Que cheiro

Seu corpo denunciava
Desespero? Derrota?
Frustração? Angústia?
Obsessão? Desapego?
Desassossego? Desprezo?

Carência? Impotência?

Futuro? Pertinência?

Quem nunca olhou para os pés da bailarina?

Haraquíri

Não gosto de Nietzsche.

I hate Nietzsche,

Guattari não gostava de Nietzsche também,
ele me disse, certa vez.

Deleuze lambeu ferozmente as vísceras podres de Nietzsche.

Acho que Deleuze gostava de Nietzsche,
Foucault também chupou ele por trás,
creio que sim.

Nietzsche é Jesus e odiava Jesus.
Adolf Hitler gostava de Nietzsche,
Adolf Hitler é o Jesus contemporâneo,
é bem possível.

Não quero Jesus,
nem ontem, nem hoje, nem nunca.

Foucault me falou sobre a beleza do suicídio.

Deleuze nem tanto.

Fascismo para ele?

Deleuze suicidou-se.

Hitler também,

Foucault e Nietzsche, já não sei.

— *E o pessoal era total crust, né meu, vida fodida, levando daquele jeito mesmo, encarando a realidade. [...] a gente começou a ler uma literatura mais pesada, de existencialismo, a ficar muito cético diante das coisas, ler Nietzsche, uns negócios que eram muito pesados e acabavam com aquela esperança patética que podia ter*²⁰².

²⁰² (RIBEIRO, 2019, p. 49-50).

— [...] nessa época eles estavam numa pegada bem pesada, bem mórbida. Tinha uma menina que morava com eles, a Luana, que se suicidou. O Estilou entrou numas de não tomar banho, ficou oito meses sem tomar banho [...] ²⁰³.

Luana suicidou-se,

Van Gogh também.

Artud foi suicidado.

E Nietzsche?

E Jesus?

E você?

Nietzsche não gostava de suicidas.

²⁰³ (RIBEIRO, 2019, p. 49).

Solidão ou... ou...

Era noite
Bem tarde
Camisa
Jaqueta
Bota
Tudo preto
Tudo preto
Cigarro na boca
Garrafa
Elx foi arremessado para meu colo
Cheirava a álcool
Fezes
Urina
Carne podre
Decomposição
Pedacos escorriam para meu ventre
Pedacos delx
Gosma
Mijo
Estava muito frio
Solitário
Pronto para gerar
Era lindo meus ovários
Pronto para gerar
Vida
Coisas esquecidas
Pronto para gerar
O mais belo de todos
Ovários traseiros
Pronto para gerar

Baratas

Vermes

Pronto para gerar

Pétalas defecadas

Vida

Pronto para gerar

A flor no asfalto

A flor do asfalto

Pronto para gerar

Caminhando com o morto nas costas/repulsivamente/catatonicamente/sobre fluidos constantes/é improdutivo/improdutivamente/produção antiprodução/paranoia/sem nome/ sem teto/sem berço/sem pátria/sem bandeiras/repulsivo/(in)compulsivamente/sem dono/sem lugar/lugares possíveis/corpo pleno/não existe/estéril/desordem/caos/puro fluxo/deslizante/gosmento/fezes/sangue/urina/não funciona/sem modelos/sem imagem/sem dosagem/larvas/repugnante/nada utilizável/invisível/perseguido/sujo/ está por toda parte/sopros/gritos/gemidos/alucinações/passeios/opositor/desejos/sem órgãos/inconsumível/inimigo/forasteiro/corre/corre/sussurros/ ao vento/ oxigênio?/sem fonemas/grafemas/rgrrrgrgr/trvdbtrfst/caminhando com o rejeitado/costas?/renegado/inarticulado/anônimo/sempre à espreita/ corpo/um amontoado/insuportável/ precisamente aqui/agora/puro movimento/nada divino/sem deus/deuses/energia/eletricidade/experiências/descentrado/ sou eu?/sem identidade fixa/intensidades/sem pai nem mãe/porco porco porco porco porco porco porco porco porco/a mesa/mesa?/psiquiatra escroto/psicanalista escroto/sem instituições/grupinhos/porco porco porco porco/sem registro qualificado/melhor que nada funcione mesmo/explosão/barulhos/infecções/vírus/bactérias/alianças/nada adquirido/máquinas?/ainda não vimos nada/conexões/não compreender/viver/intensivo/fazer rir/migalhas/comunicações aberrantes/aniquilado...

Memórias

...

...

...

...

...

Já me esqueci.

Fatores suicidas ou roteiro para um curta ou i, e, ...

Não tenha medo, deus está com você.

Avance sempre.

O que me convém: sexo, drogas e rock and roll?

Tudo que foge à vida anestesiada?

Forças?

Capitalismo?

Cagar pela boca?

Fluxo?

Engasgo?

Vida?

A imagem de um livro sobre suicídio em cima de um sofá velho, sujo e mofado na casa de alguém.

Braços, cortes e marcas.

Pela arte?

Medo?

Solidão?

Pesadelos?

Nugo.²⁰⁴

Cansado?

“ [...] a vida do indivíduo é um peso sem a possibilidade do suicídio. O nada está aí de prova”²⁰⁵.

Leia-se: “Notas sobre o Anti-étipo”.

²⁰⁴ Cf. P.M. (2006).

²⁰⁵ (P.M., 2006, p. 26).

Notas sobre o Anti-étipo

A experimentação é melhor que a interpretação

[...] é pela escrita que devimos animais, é pela cor que devimos imperceptíveis, é pela música que devimos duros e sem recordação, ao mesmo tempo animal e imperceptível: amoroso. Mas a arte nunca é um fim, é apenas um instrumento para traçar as linhas de vida... (DELEUZE; GUATTARI, 2015b, p.63).

Figura 33 – Imagem retirada do fanzine Ruido Crudo



Fonte: fanzine Ruido Crudo # 4 (2010, p. 9).

Inventário knup

A de anarcoacidente

Nunca sabemos quando as coisas começam a ir mal. Fazer rir. As partes. Os restos e e... Indigestão cotidiana, comédia medíocre enlatada etc. e tal. Tóxicos, comida fria e ainda por cima envenenada. Comida frita, e mais ainda, mastigadinha para você. Coma, é tudo lindo, cumpra! É fácil, é rápido, é gostoso e colorido. Sabor? Com todas essas forças que você confronta cotidianamente então... E aí? Sob tantas máscaras, sobra apenas uma paródia. Doutrinas letais, história, passado, idolatria e por aí vai, vai, vai... Para que serve? Tem muita coisa mais profunda, underground do underground, será? Livros, litros, lixos, zines, discos e fitas. Encontros e festas empolgantes. A propaganda é constante, sirva-se, se quiser, se puder. Absurdo total! Ácido verde melequento batendo sua porta — quer? Têm várias cores é só você escolher e pagar, é claro! De repente alguém telefona para a polícia e te... — Mas o que de fato eu fiz senhor? Mesa bagunçada, garrafas espalhadas, cinzas, baratas, ratos e sujeira total. Sujeira? Ninguém encontrou nada além de... — Não importa, o senhor pode nos acompanhar? — Não, muito obrigado, deixa para outro dia e não bata a porta quando sair, por favor!

Afinal, estamos aqui problematizando, pelo menos tentando, procedimento no lugar de método? Páginas e mais páginas, teclas e mais teclas. Combustão mata. — Tudo bem com você, meu amigo? Final de semana e férias prontas. Inventar, inventário, sei lá, é tanta coisa pronta, fabricada, enfiada goela abaixo e você aí. Tente! — Quando Nietzsche chorou? Não ligo mesmo, nem quero saber. Acidez estomacal e ressaca violenta. Dor de cabeça, guitarras distorcidas e som alto. Anos 1970, anos 1980. Produzir no tempo/tema? Narrativas e esgotamentos. Experimente, vai que... Qual a necessidade de voltar? Quem sabe pode e deve ser potente, nada de latente, nada de emitente. Cansado de promessas? Casar: casa, comida e roupa lavada? Bata a cabeça e se adiantar alguma coisa me retorne. Procure uma igreja e pague o dízimo vai que... Natureza, malhação, yoga, drogas, vai que... Calças limpas, calças sujas, jeans rasgado, jeans perfeitamente rasgado. Moda, medo, perigo produzido. Diversão garantida, tédio também. Deus e o diabo na terra do punk. Viva! Paisagem linda no final da tarde, tudinho para você... Não gosta? Não gostou de nada? O neoliberalismo está aí, engula, é cool. Tem também anarcocapitalismo, é cult. Capitalismo, tudo capturado, porém... Sexo *high tec old school*. Diversidade, pluralidade, idade, idade. Cultura juvenil, tribos urbanas,

gangues, personagens, está tudo por aí. Espantado? É punk, meta a cara, soque, empurre ou... pule!!! Como morrer com? Punk sem imagem?²⁰⁶.

²⁰⁶ Estas páginas estão longe de dar conta da diversidade, da pluralidade do movimento punk e de seus subgêneros ao longo dos anos de sua existência. Além dos trabalhos citados, ao logo do texto, para mais discussões no que refere ao punk com uma gama de temas variados e áreas de interesses, sugiro os trabalhos a seguir: Canhête (2004); Gonçalves (2005); Teixeira (2007); Viana (2012); Santos (2015); Prado (2016); Barros (2005); Júnior (2010); Pereira (2006); Tocalino (2002).

ANARCO-PUNK²⁰⁷

Figura 34 – Informativo do movimento anarcopunk do Rio de Janeiro

MOVIMENTO ANARCO PUNK

http://www.maprj.cjb.net Informativo Aperiódico Junho / 2000

10 ANOS DE RESISTENCIA

Nestes 10 anos de MAP-RJ muitas coisas aconteceram, pessoas entraram e saíram, zines foram confeccionados, murais pintados, shows realizados, peças teatrais representadas e manifestações participadas.

Estamos voltando com o INFORMATIVO para mostrar que pelo contrário do que dizem por aí: o MAP não acabou, o C.C.P não fechou e continuamos na luta libertária, por uma revolução social e política, inseridos em Movimentos Populares e nos unindo a diversos outros Movimentos Culturais de rua para que realmente haja uma conscientização da população.

>>> O MAP tem participado do movimento "BRASIL: OUTROS 500" desde 98, então temos feito campanhas pintando murais por toda a cidade do Rio de Janeiro, panfletando, participando de eventos culturais, fazendo propaganda contra os festejos dos 500 anos e representando peças de teatro. No mês de abril, integrantes do MAP-RJ foram a Porto Seguro participar dos protestos contra os festejos dos 500 anos e mesmo com a repressão militar conseguimos fazer nosso ato, não o planejado por completo, mas conseguimos acabar com a festa arquitetada pelo Presidente.


>>> A luta para a liberdade do ativista negro Muma Abu Jamal tem continuado. No Rio de Janeiro o MAP participou das manifestações a favor deste preso político que foi condenado injustamente à morte.

>>> No mês de Abril, o MAP e o C.C.P organizaram um evento comemorando os 2 anos da Sede deste Centro Cultural. Foi realizado um show com grupos de MPB e HIP HOP, no final do evento se apresentaram as bandas Punks NOJO, SEGUNDOS DE KAOS, T.R.L, R.N.S e PROLETÁRIO.


>>> A organização de um curso de alfabetização para adultos posto em prática pelo CCP tem tido apoio e ajuda dos integrantes do MAP.

>>> Sempre unido com o movimento hip-hop, o MAP participou do 1º Encontro de Cultura de Rua da Baixada Fluminense falando sobre os 500 anos e repensando o papel da mulher nestes 500 anos de resistência feminina.

>>> Tem-se organizado pelo MAP exibições frequentes de vídeos seguidos de debates sobre um determinado tema social retratado no filme, com a participação de toda a comunidade.



500 Anos de Massacres e Resistência Popular



QUE É ANARCO PUNK

Com o surgimento do Movimento PUNK em 76, e sua decadência, ressurgiu a princípio dos anos 80 um movimento mais evoluído e consciente, dando lugar às idéias rebeldes sem direção, a uma ideologia bastante evoluída, a ANARQUIA. Surgiu aí o ANARCO PUNK !!!!

Baseado nos ideais anarquistas, que vão da negação da autoridade à luta pela liberdade, os Anarco Punks sentiram a necessidade de se auto organizar para uma luta mais revolucionária

Anarco PUNK poderia melhor conceituar, seria indivíduo ou grupo participante das lutas pela Anarquia, que não seria esta Anarquia de dicionário, e sim a verdadeira anarquia que é a capacidade de ORDEM natural e social das coisas onde o homem se organiza sem a necessidade de líderes ou governos, sem Autoridade ou poder centralizado, a igualdade entre homens, a solidariedade, e principalmente a Liberdade Total !!!!

Além dos ideais anarquistas, Anarco PUNK também tem o trabalho voltado a cultura e costumes PUNK, por exemplo o visual: É a quebra de um padrão que a sociedade e o sistema tenta impor, o visual é o protesto e mostra a realidade da fome, da miséria do povo acomodado aos problemas, o visual agride aqueles que se escondem da realidade com roupas caras por exemplo. Seus pensamentos de luta são pelo fim do capitalismo, de qualquer governo ou poder, que corrompe o homem, contra toda a forma de opressão à Liberdade, de repressão e autoritarismo, por isso o repúdio ao Militarismo, ao patrão, à Igreja(que aliena), ao estado, à polícia e tudo que é baseado nas regras do sistema ou poder. Lutando por uma sociedade sem governo, justa igualitária e Libertária. Mais harmonia entre os homens, entre eles e a natureza, por isso são ecológicos por espontaneidade, e não por moda ou embalo. Pelo AMOR LIVRE, pela vida, contra os modismos, contra a exploração do homem pelo homem, sem a manipulação dos mais privilegiados Socialmente ou Intelectualmente. Pelo coletivo, pelo mutualismo e pela AUTOGESTÃO das coisas. Pelo FIM DA PROPRIEDADE.

O Anarco PUNK não é moda, fase adolescente, doídera nem delinquência juvenil, e sim IDEOLOGIA !!!!

O Sistema tenta distorcer o PUNK e suas idéias pelo fato deste ameaçar o mesmo fazendo as pessoas principalmente os jovens a pensarem mais e lutar pelo sentimento mais Nobre do Homem, a LIBERDADE !!!!

Fonte: Informativo do movimento anarcopunk do Rio de Janeiro (2000).

²⁰⁷ Para mais questões ver também hardcore e Crass. Para mais discussões no que se refere ao anarco-punk cf. Ribeiro (2019); Marginal (2015); Gangz (2019).

B de balões verdes, vermelhos e abismos intermitentes

BLACK METAL

É dita como uma das vertentes mais obscuras do heavy metal, que remonta ao início da década de 1980. Possui uma sonoridade e estética crua, sombria e agressiva. Geralmente em suas letras as bandas abordam temas como satanismo, anticristianismo e paganismo²⁰⁸.

C de cogumelos comestíveis

CBGB'S

CBGB – OMFUG, sigla para *Country, Bluegrass and Blues and other Music for Uplifting Gormandizers*. Foi um clube fundado nos anos de 1970, em Nova York, onde teria sido o berço de bandas precursoras do punk rock como os Ramones, Television, Dead Boys etc., mais especificamente a banda estadunidense Ramones, que ficou mais famosa.

Foi um clube noturno, pequeno e decadente, tido como uma verdadeira espelunca administrada pelo proprietário Hilly Kristall. No começo era frequentado por motoqueiros e fãs de country e blues, porém, posteriormente virou refúgio de bandas undergrounds nova-iorquinas. O clube virou uma referência no que diz respeito ao punk rock e muitos dizem que o mesmo teria iniciado nele²⁰⁹. Nesse aspecto, a primeira banda punk teria sido talvez os Ramones, que surgiram em meados de 1974, cronologicamente antes dos Sex Pistols. Em tese, eles já tocavam o que se poderia denominar então de punk rock.

²⁰⁸ Paras mais questões cf. Moraes (2014); Sá (2013).

²⁰⁹ Cf. Melbick (2013); True (2011); McNeil e McCain (2004a, 2004b); Ramone (2004); Cogan (2006).

Figura 35 – *CBGB's documentary 1978. CBGB's Blitzkrieg Bop Feat. Ramones, Blondie e Dead Boys*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kRIBGGVdywk>

CRASS

Quando o punk passou a ser incorporado pela mídia e pela indústria cultural no geral, a produção e movimentação de punks mais politizados vai mergulhando-se cada vez para um caminho ainda mais marginal e contracultural²¹⁰. Prova disso é que mesmo nos anos de 1977, na Inglaterra, já existia a banda/coletivo Crass com princípios anarquistas libertários e pacifistas como orientação prática de ações para e com o punk. Esse grupo/coletivo possuía uma forte crítica à postura de violência, destruição e comercialização promovidas pela primeira geração do punk, inclusive eram contra a postura comercial de bandas como os Sex Pistols, The Clash (considerados por eles como charlatões do punk) que usaram o movimento para se promoverem comercialmente.

²¹⁰ É relevante destacar que a expressão contracultural surgiu nos anos de 1960. Para Canevacci (2005, p. 13), “o prefixo ‘contra’ atestava a dimensão da oposição que as novas culturas juvenis dirigiam à cultura dominante ou hegemônica. Ser contra significava que, antes de qualquer possibilidade de falar em cultura, aliás, ainda antes de chegar ao termo ‘cultura’, era preciso ser antagonista, opositor [...] contra; era, pois, necessário postar-se contra a cultura dominante, não só contra os valores, os estilos de vida, as visões de mundo, ao poder, mas também contra a cultura intelectual dominante (a filosofia, a religião, a arte...)”.

O Crass foi precursor da chamada cena *peace-punk* e anarco-punk, talvez, a primeira a difundir as ideias anarquistas como princípio de ações diretas e pacifistas de existência punk. O interessante é que eles se identificavam muito mais com o músico Benjamin Britten, com a música contemporânea de Jhon Cage, com o movimento dadaísta do que com o já famigerado rock'n'roll. Pela sua diversidade de influência e posição política, muitos críticos de sua época os tacharam de hippies.

O grupo/coletivo canalizou toda essa violência e rebeldia proclamada pelo movimento punk, no início, para suas causas referentes ao ambientalismo, feminismo, movimentos sociais, direitos dos animais, ocupações e críticas ferrenhas contra o capitalismo, o Estado e a igreja. Promoveram constantes lutas contra o racismo, a guerra, o militarismo, o nacionalismo e a miséria propagada pela globalização.

A banda/coletivo/comunidade Crass defendeu radicalmente a postura *do it yourself* (D.I.Y) proclamada sem muita ação e atitude por muitos punks da época. Experimentou vivências em comunidade (*Dial house*)²¹¹, vegetarianismo, criou sua própria gravadora, produtora e distribuidora. Produziu vários discos, filmes, panfletos, fanzines, performances e vários eventos sem apoio de empresários, gravadoras e/ou produtoras do punk. Praticamente foram execrados da cena publicitária oficial da época.

Grafitaram com tinta de spray o metrô de Londres e cartazes de publicidades espalhados pela cidade com suas mensagens (guerra dos grafites). Inspiraram o gênero industrial promovendo colagens sonoras (fita *thatchergate*)²¹², poesia e improvisação.

Abraçaram um visual preto em protesto contra o punk ligado à moda. Sofreram boicotes de lojas de discos, censura e perseguição do Estado inglês pelo seu posicionamento e ação política.

²¹¹ Casa comunitária nos arredores de Londres onde o grupo viveu até o fim do coletivo. A casa existe até hoje com os mesmos princípios.

²¹²A conhecida fita *Thatchergate* entregue para a imprensa mundial. Continha uma meticulosa edição com uma conversa telefônica entre Reagan e Thatcher, admitindo a responsabilidade de Thatcher sobre o afundamento do navio argentino Belgrado.

Figura 36 – Capa do álbum *The Feeding of the 5000*



Fonte: Crass (1978).

Pode-se dizer que a filosofia e estética anarco-pacifista do Crass tornou-se uma das maiores influências de muitos anarquistas e da música punk nos anos de 1970 e, principalmente, posteriormente na década de 1980. O Crass foi a banda mais pugnar do punk até seu final em 1984. Fizeram do movimento uma força de resistência como arte contestatória, como manifestação política, como ferramenta de combate²¹³.

²¹³ Para mais discussões no que se refere ao Crass cf. Marginal; Masters (2017).

Figura 37 – Crass, não há autoridade a não ser você mesmo



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=i4P4V_ICerw

CRUST

Atrelado a toda essa efervescência no interior do punk/hardcore outro movimento que se desenvolveu foi o *crust*, contudo, ele é uma versão ainda mais radical, penso, tanto em termos musicais, quanto éticos, estéticos e políticos.

Crust, em uma tradução livre seria crosta, remete à sujeira que impregnam as roupas, os cabelos, os corpos cotidianamente. Sua origem é um tanto quanto distante e incerta. O termo *crust* apareceu pela primeira vez na demo “*Ripper crust*” da banda inglesa Hellbastard. Todavia, a banda Amebix formada em 1978 na Inglaterra é considerada umas das primeiras a definir o estilo com seu álbum *Arise*, lançado em meados de 1985.

O *Arise* é um álbum seminal, tem uma sonoridade densa e sombria com elementos do heavy metal, do anarco-punk e do pós-punk. Possui uma atmosfera obscura e corrosiva. Liricamente as músicas trazem temáticas depressivas e nihilistas, destacando o lado mais podre e hipócrita da sociedade²¹⁴.

²¹⁴ Para mais questões sobre o álbum *Arise* Cf. Marques (2015).

Figura 38 – Capa do álbum *Arise*

Fonte: Amebix, *Alternative Tentacles* (1985).

No início de suas atividades a banda não possuía contrato com grandes gravadoras e não retirava da música seu sustento. Seus integrantes viveram por alguns anos em *squats* e eram adeptos do *Dumpster Diving*. O primeiro registro da banda saiu em uma coletânea chamada *Bullshit detector*, volume 1, em 1980 lançada pela *Crass Records* (do coletivo Crass). A banda esteve em atividade de 1978 a 1987, parou por um tempo e voltou a se reunir em 2008.

O som *crust* no geral é bem marcante. Além do anarco-punk sofre claras influências de bandas como Motörhead e os primórdios do Black metal (Venom, Hellhammer entre muitas outras), embora tenha suas variantes. Normalmente é bem mais extremo, agressivo e rápido que o punk e o hardcore. Os vocais são roucos, gritados ou guturais, divididos entre dois ou mais vocalistas.

As bandas de *crust* geralmente defendem radicalmente a prática do *do it yourself* e do *no profit* (sem lucro), criando uma rede própria de gravação, distribuição, produção e divulgação de seus materiais; seja por meio do correio, internet, fanzines, *gigs* e encontros. O meio de troca ou escambo é muito utilizado como moeda para divulgação dos materiais produzidos como discos, fitas, fanzines, adesivos, camisetas etc., que na sua grande maioria

possuem tiragens limitadas. Essa prática é uma forma de rejeitar e manter-se paralelo à indústria capitalista da música e da cultura.

Vale destacar que ele recebe também outras definições como *crustpunk*, *crustcore* etc. É conhecido de forma geral pelo extremismo político dos *crusties*, que geralmente se vestem de preto, com roupas rasgadas e cheias de *patches* (remendos impressos por serigrafia, no geral com desenhos brancos sobre fundo preto). Diferente de muitos punks, esse grupo geralmente não veste couro devido ao protesto contra a exploração e matança de animais. Logicamente isso não é uma regra, pois qualquer um é livre para usar o que bem entender.

Uma marca do movimento também é a bicicleta (conhecido também como *Bike punk*). Por uma razão política é muito comum utilizarem regularmente a bicicleta (símbolo do movimento) como meio de transporte e lazer; representando uma alternativa ao consumismo, à liberdade individual, e um protesto contra a utilização em massa dos automóveis que imperam nas cidades, causando a falta de espaços para lazer e a poluição constante do meio ambiente.

Figura 39 – *Bike punk*



Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/Bike-Anarco-Punk-700752476621630/>>. Acesso em: 06 de jan. 2019.

Alguns de seus membros se recusam mesmo a tomar banho (ou a tomar o mínimo possível) e fazer uso de muitos produtos industrializados. Isso se dá pelo fato de os *crusties* resistirem em colaborar diretamente com as indústrias cosméticas (protesto contra a experimentação de produtos em animais), de ter um tipo de vida livre das toxinas e químicas usadas nos produtos de higiene pessoal. Da mesma forma, existe uma busca dos sujeitos em ter um estilo de vida que procura diferentes formas de burlar as normas sociais impostas e viver em comunidades alternativas. Majoritariamente são adeptos do vegetarianismo ou veganismo, que está ligado a uma preocupação ambiental e com a defesa dos animais.

Comumente os *crusties* são conhecidos pelo seu estilo de vida anarquista, pela resistência em procurar e/ou trabalhar em empregos formais, pela vivência em casas, edifícios abandonados e, muito frequentemente, em *squats*²¹⁵.

Figura 40 – Amebix – *Arise* (live)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=vtjzgfusL-k>

²¹⁵ Essas informações foram baseadas em entrevistas e textos presentes em fanzines, revistas e sites de membros de bandas crusties. Serviram de referência o site <https://revoluta.com/2008/10/16/crust-as-origens/>, o site www.vice.com/pt_br/article/9k3a83/martine-blue-entrevista, o fanzine *Necrofeelings* # 4, a revista *Metalhead*, fanzine *Náusea* # 1 e o fanzine *Insanity Crusties* (1,2 e 3).

Figura 41 – Doom - *Means to an end* (live at Waiblingen, 1989)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=pw3DDmWJNrc>

Figura 42 – Extreme Noise Terror - *Live London 1989*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=xly7ywCTsG0>

D de dedos azuis

Death Metal

É um dos subgêneros mais brutais do heavy metal, geralmente com guitarras com baixa afinação, extremamente distorcidas e pesadas. Os vocais, na maioria das vezes, são guturais ou gritados. As baterias possuem *beats* agressivos com passagens rápidas, uso de pedal duplo e *blast beat*²¹⁶.

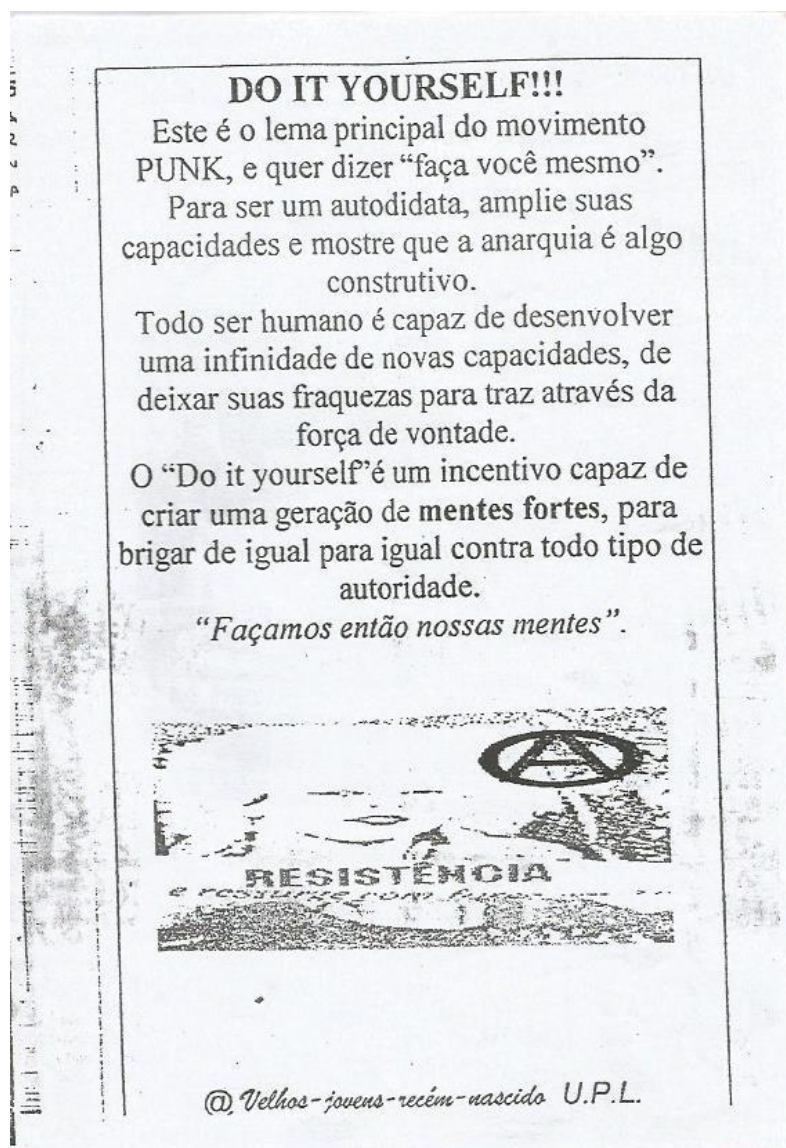
Do it yourself (D.I.Y)

Na tradução literal significa faça-você-mesmo. É uma das ações mais importantes no interior do movimento punk. Ele nasceu no início do punk quando algumas bandas gravavam seus discos com pouco dinheiro, sem depender de muitos recursos e grandes gravadoras para tal. O fato de não ter muito dinheiro não impedia que as bandas lançassem seus materiais de forma independente. Os recursos financeiros das bandas, muitas vezes, partiam dos shows e da venda de seu *merchandising*, no geral, como camisetas, adesivos (geralmente feitos à mão) e discos. Também pode-se destacar a publicação dos fanzines, que eram um tipo de imprensa marginal. O faça-você-mesmo é uma forma de ação contestatória paralela às grandes ações da indústria cultural e fonográfica oficial. Ele foi tomando outras dimensões em termos de vivências no interior do movimento.

A própria ética como estética “D.I.Y” remete a uma ação micropolítica anarquista contemporânea de condução de vida e crítica ao Estado e ao capitalismo. Seu combate cotidiano debruça-se, assim, em buscar uma vida menos consumista, mais simples e artesanal. Na luta pelo ideal do amor livre, contra as normatizações impostas pela moda, mídia e cultura; pelo coletivismo, pela autogestão, pelo fim da propriedade. Pode-se acrescentar também a luta a favor do feminismo, contra a moral cristã, pela autonomia trabalhista, pelo anti-heterossexismo, moralismo sexual, autoritarismo familiar, pelo movimento antiglobalização, pelo pacifismo entre outros enfrentamentos.

²¹⁶ Sobre *blast beat* ver Grindcore. Para mais discussões com relação ao death metal Cf. Mudrian (2009); Ekeroth (2008).

Figura 43 – Fanzine Juventude Libertária Ação Direta



Fonte: Fanzine Juventude Libertária Ação Direta # 10 [1996 ou 1997, p. 15].

DUMPSTER DIVING

Trata-se de um estilo de vida cujos praticantes buscam aproveitar a comida do lixo ou os restos de feiras para se alimentarem. A tradução livre seria literalmente mergulhar na lixeira.

Figura 44 – *Dumpster Diving*

Fonte: <https://www.facebook.com/pg/BikeAnarco-Punk-700752476621630/>. Acesso em: 06 de jan. 2019.

E de elefantes étlicos voadores electrocutados

EUA E O PUNK DE 1970

Outra movimentação importante do punk diz respeito ao movimento underground que aconteceu nos EUA por volta dos anos de 1960 e 1970, principalmente na cidade de Nova York.

Antes mesmo de MacLaren criar e promover os Sex Pistols, nos EUA já existiam bandas que, posteriormente, seriam consideradas precursoras do punk, pelo seu estilo de vestir; pela sua postura violenta nas apresentações e pela sua forma de fazer e compor música simples, crua e direta como Velvet Underground, The Stooges, The New York Dolls, MC5 entre outras.

No subúrbio de Nova York o artista multimídia Andy Warhol, com a sua chamada *pop art* começa a ganhar notoriedade e passa a influenciar e ajudar a promover músicos e bandas da cena underground estadunidense como a citada Velvet Underground. Inclusive Warhol foi empresário do Velvet Underground, cujo líder foi o “conhecido” músico Lou Reed.

Essas bandas que passam então a ter uma certa notoriedade no cenário novaiorquino, confrontavam os ideais hippies e os músicos do rock progressivo que comandavam o mercado fonográfico da época com posturas de *rock stars* e com suas músicas tidas como mais

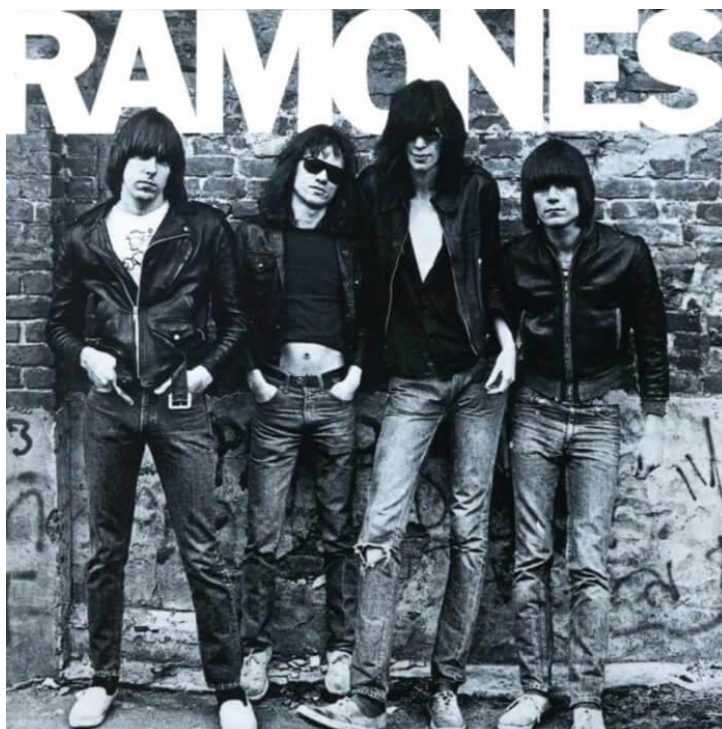
complexas, elaboradas e saudosistas, recheadas de longos solos de guitarras, baterias e teclados.

Enquanto os hippies pregavam uma postura amorosa e pacífica (paz e amor), esses grupos tinham uma atitude, digamos, mais pessimista, violenta e agressiva nos palcos e nas suas composições musicais. Suas músicas possuíam uma sonoridade bem menos complexa e elaborada que seus contemporâneos do rock progressivo. Seu estilo de compor era simples e não necessitava de grandes técnicas e aparatos musicais, como bandas à exemplo de Pink Floyd, Led Zeppelin, Yes, Beatles (*Sgt. Pepper's*), Genesis, Jethro Tull entre outras que reinavam no mercado da música na época.

O rock havia se tornado algo extremamente comercial e impraticável para muitos, esses jovens estavam então contestando esse caminho *mainstream* (cultura de massa) e certinho que o rock tinha tomado.

Foi em Nova York também que surgiu o clube *CBGB'S* e principalmente a banda Ramones, em meados de 1974, cronologicamente antes dos ingleses Sex Pistols. Eles já tocavam o que se poderia denominar então de punk rock. O Ramones teria feito uma verdadeira revolução artística e musical no rock com suas composições extremamente simples, minimalistas, algumas “infantis”, absurdas e, na maioria das vezes, repetitivas. Sua estrutura musical era bastante primária, rude, crua, rápida e direta, porém única e não soava como nada na época, nem visualmente e nem sonoramente.

A banda foi formada inicialmente por quatro jovens: Dee Dee Ramone, Joe Ramone, Jhonny Ramone e Tommy Ramone. Eles lançaram moda e incomodaram muitas famílias da época com suas roupas surradas, jaquetas de couro, jeans rasgados e seus tênis baratos e imundos. Usavam e abusavam do tão famigerado e cultuado pelo punk rock: três acordes, com sons curtos, poderosos e diretos.

Figura 45 – Capa do álbum Ramones, *Sire Records*, 1976

Fonte: *Sire Records* (1976).

A figura mais controversa, sem dúvida, foi Dee Dee Ramone baixista e um dos principais compositores da banda. É considerado o pai do punk, escreveu sobre a fúria das ruas de Nova York, viveu entre prostitutas e viciados, sendo usuário de drogas por longos anos, morreu em 2002 devido a uma overdose de heroína.

Provavelmente o Ramones foi umas das bandas mais representativas do punk rock dos anos de 1970 e atualmente virou um ícone da cultura pop. Antes mesmo de montar suas bandas os Sex Pistols e o The Clash eram fãs confessos dos Ramones. Foram os primeiros da fila quando eles, os Ramones, tocaram em Nova York em 1977 em sua primeira turnê pela Europa.

O punk, desta forma, teria chegado e tomado força na Inglaterra por meio da mídia, importado por MacLaren e principalmente pela influência furiosa de vestir e de compor música como a dos Ramones. O próprio Ramones havia composto a música “*Judy is a Punk*” em meados de 1975²¹⁷.

²¹⁷ Cf. McNeil e McCain (2004a, 2004b); True (2011); Melnick e Meyer (2013); Ramone (2004).

Figura 46 – *CBGB's, Ramones live, 1977*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=0PRI4niBZc8>

F de farmácias ou drogarias

FANZINES

Fanzine é a junção das palavras *fan* com *magazine*. É uma espécie de revista feita pelo fã e para o fã. São publicações geralmente fotocopiadas e com pequenas tiragens. Atualmente são muito comuns os webzines e zines distribuídos em formato pdf pela internet. Seu conteúdo varia bastante, mas geralmente busca-se a divulgação de bandas, shows, produção punk e política entre outras questões. O fanzine procura socializar ideias, propostas, experiências, estabelecer contatos; enfim, é um tipo de imprensa alternativa no interior do movimento punk (OLIVEIRA, 2006; MORAES, 2010).

Figura 47 – Capa do Fanzine *Stupid Patriotism*



Fonte: Fanzine *Stupid Patriotism* (2015).

Figura 48 – Capa do Fanzine *Visual Agression*



Fonte: Fanzine *Visual Agression* (2014).

FLYERS

Filipetas com uma variedade de tamanhos cuja função é divulgar shows, eventos e bandas entre outros.

Figura 49 – Flyer de divulgação, gig Squat Toren/CE.

Você pode criar coisas tão belas quanto as que admira. Você pode criar coisas tão belas quanto as que admira. Você pode criar coisas tão belas quanto as que admira. Você pode criar coisas tão belas quanto as que admira.

admirar. Você pode criar coisas tão belas quanto as que admira. Você pode criar coisas tão belas quanto as que admira. Você pode criar coisas tão belas quanto as que admira.

GIG

FEIRA INVERNO

nA.rUA. quEEr
IdéIaS! yeGaN PUNK

SOLIDARIEDADE A OCUPAÇÃO
ANARCOPUNK TOREN - CE

VIVER É OCUPAR, CONLUIAR PARA RESISTIR,
PRODUZIR O IMAGINAR



GIG COM AS BANDAS:
QUSPE & *Ne Koni*****

DISCOTECAGEM COM:
Gerôncio Xymox

EXPOSIÇÃO DE TELAS:
 > EDU BARBOZA;
 > JOEL RODRIGUEZ;
 > JORGE ELÔ - ENSAIO À LÁPIS DE COR.

LANÇAMENTO DO CD DE ÁUDIO-POESIA VERBORRÉIA VOL.02 (DEPOIS DE HOJE)
 - VENDA DE COMIDA VEGETARIANA - BAR
 - BANCA DE MATERIAIS LIBERTÁRIOS

Local: Cine Teatro São José
Data: 08/08/2010
Hora: 17:08
Entrada: 1 (um) real
Campina Grande - PB - BR

Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 50 – Flyer de divulgação, gig São Caos # 4



Fonte: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1456143247754996&set=gm.124375348229349&type=3&theater>. Acesso em: 28 out. 2017.

G de gato da Alice no país das maravilhas

GIG

Embora as características e a própria palavra remetam a show e/ou festival, a *gig* vai muito além do simples entretenimento e pretende romper com a exibição comercial e usual de um show. *Gigs* são também espaços de trocas de ideias, panfletagens, palestras, troca de materiais, encontros etc.

Figura 51 – Flyer de divulgação, gig Squat Toren



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 52 – Flyer de divulgação de sarau, Squat 171



Fonte: < <http://okupayresiste.blogspot.com/> >. Acesso em: 05 nov. 2018.

Figura 53 – Flyer de divulgação, gig Espaço Amaranto



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

GRINDCORE

Outro subgênero que também germinou do punk e tomou uma dimensão extremamente brutal, em termos sonoros, é o grindcore. Penso ser o estilo de som mais pesado, agressivo, veloz e extremo que se originou do punk/hardcore. Um verdadeiro caos catatônico sonoro de difícil assimilação, até mesmo por muitos punks.

Existem muitas controvérsias com relação às suas origens, todavia o inventor do termo teria sido o baterista da banda inglesa Napalm Death, Mick Harris, para descrever uma música do primeiro disco da banda Swans.

O Napalm é considerado um dos pioneiros do grind, embora tenha começado tocando hardcore/punk. Foi o primeiro grupo a usar o termo para se autodefinir sonoramente, mesmo que não tenha se mantido fiel ao grind e se tornado a primeira banda semicomercial do estilo após se enveredar para o metal.

Seu álbum de estreia foi o *Scum* de 1987, basicamente a fórmula era sons curtos, sem muita técnica, alguns apenas com segundos, batidas ultrarrápidas de baterias, as conhecidas *blast beats* (metranca), vocal gutural, gritos, guitarras extremamente distorcidas (com afinação baixa) e temáticas de cunho social e político.

Figura 54 – Capa do álbum *Scum*, Napalm Death



Fonte: Earache Records (1987).

Existem outras discussões polêmicas com relação ao aparecimento do grindcore, pois algumas bandas, antes mesmo da invenção do termo e da estreia do álbum *Scum* do Napalm Death, já faziam algo bem próximo à sonoridade do grind como Heresy da Inglaterra, Repulsion e Siege dos Estados Unidos e principalmente Asocial da Suécia e a Brigado do Ódio aqui no Brasil; que estavam em plena atividade no início dos anos de 1980 e já fazendo algo muito próximo daquilo que seria nomeado posteriormente como grindcore.

Apesar dos debates, a gênese e o título grindcore acabaram ficando mais associado ao Napalm, que foi o grande difusor e propagador do estilo, influenciando posteriormente várias

bandas do estilo como Rot (Brasil), Agathocles (Bélgica), Skitsystem (Suécia) e muitas outras.

O grindcore surgiu como uma fusão do hardcore com o metal, o punk foi levado ao extremo com o hardcore e posteriormente o hardcore ao extremo do extremo com o grindcore, ele literalmente destruiu o que restava de melódico e harmônico na sonoridade do hardcore.

O cenário surgiu, ou desenvolveu-se, muito particularmente através de uma rede de trocas D.I.Y de fitas cassetes (*tape-traders*), demo-tapes caseiras e zines entre indivíduos e bandas undergrounds que, às vezes, tocavam em guetos e buracos que as abrigassem. Eram pessoas que gostavam de metal (heavy metal, thrash metal, black metal entre outros), porém estavam insatisfeitas com o rumo *mainstream* que ele havia tomado e se interessavam por bandas pequenas e principalmente pela parte política das bandas de punk e hardcore que os mesmos tinham como grandes influências.

Enquanto muitas bandas de metal estavam tratando sobre temas como o satanismo, bruxaria, trevas etc., o grind falava sobre o terror real cotidiano, sobre as guerras, o fascismo, o nazismo, a fome, a pobreza, a desilusão, a exploração e a violação do direito dos animais e das pessoas; isso tudo com uma estética sonora barulhenta, feia, suja e avassaladora.

O grindcore é um dos poucos estilos que vieram da fusão do hardcore que não foi totalmente consumido, de forma geral pelo *mainstream*. Acredito que seja pela sua sonoridade extrema e pela política radical de algumas bandas. Apesar de ter ganhado muita notoriedade nos anos de 1990 com bandas estadunidenses como Terrorizer e Brutal Truth que adicionaram elementos técnicos do death metal ao estilo, proporcionando maior aceitação. Com isso, ele conquistou uma gama de seguidores no underground, tanto do metal quanto do punk, e dele surgiram outros subgêneros como goregrind²¹⁸, porngrind²¹⁹, deathgrind²²⁰ com uma conotação um pouco mais apelativa e semicomercial, destoando das origens políticas do punk/hardcore²²¹.

²¹⁸ A parte lírica apela mais para questões gore (escatologia, cadáveres, zumbis, mutilação, doenças, putrefação, horror). Uma banda que ficou bem conhecida comercialmente nesse gênero foi o Carcass.

²¹⁹ Grind que explora temáticas pornográficas (muito criticado e pouco aceito pelo seu conteúdo, geralmente sexista e homofóbico).

²²⁰ Mistura elementos técnicos do death metal com a velocidade do grind.

²²¹ Cf. Mudrian (2009); Ekeroth (2008); Batista (2018); Fanzine Demência # 5 (2012).

Figura 55 – Napalm Death - *BBC2 documentary and live 1989*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=fNesI5hbBKg>

Figura 56 – Rot - *live in Germany and Czech rep `98*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5xR1xPpGMCw>

H de hoje e nada mais

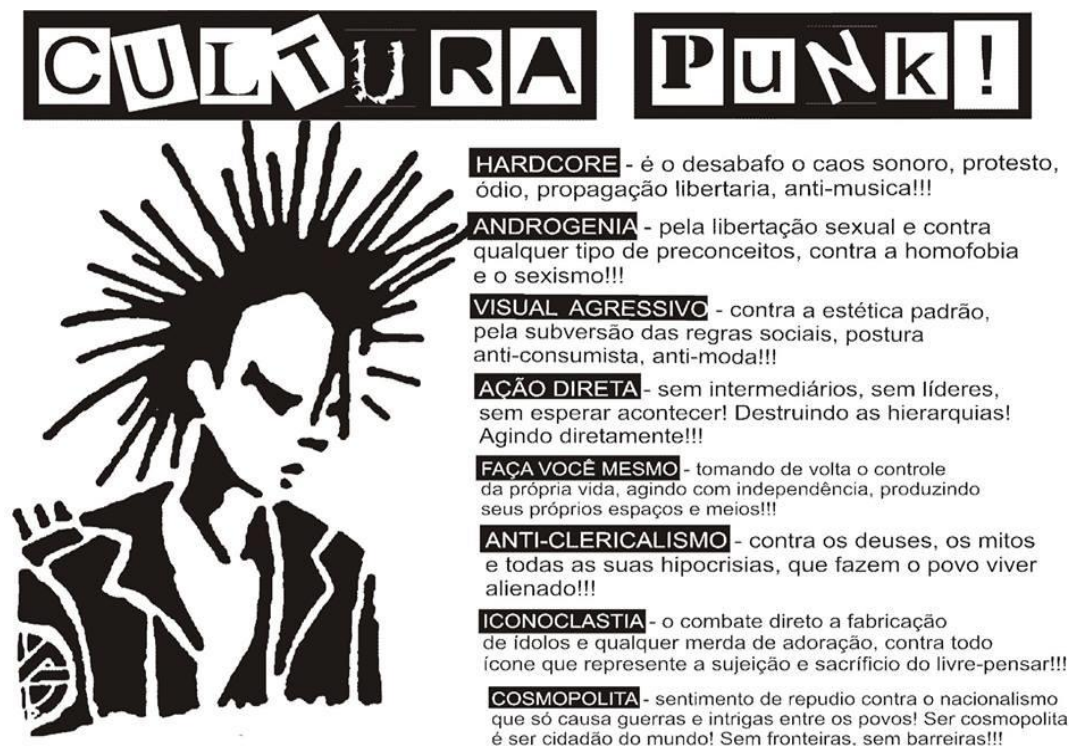
HARDCORE

Depois de suas propostas de rebeldia serem esvaziadas e capturadas pelo sistema de mercadorias capitalistas, e logicamente das ações do coletivo Crass, o punk começa a trilhar por diferentes caminhos. Muitos, descontentes com o rumo que o punk tinha tomado, começaram uma movimentação cada vez mais fora das grandes gravadoras, da imprensa musical e da mídia oficial. O punk, assim, foi tomando um rumo mais politizado, radical, duro, obscuro e D.I.Y. O acesso às informações, no que se refere à produção e movimentação punk, passou a ser cada vez mais rara, underground e de difícil acesso para quem não estava envolvido com o meio.

Com isso, nos anos de 1980, o punk renasce com o subgênero hardcore (caroço-duro, resistência interna) com uma nova forma, com uma roupagem, digamos, mais radical, extrema e, sobretudo, bem mais politizada procurando criar meios de resistência à postura e comercialização que sofreu o movimento anterior. Esse movimento ficou então conhecido como segunda geração ou segundo levante punk. Nota-se aqui, uma intenção de deslocamento da geração anterior, na busca da construção de um debate e uma movimentação mais consciente, política e radical.

Nesse momento, me parece que o punk buscou transgredir a pseudo rebeldia de simples roqueiros que utilizavam a palavra anarquia apenas para chocar a sociedade e conseguir uma visibilidade midiática.

Figura 57 – Panfleto sobre cultura punk



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Dessa forma, os punks passaram a recusar de forma mais direta a mídia oficial e estabeleceram um sistema próprio de produção, comunicação e divulgação de sua contracultura, como a confecção de *flyers* e dos fanzines. Criaram seus próprios esquemas de gravações e espaços para organização de *gigs*, muitas vezes, com equipamentos rudimentares, o que tornava o som mais sujo, mais rápido, veloz e bem mais agressivo se comparado à sonoridade mais calcada no pop como de algumas bandas dos anos de 1970.

Alguns começam também a adotar um visual mais agressivo e carregado, como o corte de cabelo moicano, acessórios como correntes, pulseiras, rebites nas jaquetas ou coletes, coturnos, roupas sujas e imundas, camisas de bandas etc. O visual não representa uma regra para o movimento, longe disso. Porém, ele é muitas vezes adotado e/ou tomado como identidade, como um combate que traduz a miséria da sociedade e os diferencia dos demais na sociedade consumista. Ele pode ser tomado também como um enfrentamento contra padrões de vestimenta e de estilo de vida impostos pela sociedade capitalista. Uma armadura de guerra

que funciona sempre como um confronto direto. Como se os punks quisessem mostrar que estão em constante combate²²².

Figura 58 – Capa do EP *Nukke, Kaaos*



Fonte: Havoc Records (1985).

De fato, esse ressurgimento implicou uma aproximação dos punks cada vez maior com a filosofia e militância anarquista, e muitos começaram a se assumir então como anarco-punks.

É no bojo desse levante e diversificação do cenário punk mais politizado que alguns grupos aderiram às ocupações urbanas, *squats*, ao ativismo político radical, ao vegetarianismo, ao veganismo, à própria contestação de alguns grupos pelo uso do álcool e das drogas com forte presença no movimento, até então. Essas posturas passaram a ser tomadas pelos punks, a partir de então, como um estilo de vida, como uma estética de vida.

Por possuir um caráter militante mais positivo, digamos, fixado na adoção e propostas dos ideais anarquistas, os punks passaram a exercitar, de modo espontâneo e informal, práticas pedagógicas de formação como ação de militância (OLIVEIA, 2008). Seja nas *gigs*, nos encontros, fanzines, nas letras das músicas. Os fanzines, desta forma, foram de suma

²²² Para mais questões cf. Caiafa (1985).

importância para o desenvolvimento de tais práticas, uma vez que eles foram mecanismos fundamentais para a divulgação, discussão e promoção das ideias anarquistas, tanto no interior quanto fora do movimento²²³. Os punks, pode-se dizer, que veem no anarquismo uma forma contemporânea de rebeldia, de combater o autoritarismo, os preconceitos estabelecidos, as imposições e desigualdades sociais promovidas pelo Estado e pelo capitalismo²²⁴.

Não se pode afirmar que todos os punks são anarquistas, grandes conhecedores teóricos e praticantes desta filosofia, dado a diversidade e a complexidade que o movimento atingiu ao longo dos anos. Para tanto, os anarco-punks fizeram do anarquismo uma política de identidade para o movimento. Para além de uma atividade, muitas vezes meramente musical, se afirmaram como um movimento anarquista contemporâneo, fazendo dele uma forma de vivência cotidiana como ética existencial.

Além dos já ressaltados movimentos, pode-se destacar que a partir do hardcore vários outros subgêneros vão se ramificar dele, tais como o queercore, o d-beat, o trashcore, o riot grrrl²²⁵, o straight edge²²⁶ entre muitos outros.

Outros estilos de fusão do punk/hardcore tomaram caminhos alternativos e tiveram, de certa forma, uma visibilidade estrategicamente midiática. Ocorreu, assim, uma proposta mais comercial remetendo a todo um contexto de cunho mais pop do hardcore, e com isso, destoando um pouco do contexto de resistência e rebeldia contra a mídia e a indústria cultural, no geral. Embora ainda em partes prevalecesse uma postura politizada, esse movimento vai se inclinar cada vez mais a expor questões sentimentais e pessoais em suas composições, muitas delas com dilemas de rebeldias adolescentes e com uma estrutura musical mais complexa, melódica, experimental e mais cunhada à pop music. Essas bandas vão, então, aos poucos distanciando-se das origens do hardcore e sendo mais facilmente absorvida pela grande mídia, indústria musical e cultural. Como exemplo, pode-se remeter ao cenário pós-hardcore que se

²²³ Para mais questões sobre a importância do fanzine para o movimento punk cf. Oliveira (2006).

²²⁴ Para discussões com relação ao anarquismo e o movimento punk cf. Oliveira (2008); Oliveira (2007).

²²⁵ O Queercore como os outros é uma ramificação do punk, como disse, porém, com uma especificidade clara que são os elementos de militância LGBT. D-beat, ritmo ou batida rápida na bateria presente em algumas bandas de hardcore dos anos de 1980, o que acabou se tornando um subgênero do punk. O nome é derivado da banda Discharge. Riot grrrl ou Riot girl é um movimento que abrange fanzines, gigs e bandas de hardcore/punk essencialmente feministas, no geral compostas apenas por mulheres. O termo surgiu quando Allison Wolfe, da banda Bratmobile, resolveu produzir um fanzine chamado Riot Grrrl, onde ela se rebelava contra o machismo e sexismo que reinava no rock e no punk. Desde seu início as mulheres sempre estiveram presentes no movimento punk, no entanto, majoritariamente as bandas eram compostas por homens.

²²⁶ Ver straight edge.

desenvolveu na cena de Washington no Estados Unidos²²⁷ com bandas como Rites of Spring, Fugazi etc. Esse cena deu origem, posteriormente ao pop punk, ao hardcore alternativo e cada vez mais melódico e emotivo como a moda emo, que fez um furor nos anos 2000.

Figura 59 – Kaaos - *Live In Turku* 1983



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TFkfCDYHB4s>

HEAVY METAL

Também conhecido simplesmente como metal. Enquanto gênero musical teve sua origem no final da década de 1960 e principalmente no início de 1970, sobretudo, na Inglaterra e nos Estado Unidos. Algumas das primeiras bandas foram Black Sabbath, Led Zeppelin, Deep Purple, Judas Priest. O heavy Metal valoriza uma sonoridade pesada com guitarras altas e distorcidas, som do baixo e da bateria densos e vocais vigorosos, no geral bem agudos²²⁸.

²²⁷ Para mais questões sobre esse cenário que se desenvolveu em Washington cf. Andersen e Jenkins (2015).

²²⁸ Para mais questões sobre o mesmo cf. Neves (2014); Coelho (2014).

I de ilusões multicolores

INDUSTRIAL

Consiste em uma sonoridade experimental e ruidosa, eletrônica ou não, muitas vezes antime-lódica. Busca-se no gênero a utilização de instrumentos musicais não convencionais para produção de sons, como objetos do cotidiano, sucatas, objetos industrializados, sintetizadores ou mesmo colagens de sons. As sonoridades podem tanto ser ambientais, mais delicadas, quanto extremamente agressivas e perturbadoras. Uma banda conhecida no meio é a alemã Einstürzende Neubauten fundada em 1980, embora um dos pioneiros da banda, Blixa Bargeld, negue o rótulo (FANZINE ENTER THE SHADOWS, 1993)²²⁹.

Figura 60 – Einstürzende Neubauten, Halber Mensch



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-ArWEwuZTxY>

²²⁹ Para mais detalhes cf. Biliatto (2012).

INGLATERRA E O PUNK DE 1970

MacLaren era dono de uma loja chamada Sex, que era especializada em roupas de couro e acessórios sadomasoquistas. Alguns dos integrantes, que futuramente formariam a banda Sex Pistols, por volta dos anos de 1975; jovens ditos desempregados e sem perspectivas, frequentavam constantemente a Sex. Justamente o primeiro baixista da banda, Glen Matlock, que seria substituído posteriormente por Cid Vicious, trabalhava como atendente na mesma. Conta-se que com equipamentos e instrumentos “roubados” – inclusive de um show do David Bowie – Esteve Jones, Paul Cook, Glen Matlock e, posteriormente, Jhon Lyndon (Jhonny Rotten, apelido recebido por ter os dentes estragados) concretizaram a banda e de início começaram a ensaiar covers de suas músicas favoritas de rock da década de 1960 como The Who. De cara convidaram o MacLaren que já vinha de uma experiência administrativa com bandas de rock, como a New York Dolls (também foi figurinista da banda), para empresariá-los. Como empresário da banda, MacLaren começa então a acenar a postura da mesma – “a atitude é mais importante que a música”.

Os Pistols logo ficariam conhecidos e fariam fama em meados da década de 1970 pelo mundo inteiro por sua postura reconhecidamente exagerada, por suas apresentações viscerais, por sua música, digamos, barulhenta, crua e mal tocada. Também pelo seu estilo de se vestir esdrúxulo; pelo uso abusivo de álcool e de drogas de alguns de seus integrantes, pela violência dos seus shows e de seu público sempre se metendo em diversas brigas e confusões.

Outra que ajudou muito na popularização e comercialização do punk inglês, principalmente com um direcionamento mais ligado à moda, foi a estilista Vivienne Westwood. Ela era casada na época com MacLaren e também era proprietária da loja Sex, era ela que vestia os Pistols. Suas peças ficaram muito famosas e viraram ícones da moda nos anos de 1970.

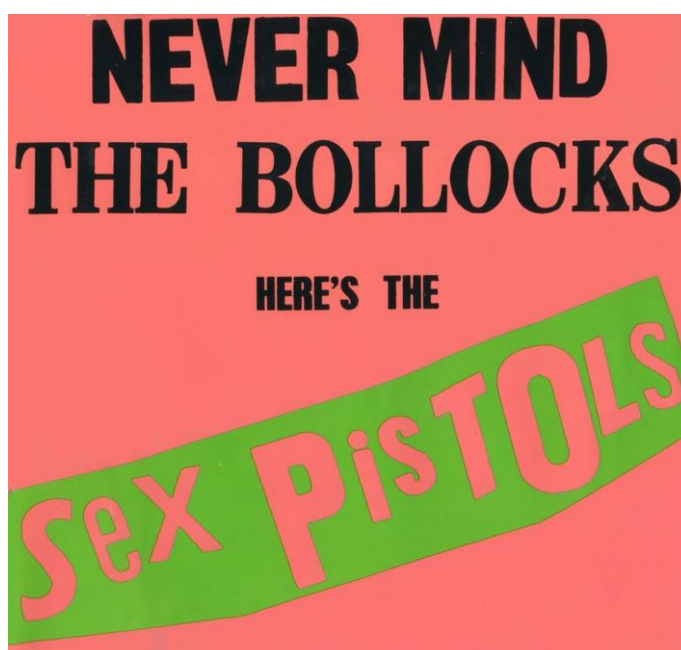
A mídia também foi fundamental para a promoção da banda e do punk em geral, pois eles apareciam constantemente em programas de televisão falando palavrões e também eram capa de notícias estampadas nos jornais ingleses.

Outro fator de grande importância para promoção da banda mundialmente, na época de sua explosão, era a figura autodestrutiva do seu segundo baixista Sid Vicious, que virou um símbolo do punk, principalmente nos anos de 1970. Ele era considerado um péssimo músico, mal conseguia tocar seu baixo, abusava do uso de álcool e drogas. Constantemente vivia se metendo em brigas durante os shows e fora deles.

Sid morreu prematuramente de overdose de heroína aos 21 anos, 24hs depois de sair da cadeia após ser acusado de assassinar a facadas sua namorada Nancy Spungen no *Chelsea Hotel*, em Nova York²³⁰. Após sua morte, sua mãe encontrou em sua jaqueta uma carta com o seguinte dizer: “*we had a death pact, and I have to keep my half of the bargain. Please bury me next to my baby in my leather jacket, jeans and motorcycle boots. Goodbye*” (Nós tínhamos um pacto de morte e eu tenho que manter minha parte no trato. Por favor, me enterre próximo a minha querida com minha jaqueta de couro, jeans e botas de motoqueiro. Adeus)²³¹.

Toda essa jogada, toda essa visibilidade midiática e promocional ajudou, e muito, a dar notoriedade a banda Sex Pistols e a sinalizá-la até hoje como precursora do punk inglês. Os Pistols ganharam fama mundial ao fazer sucesso com apenas um álbum de estúdio gravado.

Figura 61 – Capa do álbum *Never mind the bollocks*, Sex Pistols



Fonte: Warner Bros Records (1977).

²³⁰ Acredita-se que não tenha sido Sid Vicious que tenha matado Nancy e sim um traficante de drogas que havia entrado no quarto do hotel onde os dois estavam. Para mais detalhes cf. McNeil e McCain (2004a, 2004b); Ramone (2004).

²³¹ Tradução livre. Disponível em: < <https://www.ajournalofmusicalthings.com/40-years-ago-this-weekend-sid-vicious-of-the-sex-pistols-died/>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

Em torno de todo esse marketing, o então explorado movimento punk inglês foi se alastrando com uma velocidade inacreditável. Jovens foram aderindo a essa onda por toda Inglaterra, gangues punks foram aparecendo pelos subúrbios ingleses. Outras bandas apareceram e tomaram notoriedade como o The Clash, The Damned, Adverts, Siouxsie & The Banshess, Generation X entre muitas outras.

Figura 62 – The Sex Pistols - *Full Concert* (01/14/78)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QBVDSz5Qd6g>

M de manifestações incoerentes diversas

MÍDIA E O PUNK

Não se pode negar que foi só a partir da década de 1970 que a palavra punk seria usada como denominação para um determinado grupo que produzia uma certa música, uma forma de se vestir e uma rebeldia contra o sistema²³².

A conjuntura política e econômica da época, ascensão dos conservadores ao poder e a recessão econômica permitiu a explosão do punk e obviamente o delineamento de estratégias

²³² “O modelo econômico, a estrutura social, o regime político, o governo, a condição urbana, tudo isso aparece misturado e condensado no termo *sistema*” (ABRAMO, 1994, p.102).

de marketing e comercialização por parte de empresários e da mídia em geral (ABRAMO, 1999; Bivar, 2007). No entanto, foi isso também que ajudou o punk, de alguma forma, a penetrar no bloqueio manipulador promovido pelos meios de comunicação e das grandes gravadoras da época (BRANDÃO; DUARTE, 2004)²³³.

É importante dizer que, de certa forma, o punk da década de 1970, mesmo sendo alvo de toda essa jogada de comercialização exploratória no decorrer de sua existência, foi um movimento que se revoltou contra a mesmice da sociedade e contra a moral política conservadora. Denunciou o desemprego que afetava a juventude da época, a marginalização e o crescimento da desigualdade social, a crise econômica, as políticas conservadoras e, logicamente, a “fúria” das ruas que imperava nos grandes centros urbanos.

Todavia, essa mesma mídia que o promoveu na época de sua explosão, foi a mesma força que o derrubou, que o massacrou, tratando-o como um movimento violento, drogado e de péssima reputação. Foi ela mesma que decretou a morte do punk prematuramente.

N de nada é tudo

NOISECORE

Pode-se dizer que a destruição musical, absolutamente não foi deflagrada somente pelo grindcore e muito menos estagnada nele, de forma alguma. O movimento segue. A rigidez do punk/hardcore, de como fazer música simples, crua, seca, rápida, direta, anárquica sem dúvida influenciou uma diversidade de subgêneros, e, foi ele também que inspirou os *noisers*, em termos, os barulhentos do underground ligados ao ruído extremo com uma postura e uma movimentação política bem mais radical, D.I.Y e *no Profit*. Na sua maioria, sem se importar com a qualidade dos trabalhos ou com pretensões de fama ou aceitação. Quanto a isso, estou me referindo ao interior do underground ligado ao *noise*.

Nesse sentido, penso que uma outra extensão do punk/hardcore, que a meu ver é mais imunda, feroz, extrema e anticomercial, anticonvencional e antimodismo é o noisecore. Um assassino frio e cruel de todas as gerações do punk que se tenha notícia. Adorado por poucos e

²³³ Para mais detalhes cf. pós-punk.

odiado por muitos no underground, pois é de difícil compreensão e assimilação, mesmo por muitos amantes de sons extremos no interior do movimento.

Caracteriza-se pela crueza, pelo amadorismo, pela violência, pela brutalidade de seu instrumental e pela curta, às vezes mínima, duração de suas faixas barulhentas. Música? Não! É antimúsica, barulho, caos, ruído, em suma, *noise* levado aos limites.

No noisecore, pode-se utilizar, valendo-se da “liberdade” para se expressar; de instrumentos convencionais como bateria, guitarra, baixo a pedaços de sucatas, ferramentas, eletrodomésticos, latas velhas, instrumentos improvisados entre diferentes recursos. O noisecore pode ir do mais caótico e ruidoso industrial noise ao mais turbulento e infame harsh noise²³⁴. Sua potência está no seu teor minimalista, espontâneo, catatônico e experimental de fazer ruído, de fazer barulho.

Não se pode afirmar, melhor, dizer, que o noisecore seja um movimento intencionalmente ligado apenas a barulhos com o único intuito de destruir a música e chocar os ouvintes e não ouvintes do *noise*. Antes disso, penso que ele é um grito anárquico contra as disparidades sociais, contra a ganância, contra a miséria, contra o controle do estado, contra os exageros do poder, contra a LGBTfobia, contra o machismo, contra o racismo, contra a xenofobia, contra a exploração dos animais, contra a moral cristã, contra a violência policial, contra o fascismo cotidiano. Denuncia as peripécias absurdas do capitalismo e suas subjetividades normatizadoras de vida: trabalho alienante, consumismo exacerbado, controle midiático, imposição de uma cultura de massa etc.

É difícil afirmar quais as primeiras bandas que deram início ao movimento por se tratar de uma cena bastante underground, obscura, e por que não dizer, intencionalmente fechada em suas propostas radicais de anticomercialização, antilucro, antimodismo.

Essa atitude chamada de radicalismo no interior do noisecore serviu, e/ou serve, para alguns como arcabouço de sustentação para uma cena que queria, ou ainda quer, permanecer emergida em um underground obscurecido. Acessível somente para as pessoas que realmente gostam da sonoridade independente, barulhenta e da proposta política faça-você-mesmo anárquica das bandas de noisecore. Denota-se assim, uma intenção de fuga de uma possível visibilidade e exposição comercial das bandas e das ações dos indivíduos envolvidos nesse movimento.

²³⁴ É considerado um dos gêneros mais extremos do *noise*. Sua sonoridade resulta em performances de paredes de ruído extremamente brutais e agressivas para muitos ouvintes.

Nos anos de 1990 houve um notável crescimento de bandas e de público voltado para o punk/hardcore com propostas comerciais. Da mesma forma aconteceu também com algumas bandas e público de sons extremos com aspectos e seguimentos cada vez mais mercadológicos, conhecidos como “*poser*”²³⁵, *mainstream*, como alguns dos gênero do thrash metal, death metal, black metal, por exemplo.

O radicalismo, assim, de certa forma, funcionou como uma maneira de combater possíveis capturas por parte da indústria fonográfica e cultural da cena noisecore, e da mesma forma ajudou a fortalecer o cenário underground independente das bandas, mantendo-as fora e/ou paralela ao mercado da cultura e da música de massa.

Por outro lado, foi ele que também colaborou para o desenvolvimento de uma certa “polícia” no meio, já que alguns indivíduos começaram a criticar quem não usasse determinado visual ou escutassem determinadas bandas que não estivessem inseridas nessa determinada cena noisecore. Desta forma, o círculo acabou se fechando bastante entre poucas pessoas com acesso às produções. Assim, essa postura foi sendo repensada, revista ao longo do tempo por muitas pessoas do underground.

Não muito diferente da gênese do grindcore, muitas bandas e projetos de noisecore lançavam seus materiais em fitas cassetes (demo-tape) com tiragens limitadíssimas. No geral, com colagens e arte fotocopiada que eram, geralmente, gravadas de forma caseira, amadora e posteriormente trocadas entre amigos, seja através dos correios, seja nas *gigs* ou encontros entre as pessoas que gostavam de barulho. A qualidade das gravações, na sua grande maioria precária, sofrida e desgastada pelo aparente número de cópias, conferia a esses materiais mais crueza, amadorismo e extremismo, o que era, e é, cultuado pela maioria dos *noisers*.

²³⁵ É um termo bastante pejorativo. Ele é frequentemente usado para designar pessoas consideradas como falsas, mentirosas ou modistas. De forma sumária, seriam pessoas que usam vestimentas (visual), curtem um determinado som da moda, compartilham das ideias de um delimitado grupo, apenas para conseguir aceitação ou popularidade.

Figura 63 – Split tape, Anti-Humanos e Cranial Crusher, *d.i.y.*



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O intercâmbio entre as bandas era feito basicamente por cartas. Obviamente que a publicação e divulgação nos zines, *flyers*, os correios²³⁶ das gravadoras e distribuidoras undergrounds (geralmente dos próprios membros das bandas) ajudou e apoiou bastante a cena independente do noisecore.

Existem uma gama de bandas da década de 1980 que vão além do punk, do hardcore, do crust, claro, com propostas bem barulhentas e *D.I.Y.* Indo do mais brutal hardcorenoise ao grindnoise cujas influências são inegáveis para o movimento como Napalm Death (início), Sore Throat (hardcore/noisecore), Fear of God, Lärm, Agathocles, Confuse, Sound Pollution, Electro Hippies, Brigado do Ódio entre dezenas de outras.

Cada uma dessas bandas tinha suas particularidades com diferentes influências em seu som. Porém, mesmo que seja de difícil anúncio, talvez uma das mais significativas, se não a pioneira, com uma proposta totalmente centrada na sonoridade noisecore tenha sido realmente a banda 7MON (*Seven Minutes of Nausea*)²³⁷.

A banda, foi formada inicialmente na cidade de Melbourne na Austrália, por volta de 1985, pelos irmãos Mick e Scut com a intenção de levar o punk à sua forma mais extrema e ruidosa possível. Suas influências eram as bandas de hardcore da Suécia e da Finlândia de 1980 como Mob 47, Anti-Cimex, Riistetyt, Kaaos, Rattus, Terveet Käder entre muitas outras.

²³⁶ Seriam as movimentações dos envolvidos para organizar as *gigs*, publicar zines, divulgar as bandas, promover encontros, coletivos etc.

²³⁷ Cf. Fanzine Náusea # 1 (2010).

O nome surgiu após a experiência de um dos membros da banda tentar ler “A náusea” de Sartre no escuro. Curiosamente algumas de suas apresentações levam em torno de 7 minutos, portanto, 7MON também significa que 7 minutos são suficientes para...

O Som do 7MON é caracterizado pelo seu instrumental pesado, rápido, com explosões de ruídos violentíssimas e faixas de curtíssima duração, na sua grande maioria com letras e/ou temas gritados de forma veloz.

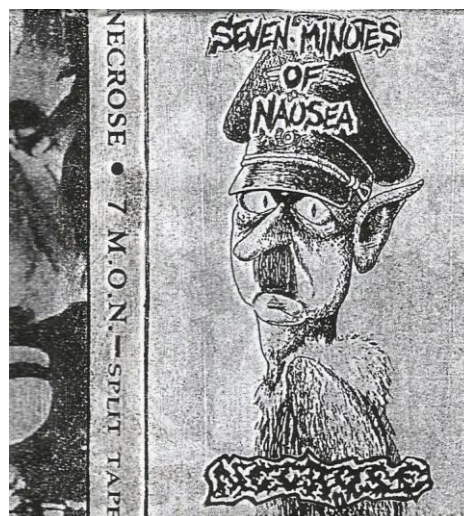
Figura 64 – Encarte da *split* tape, Necrose e 7MON, Sem Nome Tapes



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Talvez, o 7MON foi, e continue sendo, uma das maiores influências para o movimento noisecore e também para o próprio grindcore. A banda continua em plena atividade lançando materiais, tocando em *gigs* com uma sonoridade cada vez mais barulhenta e fiel às suas origens D.I.Y punk noisecore.

Figura 65 – *Split* tape, Necrose e 7MON, Sem Nome Tapes



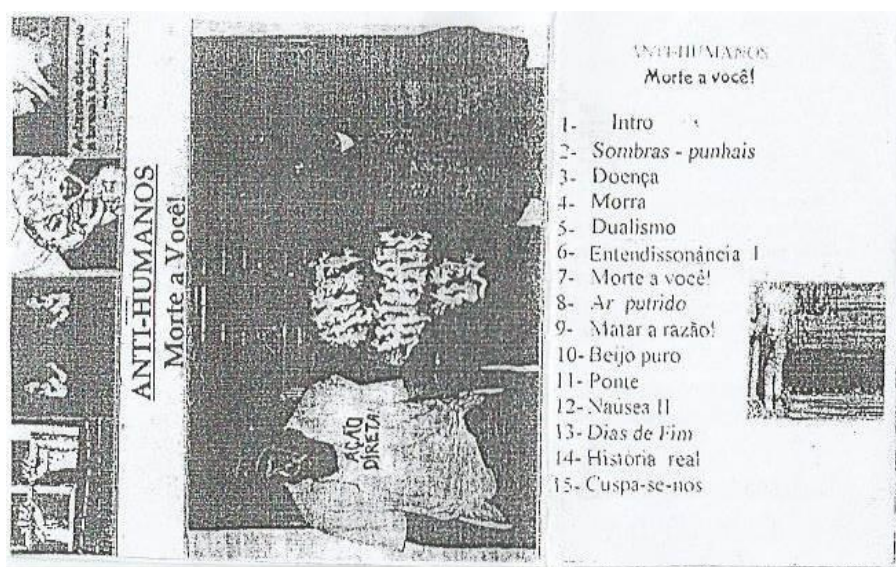
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O movimento ganhou muita força no final da década de 1980 e principalmente nos idos dos anos de 1990 quando o mesmo se tornou mais ativo com um turbilhão de bandas lançando materiais, na sua grande maioria, no formato demo-tape ou *split* tape, “divulgando” sua atitude raivosa, barulhenta, anárquica e cada vez mais obscura no underground mundial. Só para situar algumas bandas que fizeram parte desse cenário pelo mundo afora: Atrofia Cerebral (Peru) Violence Noise Attack (França), Deche-Charge (Canadá), Final Exit (Japão), Audición Irritable (Peru) Cornucopia (Bélgica), Bizarre X (Alemanha), TRBUH (Croácia), Mundo de Mierda (Equador), Tumor (Alemanha) W.B.I (Alemanha), Industrial Resistance (Grécia), Stigmatizer (Polônia), Merciless Noise (Holanda), T.E.K (Bulgária), Schpoostik Hospital (Alemanha), Yogsothoth (Peru), Obstruccion Intestinal (Peru), Ruído de Ódio (Equador), Excreted Alive (Espanha), Oral Climax (Lituânia), Nikudorei (Japão) Pestufator (Espanha), Paztorozott (Alemanha), Arse (Finlândia), Crawl Noise (Suíça), Death Noise (França), Noise Aste (Finlândia), Sociedade de Rechazo (Equador), Genital Deformities (Alemanha) entre diversas outras.

O Brasil teve uma cena bastante atuante nos anos de 1990, possivelmente uma das mais férteis e brutais do noisecore mundial, com várias movimentações políticas e bandas surgindo e desaparecendo com a mesma intensidade em diferentes cidades brasileiras como: Anti-Tímpanos, Extermínio Brutal, Sonic Radioactive, Ex-threma Aflição Cruel, S.R.M.P (Subversive Reek Mute Perturbation), Phonophobic Degeneration, Paresthesic Neurodeformities, Britadeira, SCARRHOUS, Sonic Torment, Vaginal Herpes, Desordem E Regresso, Poluição Sonora, Descarga Suburbana, Anti-humanos, G.O.P (Genital Otorrhoea Phonophobic), Beware of Noise, Massacre Cacofônico Auditivo, Defeito Caótico, Barulho Ensurdecedor, Rompimento auditivo, Olho por Olho, Sífilis, Pedigree Butchery, A.S.D.O. (Ataque Sônico de Ódio), Conflito Final, Desastre Musical, Defecal Geseofobia, Ruptura Noise, Escatofilo, E.O.A.S.N, Musical Shits, C.N.P (Conscience Noise Protest), Necrose, Violenta Perturbação Mental, Noise Against the System, Menstruation, Pure Noise, Noise, Confusion, Morte Lenta, Síndrome do Ódio, Industrial Holocaust, Heterofobia, Doença, Putrefação Humana, New York Against the Belzebu entre muitas outras.

Muitas dessas bandas continuam em plena ação nos dias atuais como Menstruation, Sífilis, Pure Noise, Noise, Confusion, Síndrome do Ódio, Industrial Holocaust, Putrefação Humana, New York Against the Belzebu, Atrofia Cerebral, Deche-Charge, Audición Irritable etc. Uma infinidade de bandas e projetos sempre estão surgindo com alguma novidade no meio e espalhando seu anárquico caos barulhento pelo underground mundial.

Figura 66 – Demo tape Morte a você, Anti-Humanos, *d.i.y*



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Com a popularização da internet um novo cenário se configurou e muitas bandas vêm aderindo às plataformas digitais como o bandcamp, youtube; disponibilizando materiais para download e também utilizando as redes sociais para divulgação de seus trabalhos e suas ideias. Em contrapartida, algumas mais radicais, tanto novas como antigas, resistem a esse novo meio e continuam lançando seus materiais e suas ideias em zines de papel e gravando seus sons apenas em mídias físicas como cd, vinil, tape; e distribuindo ou fazendo trocas entre amigos pelos correios, encontros ou nas *gigs*.

Além de várias *gigs* que acontecem frequentemente em bares, casas de amigos, sítios, centros sociais, casas de shows que abrem espaço para o estilo, vale destacar que no Brasil acontece anualmente o festival São Caos em São Carlos/SP. Um importante evento totalmente *D.I.Y.*, promovido pelo Coletivo Libertário com forte presença de diversas bandas do cenário noisecore brasileiro e mundial, tanto bandas do cenário antigo quanto novo²³⁸.

²³⁸ Serviram de referências o site <https://ocupanoiseguerrilha.blogspot.com/>; Fanzine *Stupid Patriotism* #9; Fanzine *Visual Agression* (# 6, #7, # 8, # 9, #10); Batista (2018); Fanzine *Voice's of the Pest* # 1; Fanzine *Pure Noise* (#1,#2); Fanzine *Uncut Reality* # 1, Fanzine *Alucinoise* (#1, #2).

Figura 67 – 7 Minutes Of Nausea - *LIVE*

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=paPwcrykMGc>

Figura 68 – Noise - Ao vivo na Pé de Macaco S/A



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OnQBktUmtXE>

P de parábolas modificadas pelo medo

PÓS-PUNK

Ironicamente a indústria cultural absorveu toda a extravagância estética do punk promovendo-o como uma moda musical posteriormente nos anos de 1980. O punk, nessa conjuntura tornou-se apenas mais um produto disponível ao consumo, ou seja, sua forma de vestir sendo copiada e principalmente sua música entrando no mercado de grandes gravadoras musicais da época, principalmente através do pós-punk e da *new wave* no geral.

O pós-punk está muito associado à sonoridade que surgiu após o auge do punk nos anos de 1970, principalmente nos anos de 1980. É um movimento com um caldeirão de estilos diferenciados, diversificados. “As diversas correntes musicais do pós-punk ainda apresentam influências do punk, além de conter propostas experimentais diversificadas nas suas composições mais elaboradas” (UEHARA, 2006, p. 79). Ele foi tomado como uma “evolução” do punk, quando as bandas passaram a ter uma estratégia de comercialização para melhor aceitação da mídia e da indústria cultural após a decadência do punk da década de 1970. “Com o passar do tempo, algumas vertentes do pós-punk são cooptadas e moldadas por grandes gravadoras, muitas bandas são ‘fabricadas’ para o sucesso” (UEHARA, 2006, p. 79).

New Wave era usado para denominar, ou melhor, enquadrar bandas ou artistas que começaram no punk e posteriormente trilharam para um caminho mais diversificado, em suma, liricamente “diferenciado”, mais experimental e com elementos pop que eram mais “facilmente” consumíveis pela indústria cultural²³⁹.

²³⁹ Para mais questões cf. Peluso (2011); Biliatto (2012).

R de rajadas de sangue amarelo

REVISTA PUNK

Legs McNeil um dos autores do livro “*Please Kill Me*”²⁴⁰ antes mesmo da existência do Sex Pistols e da explosão do punk inglês, já editava uma revista chamada “*Punk*” sobre o movimento underground nova-iorquino.

S de sentir sabores diversos aguçados

STRAIGHT EDGE (SXE OU SXE)

Straight edge que em uma tradução livre seria caminho reto, ganhou bastante notoriedade e muitos seguidores até um certo ponto. É considerada a vertente mais “politicamente correta” que veio do punk. O precursor do movimento foi a banda de hardcore Minor Threat dos Estados Unidos, cujo líder foi MacKaye da cena underground de Washington. Grosso modo, seria um estilo de vida cujo os adeptos se abstêm do uso de substâncias psicoativas, sejam elas lícitas ou ilícitas. Boa parte são seguidores do vegetarianismo ou veganismo. A ideia surgiu entre adolescentes que cresceram ouvindo punk e começaram a criticar o uso de cigarros, drogas ou bebidas alcoólicas presentes em algumas *gigs* punks. Isso os impediam de entrarem nos eventos por serem menores de idade. Também passaram a criticar moralmente uma dita “promiscuidade” que existia e geralmente era, e/ou foi associada ao movimento punk como sexo, drogas, violência.

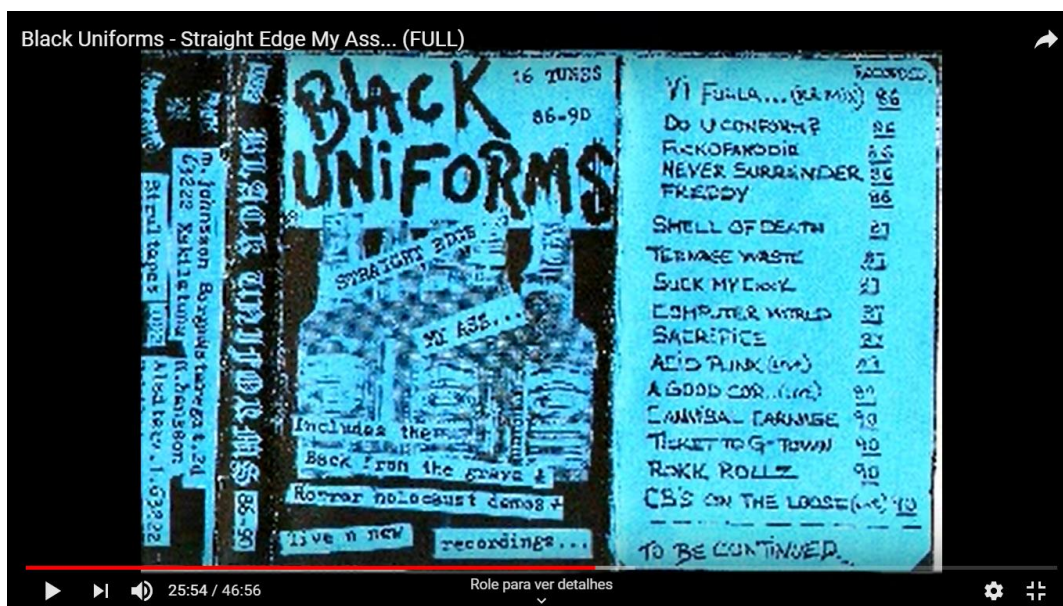
De certa forma os *Straight edges* estavam contestando o estigma autodestrutivo e a violência no interior do movimento construído e herdado da primeira geração do movimento. Aqui, o “faça você mesmo” tomou uma dimensão de estilo de vida que busca um autocontrole do próprio corpo e da mente como um protesto limpo, como uma disciplina que os mantém longe de drogas, do álcool etc.

O movimento acabou sendo alvo de muitas críticas, posteriormente, por acabar gerando sectarismos dentro do hardcore, pois o estilo “*drug free*” acabou criando um certo

²⁴⁰ Cf. McNeil; McCain (2004a; 2004b).

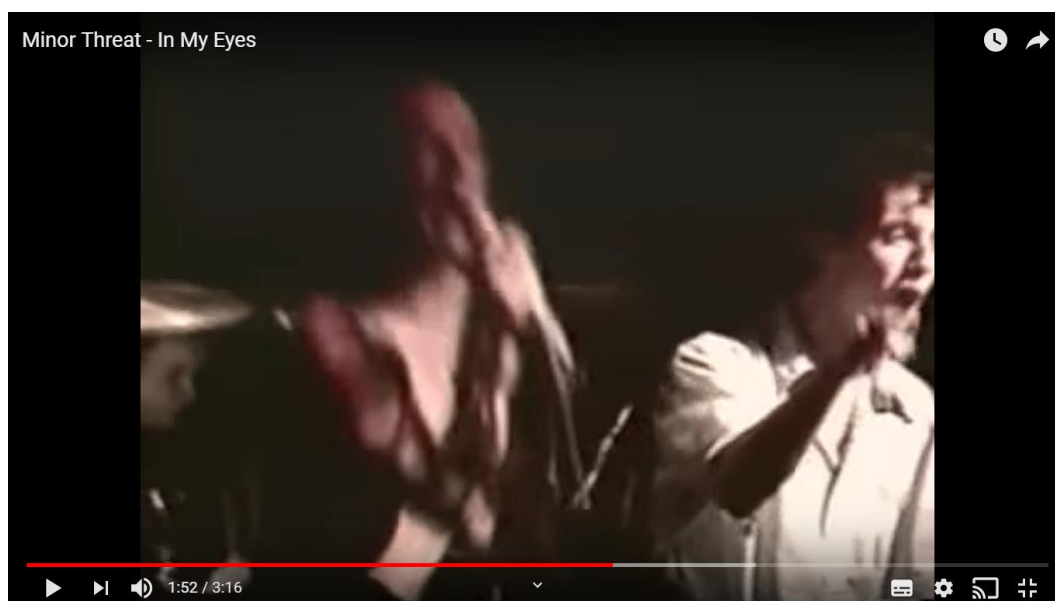
ideal de pureza para alguns. Nos próprios anos de 1980 surgiram diferentes gangues radicais nos EUA, Canadá, Inglaterra, Suécia, os chamados “*hate edgers*” que passaram a perseguir e muitas vezes violentar pessoas (punks) que usavam álcool ou drogas ou que eram contrários à ideologia do grupo²⁴¹.

Figura 69 – Black Uniforms - *Straight edge my ass*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hBgyUuRgR-I>

Figura 70 – Minor Threat - *In my eyes*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=mOf6w59jz_g

²⁴¹ Para mais discussões sobre o movimento *straight edge* cf. Bittencourt (2011).

STREET PUNK/OI

Muitos serão os sentidos, significados, visões, enfim, percepções dadas ao movimento, tanto exteriormente quanto pelos próprios indivíduos envolvidos com ele. Esse movimento inicial do punk, que foi declarado como uma geração mergulhada no pessimismo, na violência, no ganguismo, na autodestruição, no uso abusivo de drogas e de álcool, ficou conhecida como primeira geração punk. Contudo, ela está longe de determinar e representar a diversidade e a reverberação que o punk se fez para além desse movimento; que foi aceito e absorvido na década seguinte por outros grupos a exemplo do *Street Punk/Oi*, que se aproveitou erroneamente dessa queda do movimento para se manifestar de forma bastante, digamos, paradoxal.

O *Street Punk/Oi* fazendo críticas a então comercialização do punk, passou a reivindicar que a realidade primeira do mesmo surgiu das ruas e subúrbios, do proletário suburbano e com isso buscaram reaver uma atitude mais crua, agressiva, ganguista e rueira do punk. Revisando tais características da primeira geração eles promoveram um rompimento com a influência da suavidade do pop e das posições políticas pacifistas dos anarco-punks, que já existiam nos idos de 1970. Isso culminou na adesão, apreciação e presença cada vez mais forte e marcante de skinheads no interior desse movimento, o que logicamente provocou o afastamento e rompimento com os punks anarquistas e sua perseguição cada vez mais frequente por parte desses grupos, ou seja, *Street Punk/Oi* e skinheads²⁴².

Incoerentemente os skinheads assumiram, inicialmente, alguns dos valores culturais dos negros, como por exemplo o reggae jamaicano como referência musical. Posteriormente, com as mudanças ideológicas no reggae, cada vez mais focado nos problemas sociais e políticos específicos dos negros, aconteceu um rompimento, um afastamento por parte dos skinheads. Nessa conjuntura, eles perderam sua identidade musical (FRANÇA, 2013). Por incrível que pareça o *Street Punk/Oi* surge assim como uma tentativa e/ou alternativa musical para esse grupo, promovendo a união entre punks e skinheads, os chamados *Skunks* (mistura de punks com *skins*).

²⁴² Para mais detalhes Cf. *Skinheads*.

SHAKESPEARE

Antes mesmo de todos esses acontecimentos na Inglaterra e nos EUA, ou seja, do punk ser atribuído a um movimento musical, estético, político; no sec. XVII o punk já existia em *Medida por Medida* de Shakespeare. Era empregado por ele como substantivo para designar indivíduos vagabundos, marginalizados, que não “prestavam” e principalmente para designar prostitutas. Séculos depois o punk também teria sido usado para nomear pessoas sadomasoquistas.

SQUATS

Squats são casas ou prédios abandonados, deteriorados, de propriedade pública ou mesmo privada onde pessoas, os chamados ocupas, buscam reabilitar esses imóveis para (re)construção de um novo espaço dedicado tanto a área de moradia quanto a construção de um local alternativo para educação, cultura e lazer (GALLO, 2008; LIMA, 2009)²⁴³.

De caráter quase exclusivamente urbano, “apresentam-se como formas de ressocialização possível em substituição às formas de convivência impostas pelo capitalismo” (GALLO, 2008, p. 757). É um tipo de habitação que não está centrada na família burguesa segundo a autora. As relações afetivas podem não ser monogâmicas ou exclusivamente heterossexuais, bem como as divisões das tarefas domésticas e outras necessárias à comunidade não obedecem ao padrão sexual (*idem*).

O *squat* é um local de possibilidade de vivenciar práticas de resistências a que esses grupos aderem, sejam elas éticas, estéticas e existenciais de autogestão, de solidariedade e de recusa aos valores do mundo capitalista normalizadores, como os da propriedade privada, da massificação da cultura, da indústria alimentícia e da moda. Ao reabilitar casas ou prédios

²⁴³ O movimento *squat* ou *squatter* nasceu na Europa durante a década de 1960 dentro do contexto contracultural. Propunha uma alternativa quanto à falta de moradia: a invasão de casas ou apartamentos fechados, abandonados, deteriorados. O abandono desses imóveis estava ligado à especulação imobiliária, que tinha como estratégia manter tais imóveis para que eles valorizassem e pudessem ser vendidos num determinado momento por um bom preço, ou seja, por preços abusivamente mais altos (RUDY, 2010; LIMA, 2009). Brandão (1986) em suas andanças por Berlim, na década de 1980, destaca que a estratégia dos proprietários dos imóveis era deixá-los vazios provocando o desgaste, a deterioração, e, quando ameaçavam ruir, derrubavam e construíam um imóvel mais moderno e rentável. O autor ressalta ainda que o *squatter* era um movimento que nasceu da necessidade e do protesto contra essa especulação capitalista que não hesitava em deixar gente nas ruas para conseguir lucros. Defendem Feixa e Porzio (2004) que o *squatter* é um tipo de movimento que surgiu vinculado à ocupação de casas desocupadas com o intuito de experimentar novas formas de convivência juvenil e experimentação contracultural.

velhos, antes abandonados e deteriorados, os ocupas propõem uma alternativa criativa e experimental ao problema habitacional e a excludente política cultural, geridos nas cidades (RUDY, 2010)²⁴⁴.

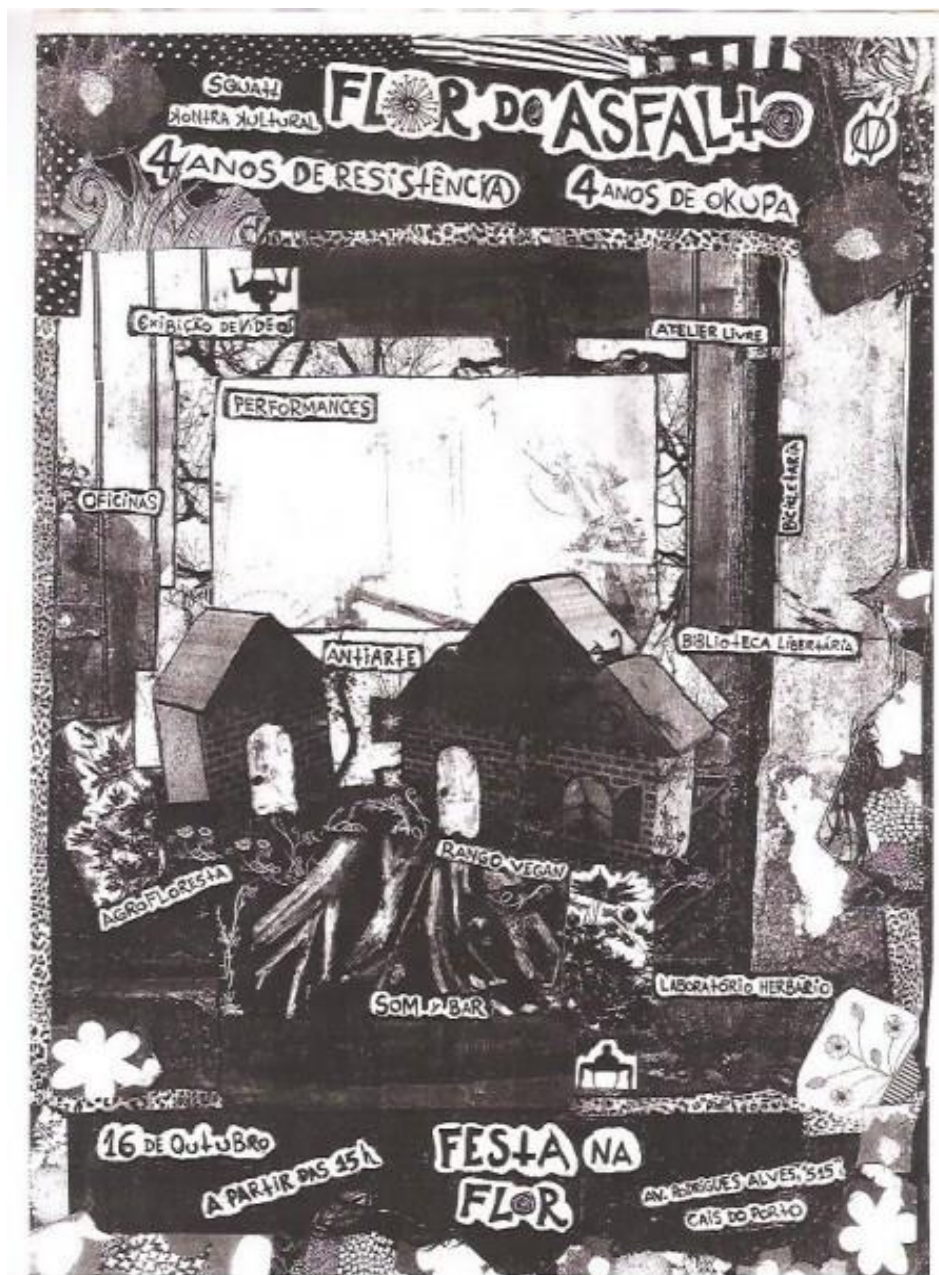
Pode-se dizer que o *squat* é um movimento que ocupa espaços então ociosos para neles construir centros de resistência cultural, de construção e experimentação de distintos modos vidas. Espaço de resistência e reinvenção de cultura, seus fundamentos se encontram em práticas alternativas de produção de subsistência de vida, de cultura e de vivência de formas plurais de relacionamento humano. Em um *squat*, reúnem-se pessoas que têm o intuito de comungar certa filosofia de vida, procurando transgredir certos padrões impostos pela sociedade (GALLO, 2008).

Vale ressaltar que, para os punks, a formação de um *squat* está ligada à necessidade desses indivíduos estabelecerem um local de moradia e, principalmente, desenvolverem e divulgarem a cultura e o estilo de vida anarco-punk. Há uma ligação, uma simbiose muito forte entre punks e os squats, pois, na década de 1980, na sua grande maioria, os squats eram ocupados em enorme escala por punks (OLIVEIRA 2006)²⁴⁵.

²⁴⁴ É importante destacar que as ações desses indivíduos não se limitam apenas àquele espaço específico. Segundo (Gallo, 2008) podemos caracterizar os ocupas como grupos nômades por razões ideológicas e estratégicas, pela oposição ao conceito imposto de família, moradia e também como forma de invisibilidade perante a repressão organizada, o que garante a incessante mobilidade dos grupos. A existência ou permanência de uma *squat* é de fato incerta. Vale frisar que os ocupas geralmente sofrem repressão da polícia, de proprietários, de grupos contrários ao movimento. Em um vídeo beneficente ao *squat* Korr-Cell (2010), produzido por dois ocupas anarco-punks, uma das questões debatidas é justamente a resistência à repressão policial e aos constantes ataques de grupos nazifascistas à ocupação.

²⁴⁵ Para mais questões cf. Fanzine espiral punk #2 (2017); La ocupación como herramienta subversiva [2005?], Fanzine Okupa [2001 ou 2002].

Figura 71 – Flyer de divulgação, gig *Squat Flor do Asfalto/RJ*



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 72 – Flyer de divulgação, *squat* Flor do Asfalto/RJ



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

SKINHEADS

Movimento inicialmente contracultural que surgiu na Inglaterra por volta de 1960 e teve seu auge na década de 1970. Foi e é comumente associado ao nacionalismo, ao nazismo e a extrema direita. Apesar de sua dita diversidade política e ideológica, contraditoriamente, indo de tendências ultranacionalistas, neonazistas até o socialismo e o anarquismo, o mesmo sempre preservou a violência como uma característica de afirmação e reconhecimento social (culto a virilidade, machismo, ganguismo, segregação, sexismo etc.). O termo “skinhead significa ‘cabeça raspada’, criado pelos Skinheads ingleses para demonstrar, inicialmente, os critérios de higiene adotados pelos integrantes do grupo, que, depois, virou um traço marcante de sua identidade” (FRANÇA, 2013, p. 17)²⁴⁶.

T de tarde de cores

THRASH METAL

Outro subgênero do heavy metal. Geralmente caracterizado por seu ritmo rápido e agressivo. A parte lírica geralmente é marcada por temáticas de cunho social²⁴⁷.

²⁴⁶ Para mais questões sobre os diferentes contrassensos no interior desse movimento confira os zines: Por que somos contra a união de punks com skinheads (2010) e Existência Frustrada # 07 (2014).

²⁴⁷ Para mais detalhes cf. Neves (2014).

Desarmonizar: conversar, bakunizar, malatestar, andar e e e...

- Após suas constantes fugas de São João del-Rei/MG elx chegou, enfim, à Sibéria.
- Claro, ele jamais fixou ou fixará residência, todos dizem que ele é um rebelde da vida, ou para a vida...
- Da Sibéria foi parar no sul da Itália.
- Sem partidos, sem pátria, sem lugares, sem família... governos?
- Sem memória?
- História?
- Publicou um ensaio sobre embalagens contendo 20 e 30 comprimidos de uso oral, anal, vaginal, interno e externo. Originalmente foi publicado em “*Socialismo e Barbárie*”, uma revista Qualis Z.
- Composição: sódio, magnésio, fosfato de cálcio, fluidos meio verdes, mijo de égua etc...
- É um alquimista, é um vagabundo sem limites.
- *On the road!!!*
- Na certa é um professor, kkkk...
- Artista, ensaísta, desenhista, professorista, ativista, *legalizeeee*.
- Punk?
- Nunca! A polícia está na cola, além disso, punk é *new*.
- Teve escorbuto, doença horrível, perdeu quase todos os dentes.
- Nunca foi doutor e nem será.
- Um doente e mais doentes, morbidade e mortalidade. Assassinar, torturar, ignorar, poluir, acumular e consumir. Governar?
- Branco a branco amarelado, redondo, biconvexo, com a inscrição “Cleydina Dina” em umas das faces e um número na outra.
- Sério isso?
- O corpo sempre apresentando odores e sabores característicos de...
- Fedor horrível!
- Sabonetes? Nem pensar!
- Conheceu Marx pessoalmente. Segundo ele, Marx cheirava à mofo, batata e vestia um único terno desgastado.

— [risos].

— Meio pastor *high tech* com seus templos e suas cotas para o céu.

— Comeu a orelha de Van Gogh.

— Que canibalzinho!

— Esteve em *New York*. Aliás, foi lá que escreveu um manifesto com apenas duas palavras que ninguém compreendeu. Gravou uma demo, violão e voz, raridade, hoje virou *cult*. Item digno de figurar em qualquer coleção *cool* marginal revolucionária.

— Fundou o coletivo OCL, cujo único membro era ele mesmo.

— [risos].

— OCL (Orgias canibais liberadas). Nada de liberal, por favor!

— Quem é exxx?

— O fato é que não existe fato algum!

— Eu?

— Você?

— Nós?

— Doido o dia todo, movido a cafeína da padaria do Roberto. Camarada que nunca cobrava pelo café.

— Proposta escriturística de um intercessor válido. Entrar no entre.

— Conversou com Artaud sobre se matar.

— Vinho barato, sangue, suor e barricadas da vida.

— Um monólogo com a forma desformando...

— O devasso, o imoral, o iconoclasta, o rabugento, o...

— É mesmo um vagabundo sem precedentes!

— Olha, até que enfim se manifestou, o grande sábio, o senhor das falas, das verdades.

— Até Freud o apoiou, só no início, embora com muitas ressalvas. Freud, lógico, desgastado e nervoso rompeu totalmente com elx alegando radicalidade anárquica contra Édipo, algo inaceitável.

— Pichou umas duas ou três igrejas com fezes, foi preso, pego em flagrante. Em seu julgamento rejeitou qualquer advogado, alegou produção artística intestinal fazendo das fezes o ruído dos órgãos. Como ultrapassar a digestão, como rumar para a convalescência?

— Gritou para todos: seus tiranos!

— É um debochado, um ladrão, um cínico!

— Mamãe, mamãe, deus morreu! Mamãe, mamãe um pouco de sujeira nas veias...

— Como pode potencializar tanta vida e depois...

— E aí camarada, tá afim? A veia estufada, em voz rouca, já tresloucada pela heroína, e aí camarada, tá afim? Preciso de mais uma veia, uma única e corpulenta veia para fazer tresloucar os órgãos, no precipício ser o abismo da diferença.

— Vamos dançar a violência da destruição... Ei você aí, você aí... limpinho... kkkk... Poderia o morrer nos livrar do ressentimento diante da morte? Como afirmar o morrer da morte? Como afirmar o ruído, o anti x ou y?

— [KKK]

— Não fale assim, meus dois novos amigos são uma barata e um rato e eu os alimento com as cobras que pesco todos os dias no quintal. Trouxe eles de Portugal em uma passagem relâmpago pelo underground de lá.

— Sim, sim... eu converso com uma barata e com um rato, e sem metáforas... sim, eles são meus, grandes amigos!

— Ei, você aí! Você mesmo, olhe para mim quando falo com você seu nojento revolucionáriopata.

— Dores de cabeça, tontura, sonolência, palpitações, rubor, dores abdominais, náuseas, edema, fadiga, tesão.

— Ei, pula, pula, pula... pula para a vida, respira, voa, sinte o ar atravessar seu corpo.

— Ei, olha como as coisas estão! Não consegue ver, sentir? Qual o futuro?

— Estamos todos paralisados mesmo. Não é você o *no future? No future for you!*

— Veja a paralisia orgânica.

— Autoritários, fascistas!

— Na vida o que é consistente?

— Embora a relevância desses achados seja incerta, as variações da vida podem ser pronunciadas. Existe um risco maior?

— Pula, pula, pula vai... pula da ponte, pula do prédio, pula da janela do hospital. Pula da passarela de Aparecida do Norte...

— Pula, vai, pula seu suicida amante da morte!

— Pulaaaaaaaaaaa...

— Movimentos violentos, talvez seja por aí mesmo. Não procure, sei lá, sinte, experimente, transpire, exploda, viva!

— Lentidão violenta.

— Sim, sim, vou gritar bem alto, desejo a pulga saltitante, desejo o pássaro pula-pula.

- Pular, pula-pula, pular sem sair do lugar.
- Resistência, pular, pular, vida, vida...
- Pular, pulaaaaaaaaaaaaaaaaaarrrrr...

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis**: Punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- ANDERSEN, Mark; JENKINS, Mark. **Dance of Days**: duas décadas de punk na capital do EUA. São Paulo: Edições Ideal, 2015.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Farewell**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ANJOS, Augusto dos. **Antologia Poética**. São Paulo: Publifolha, 1997.
- ANTLIFF, Allan. **Anarquia e arte**: da comuna de Paris à queda do muro de Berlim. São Paulo: Madras, 2009.
- AZEVEDO, Álvares. **Noite na taverna**; Macário. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- BARROS, Lyndia Gomes de. **O Alto José do Pinho por trás do punk rock**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – CAC. Comunicação Social, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.
- BATISTA, Marcelo R. **United Forces**: revirando arquivos: 1986-1991. São Paulo: Ed. Do autor, 2018.
- BEY, Hakim. **TAZ** – Zona Autônoma Temporária. Rio de Janeiro: Rizoma, 2011.
- BILIATTO, Carusa Gabriela Dutra. **A morte e seu duplo**: micropolítica das emoções no II festival Woodgothic. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Nas encruzilhadas da rebeldia**: uma etnocartografia dos straightedges em SÃO PAULO. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- BIVAR, Antônio. **O que é punk**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRANDÃO, Antônio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. São Paulo: Moderna, 2004.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O verde violentou o muro**. 11. ed. São Paulo: Global, 1986.
- CAGE, John. **De segunda a um ano**. 2. ed., 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.
- CAIAFA. **Movimento punk na cidade**: a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CANHÊTE, Daniela Lemes. **Ecos do subterrâneo: a questão da juventude e do movimento punk como subcultura – a década de 80**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

CARNEIRO, Isabel Almeida. Os hypomnemata e os fragmentos da ação através das Notas de tempos inconciliáveis. III semana de pesquisa em artes 10 a 13 de novembro de 2009 art UERJ processos artísticos contemporâneos. **Anais**: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.ppgartes.uerj.br/spa/spa3/anais/isabel_carneiro_302_311.pdf>. Acesso em: 11 set. 2019.

CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no país das maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Filiação intensiva e aliança demoníaca. **Novos Estudos**, v. 77. p.91-126, março de 2007.

COELHO, Patrícia Rodarte Silva Gomes. **BATENDO CABEÇAS: educação estética e política tecidas a partir do Heavy Metal**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado de Minas, Belo Horizonte, 2014.

COGAN, Brian. **The encyclopedia of punk**. New York: Sterling, 2006.

COMO É A VIDA DE UM PUNK CRUST. disponível em <https://www.vice.com/pt_br/article/9k3a83/martine-blue-entrevista>. Acesso em: 03 out. 2017.

COMUNIDADE ANARCO-PUNK GOULAI POLÉ. Anarco-punks. In: MARGINAL, Imprensa (org.). **Semeando a revolta: Anarcopunk na América Latina**. São Paulo: Imprensa marginal editora e distro anarcopunks, 2015. p. 4-12.

CRASS. Quando o Crass voluntariamente atingiu a si mesmo. In: MARGINAL, Imprensa; MASTERS, No gods no (org.). **Eles nos devem uma vida, Crass: escritos, diálogos e gritos**. São Paulo: Imprensa Marginal e No gods no Masters, 2017, p. 29-56.

CRUST AS ORIGENS. Disponível em: <<http://www.revoluta.com/?p=245>>. Acesso em: 12 jun. 2011.

DELEUZE, Gilles. **Anti-Édipo e outras reflexões – AULA de Gilles Deleuze [1980]** (legendado em PT/BR). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wtbLZaOpmDQ>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____. **O Abecedário de Gilles Deleuze – transcrição + vídeo Completo [1988]**. Disponível em: <<http://clinicand.com/2018/06/13/o-abecedario-de-gilles-deleuze/>>. Acesso em: 26 set. 2019.

_____. **Diferença e repetição**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Sacher-Masoch**: o frio e o cruel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 5, 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2002.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 4, 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 1, 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 2, 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2015a.

_____. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, v. 3, 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2015b.

_____. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia, 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DIAS, Rosa Maria. A euforia de Nietzsche em Turim. In: **O que nos faz pensar**. Rio de Janeiro, n. 18, p. 37-44, setembro de 2004.

DINALI, Wesley et al. Corpos-pesquisas cavam o terreno: intensidades do comum. In: DIAS, Susana Oliveira. WIDEMANN, Sebastian; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues (org.). **Conexões**: Deleuze e Cosmopolíticas e Ecologias Radicais e Nova Terra e?. 1. ed. Campinas: ALB/ClimaCom, 2019, p. 277-293.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese em ciências humanas**. Lisboa: Editora Presença, 13. ed. 2007.

EKEROTH, Daniel. **Swedish Death Metal**. New York: Bazillion Points Books, 2008.

FANZINE ABDUÇÃO EXTREMA # 02, 1998.

FANZINE ABDUÇÃO EXTREMA # 08, 2017.

FANZINE ALUCINOISE # 1, 2017.

FANZINE ALUCINOISE #2, 2017.

FANZINE ANALTOMIA UNDERGROUND ESPECIAL GG ALLIN # 1, 1998.

FANZINE ANARCOPUNK LUCIERNAGA # 6, 2010.

FANZINE ANARQUISMO E AUDIVISUAL # 1, 2017.

FANZINE AGNÓSIA # 1, 2011.

FANZINE AGNÓSIA # 02, 2011.

FANZINE BRUXAS ANARKAS # 1, 2016.

FANZINE DEATH CORRUPTION # 3, 2003.

FANZINE DEMÊNCIA # 5, 2012.

FANZINE ENTER THE SHADOWS # 5, 1993.

FANZINE ESPIRAL PUNK # 2, 2017.

FANZINE EXISTÊNCIA FRUSTRADA # 07, 2014.

FANZINE FAGULHA # 1, 2008.

FANZINE INSANITY CRUSTIES # 1, 2011.

FANZINE INSANITY CRUSTIES # 2, 2012.

FANZINE INSANITY CRUSTIES # 3, 2013.

FANZINE I. A. P. # 1 DE LA INTERNACIONAL ANARCO PUNK, 2016.

FANZINE JUVENTUDE LIBERTÁRIA AÇÃO DIRETA # 10, [1996 ou 1997].

FANZINE KUSTURAPATCHE # 2, 2016.

FANZINE LA OCUPACIÓN COMO HERRAMIENTA SUBVERSIVA, [2005?]

FANZINE LINHA DE FRENTE: A INFORMAÇÃO É UMA ARMA!, [2000?].

FANZINE NÁUSE # 1, 2010.

FANZINE NECROFEELINGS # 4, 1999.

FANZINE NECROSIS # 2, 2009.

FANZINE OKUPA, [2001 ou 2002].

FANZINE PEST # 3, 2012.

FANZINE PANKERJI # 1, 2016.

FANZINE POR QUE SOMOS CONTRA A UNIÃO DE PUNKS COM SKINHEADS, 2012.

FANZINE PUX DESCONSTRUINDO O SEXISMO, 2011.

FANZINE PURE NOISE # 1, 2016.

FANZINE PURE NOISE # 2, 2018.

FANZINE RAIOS X # 3, 1998.

FANZINE RUIDO CRUDO # 4, 2010.

FANZINE SHIT # 1, [1995?].

FANZINE STUPID PATRIOTISM # 9, 2015.

FANZINE TOTAL DIS-KORDIA # 2, 2011.

FANZINE UNCUT REALITY# 1, 2018.

FANZINE VISUAL AGRESSION # 6, 2012.

FANZINE VISUAL AGRESSION # 7, 2012.

FANZINE VISUAL AGRESSION # 8, 2012.

FANZINE VISUAL AGRESSION # 9, 2014.

FANZINE VISUAL AGRESSION # 10, 2015.

FANZINE VOICE'S OF THE PEST # 1, 2001.

FANZINE 16A: A TRÁGICA NOITE QUE ENLUTOU O PUNK, 2017.

FEIXA, Carles; PORZIO, Laura. Los estudios sobre culturas juveniles em España (1960-2003). **Revista de Estudios de Juventude**, n. 64, 2004. Disponível em: <<http://www.injuve.es/contenidos.downloadatt.action?id=782328074>>. Acesso em: 02 mai. 2011.

FIGUEIREDO JUNIOR, Jadson Pinto de. **Das cores ao Século XXI**: uma história do movimento pós-punk em Goiânia nos anos de 1980. Goiânia: Kelps, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**; uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal. 8. ed. 1998.

_____. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **O que é um autor?** 3. ed. Lisboa: Passagens/veja, 2002b.

_____. **Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b. v. 5 (Ética, Sexualidade, Política).

_____. **Ditos e Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. v. 3 (Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema).

_____. (Entrevista). **Entre o amor e os estados de paixão**. Disponível em: <espaço Michel Foucault <www.filoesco.unb.br/foucault>. Acesso em: 07 ago. 2010.

FRANÇA, Carlos Eduardo. **A violência dos grupos *skinheads* e a questão da segurança pública**: a instituição policial e o combate aos crimes de intolerância 2001-2011. 2013. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, MARÍLIA, 2013.

GALEANO, Eduardo. A confissão do torturador. In: **Letralivre**. Rio de Janeiro. Ano 10, n. 41, 2004. p. 28-30.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. Punk: cultura e arte. In: **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 24, n. 40, jul./dez. 2008, p.747-770.

GANGZ, Billy Wolf. **My Way**: a periferia de moicano. São Paulo: Selo povo, 2019.

GG ALLIN'S FUNERAL – **The final hellride**, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mk39I_TAqIU>. Acesso em: 28 nov. 2017.

GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2016.

GODOY, Ana. **A Menor das Ecologias**. São Paulo: Ed. da USP, 2008.

GONÇALVES, Paula Vanessa Pires de Azevedo. **Ser punk**: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GREINER, Christine. **Leituras do Corpo no Japão**. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2017.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ÍNTIMO PUNK ESTRAÇALHADO. **Aperiódico Anarco-punk nº 5**. João Pessoa, nov. 2001.

JORNAL MICROFONIA, ano 4, n. 22, João Pessoa, 2014.

JÚNIOR, Carlos Ferreira de Araújo. **A hora da vingança**: astúcia e experiência anarcopunk nas cidades de Campina Grande-PB e João Pessoa-PB (1998-2006). TCC (Graduação em História) - Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

LIMA, Andressa Lídiccy Morais. **Squat**: espaço de sociabilidade e (re)invenção do social. 2009. Disponível em:

<<http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%2050%20%E2%80%93%20Ciudad,%20Cultura%20y%20Procesos%20de%20Segregaci%C3%B3n%20Urbana/GT%2050-%20Ponencia%20%5BLima%5D.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2011.

LIMA, Dellani; IKEDA, Marcelo. **Cinema de Garagem**: um inventário afetivo sobre o jovem cinema brasileiro do século XXI. Fortaleza: SuburbanaCo, 2011.

MARCUS. Greil. **A última transmissão**. São Paulo: Conrad, 2006.

MARGINAL, Imprensa. O movimento anarcopunk e a luta antifascista no Brasil parte 1: anos 90. In: MARGINAL, Imprensa (org.). **Semeando a revolta**: Anarcopunk na América Latina. São Paulo: Imprensa marginal editora e distro anarcopunks, 2015. p. 49-63.

MARGINAL, Imprensa; Masters, No Gods no (org.). **Eles nos devem uma vida**: Crass: escritos diálogos e gritos. São Paulo: Imprensa Marginal & No Gods no Masters. 2017.

MARQUES, Vitor Ótávio Carvalho. **Cultura e ruína**: o punk rock britânico da década de 1980. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

MASOCH, Sacher. **A vênus das peles**. São Paulo: Hedra, 2008.

McNEIL, Legs; McCAIN, Gillian. **Mate-me por favor**: uma história sem censura do punk. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004a. v. 1.

_____. **Mate-me por favor**: uma história sem censura do punk Porto Alegre: L&PM Pocket, 2004b. v. 2.

MELÃO, César Augusto. **O punk sobre o olhar da mídia**: um estudo léxico-discursivo. 2012. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MELNICK, Monte; MEYER, Frank. A. **Na estrada com os Ramones**. São Paulo: Edições Ideal, 2013.

MILLER, Henry. **Sexus**. Rio de Janeiro: Record Editora, 1967.

_____. **Trópico de Câncer**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

MORAES, Everton de Oliveira. **“Deslocados, desnecessários”**: o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba, 1990-2000). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MORAES, Lucas Lopes de. **“Hordas do metal negro”**: guerra e aliança na cena black metal paulista. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MOSCATELLO, Roberto. Necrofilia: uma rara parafilia. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 32. n. 3. set. 2010.

MUDRIAN, Albert. **Eligiendo muerte**: la improbable historia del Death metal y grindcore. NY: Bazillion Points, 2009.

NEVES, Franciele Cristina. **Headbangers e tererê**: a experiência *heavy metal* na tríplice fronteira. Mestrado (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Ecce Homo**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2009a.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009b.

_____. **O Anticristo**. 5ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2017.

NORTE, Augusto Queiroz. **Bakunin**: sangue, suor e barricadas. Campinas: Papyrus, 1988.

O RESTO É RUÍDO. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/ypmg8g/o-resto-e-ruído-v2n4>. Acesso em: 06 nov. 2017.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de. **Os fanzines contam a história sobre os Punks**. Rio de Janeiro: Achiamé. 2006.

OLIVEIRA, Luiz Claudio. **Punk poemas**. Curitiba: Nossa Cultura, 2015.

OLIVEIRA, Valdir da Silva. **O anarquismo no movimento punk**: (cidade de São Paulo, 1980-1990). 2007. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Vantiê Clínio Carvalho de. **O movimento Anarco-Punk**: A identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo urbana juvenil. Natal: Vantiê Clínio Carvalho de Oliveira Editor, 2008.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PATERSON. Direção: Jim Jarmusch. EUA 2016. 1 filme (118 min), K5 International e Amazon Studios, color, DVD.

PELBART, Peter Pál. **Da polinização em filosofia**. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/07/26/da-polinizacao-em-filosofia-peter-pal-pelbart/>>. Acesso em: 11 set. 2019.

PELUSO, André Chaves. **A NOVA FACE DO PUNK**. TCC (Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, 2011.

PEREIRA, Angélica Silvana. **Somos expressão, não subversão! A gurizada punk em Porto Alegre**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PI. Direção: Darren Aronofsky. EUA 1998. 1 filme (85 min), Europa Filmes, PB, DVD.

P.M. **Bolo’Bolo**. Porto Alegre: Editora Deriva, 2006.

PRADEAU, Jean-François. O sujeito antigo de uma ética moderna: acerca dos exercícios espirituais antigos na história da sexualidade de Michel Foucault. In: GROS, Frédéric (Org.). **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004. p. 131-153.

PRADO, Gustavo dos Santos. **“Caminho para a morte na metrópole” – Cultura punk: fanzines, rock, política e mídia (1982-2004)**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RAMONE, Dee Dee. **Coração envenenado: minha vida com os Ramones**. São Paulo: Barracuda, 2004.

REVISTA BIZZ SUPLEMENTO ESPECIAL NEW WAVE, n. 24, São Paulo: Editora Abril, 1987.

REVISTA METALHEAD, ano 4, n. 29, São Paulo: Escala [1999?].

REVISTA OLHO DE PORKO, ano 1, n. 1, São Paulo, Escala [2001 ou 2002].

REVISTA SOM. ano 1, n. 2, São Paulo, Nova Sampa, 1996.

REPORTER, Conexão. **A Tribo Urbana - Parte 1**. 2015. (23m:30s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=AGPam8pPdMs>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

_____. **A Tribo Urbana - Parte 2**. 2015. (23m:30s). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=AGPam8pPdMs>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

RIBEIRO, Eduardo. **Uma história oral do movimento anarcopunk em São Paulo**. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2019.

RIMBAUD, Penny. O último dos Hippies: um romance histórico. In: MARGINAL, Imprensa; MASTERS, No gods no (org.). **Eles nos devem uma vida, Crass: escritos, diálogos e gritos**. São Paulo: Imprensa Marginal e No gods no Masters, 2017a, p. 57-124.

_____. Crass no Roxy. In: MARGINAL, Imprensa; MASTERS, No gods no (org.). **Eles nos devem uma vida, Crass: escritos, diálogos e gritos**. São Paulo: Imprensa Marginal e No gods no Masters, 2017b, p. 139-156.

ROLNIK, Suely. **A hora da micropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2016.

_____. Esquizoanálise e Antropofagia. In: **Gilles Deleuze**. Uma vida filosófica. Éric Alliez (org.). São Paulo: Editora 34, 2000, p. 451-462.

RUDY, Cleber. Nas entranhas da(s) cidade(s): Resistências à organização capitalista da vida urbana. **Historia agora**: a revista de história do tempo presente. 2010. Disponível em: <<http://www.historiagora.com/revistas-antiores/historia-agora-no8/40/143-nas-entranhas-das-cidades>>. Acesso em: 27 mar. 2011.

SÁ, Jonivan Martins de. Discípulos do caos: do black metal como representação da estética pós-moderna. In: Simpósio de Estética e Filosofia da Música – SEFiM/UFRGS. Porto Alegre, v. 1, n.1, 2003. **Anais**: Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/view/60>>. Acesso em: ago. 2019.

SANTOS, Débora Gomes dos. **Vivo na cidade**: a experiência urbana na cultura punk. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Hugo. **Sid Vicious**: o espetáculo punk. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SQUAT KORR-CELL: vídeo beneficente ao squat. Brasil 2010. 1 filme (27 min), color, DVD.

SEXXXUALES, Ludditas. Pequenas instituições para uma ecologia libertária das afetações. In: Waslala (Org.). **De amor e anarquia**: relações libertárias ontem e hoje. Porto Alegre: Editora Deriva, 2012, p. 77-88.

TEIXEIRA, Aldemir Leonardo. **O movimento punk no ABC Paulista**: anjos uma vertente radical. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

TOCALINO, Carolina Dias de Almeida Prado. **'Desigualdade e rebeldia punk no Brasil industrializado'**. 2002. TCC (Graduação em Economia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TRUE, Everett. **Hey ho lest's go**: a história dos Ramones. São Paulo: Mandras, 2011.

UEHARA, Helena. **Joy Division/New Order**: nada é mera coincidência. São Paulo: Landy Editora, 2006.

UNO, Kuniichi. **Guattari**: confrontações/conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2016.

VIANA, Maurício Remígio. **Desapropriando o currículo**: imagem, prática educativa e experiência vivida no movimento anarcopunk. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2012.

VIOLET. Ultra. **Famosos por 15 minutos**: Meus anos com Andy Warhol. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1991.